

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

RAFAEL FELIX DE OLIVEIRA

**Os discursos deles trazem coisas que a gente sofre e conquistas que
aconteceram! Diálogos entre jovens e youtubers LGBTQIA+.**

RIBEIRÃO PRETO – SP

2022

RAFAEL FELIX DE OLIVEIRA

Os discursos deles trazem coisas que a gente sofre e conquistas que aconteceram! Diálogos entre jovens e youtubers LGBTQIA+.

“Versão corrigida”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como parte das exigências para obtenção do título de mestre em Ciências, Área: Educação.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Claudia Balieiro Lodi

RIBEIRÃO PRETO – SP

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

OLIVEIRA, Rafael Felix de

Os discursos deles trazem coisas que a gente sofre e conquistas que aconteceram! Diálogos entre jovens e *youtubers* LGBTQIA+. Ribeirão Preto, 2022.

108 p.: il. ; 30 cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Educação.

Orientador: LODI, Ana Claudia Balieiro.

1. Jovens LGBTQIA+. 2. *Youtubers* LGBTQIA+. 3. Comunidade LGBTQIA+.

OLIVEIRA, R. F. **Os discursos deles trazem coisas que a gente sofre e conquistas que aconteceram!** Diálogos entre jovens e *youtubers* LGBTQIA+. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2022.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Profa. Dra. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Profa. Dra. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

Ao sagrado, cósmico e universal, que, com sincronicidade, apresentou-me o caminho do conhecimento, inspirou-me trajetórias e escolhas, permitindo um percurso de aprendizado e trocas com pessoas únicas.

Aos meus pais, Dirceu e Maria Luci, que, mesmo com baixa escolaridade, sempre me ensinaram o valor dos estudos, em especial minha mãe, que desde sempre incentivou meus irmãos e eu a buscar formação acadêmica, com oportunidade de mudarmos nossas realidades.

Às minhas irmãs, Rosemeire e Rosilene, e ao meu irmão, Diego, que juntos sempre compartilhamos nossos projetos acadêmicos incentivando a trajetória um do outro.

À minha avó Rosalina, que muito me inspirou quando, já em certa idade, voltou à escola para ser alfabetizada, e, em minhas memórias de infância, recordo-me dos momentos que compartilhava comigo suas aprendizagens com seu caderno.

Ao meu avô Ernesto, que não está mais entre nós, mas que um dia me olhou nos olhos e disse que eu deveria lutar pelo que eu queria.

À minha madrinha Meire e à minha tia Conceição (em memória), grandes apoiadoras de meus projetos e sonhos, que me acolheram sempre com muito amor, e a minhas primas e primos, que também sempre torceram por minhas conquistas.

À madrinha Imaculada e à prima Adriana, que sempre me colocaram em suas orações desejando meu sucesso.

Aos amigos que sempre me apoiaram nesse percurso, em especial Wilian Cabral, que muito contribui com nossas conversas sobre a comunidade e sobre ser LGBTQIA+.

Às mestras e aos mestres que contribuíram para minha trajetória de formação, desde a educação básica até o teatro e a faculdade. As lembranças de vocês ecoam em mim como referências para meu trabalho docente.

Aos integrantes, parceiras e parceiros, do Grupo de Estudos e Pesquisa de Mikhail Bakhtin e suas contribuições: João Vítor, Raissa, Rafaela, Tainara (obrigado pelos nossos almoços no restaurante universitário) e Vanessa (obrigado pelas suas dicas na reta final).

Aos amigos do grupo “bricolagem”, pela amizade que formamos ao longo das disciplinas para cumprimento de créditos no programa.

Aos docentes do programa que ofereceram excelentes disciplinas, agregaram muito na minha formação e sempre acolhem os novos pós-graduandos do departamento com muita receptividade.

Aos participantes (sujeitos) da minha pesquisa, pois sem eles não seria possível desenvolvê-la.

Aos membros da banca, Elmir de Almeida, Celia Regina e Leonardo Peluso, pelas contribuições com a minha pesquisa, que enriqueceram o meu trabalho.

Aos que foram, são e serão meus alunos, os quais me fazem ser apaixonado pela docência e contribuem para o meu crescimento pessoal e profissional.

A todos que lutaram e lutam pelos direitos da comunidade LGBTQIA+. Luta de hoje é para que as gerações futuras possam viver em uma sociedade que entenda a diversidade como parte constitutiva da sua beleza.

À minha orientadora, Ana Claudia Balieiro Lodi, que acreditou no meu projeto de pesquisa e com a qual aprendo sempre. Obrigado pelo apoio e acolhimento diante das dificuldades enfrentadas neste processo e pelo seu profissionalismo.

RESUMO

OLIVEIRA, R. F. **Os discursos deles trazem coisas que a gente sofre e conquistas que aconteceram!** Diálogos entre jovens e *youtubers* LGBTQIA+. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2022.

Nas últimas duas décadas, com os avanços das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), novos atores sociais – e, com eles, relações sociais – emergiram nas interações em redes sociais e plataforma de vídeos. Entre os nichos de público existentes, encontramos os *youtubers* LGBTQIA+, que se dedicam às temáticas e pautas da comunidade LGBTQIA+, dialogando com jovens a partir de vídeos em seus canais. Nesse contexto, esta pesquisa, desenvolvida a partir da concepção de linguagem do Círculo de Bakhtin, teve como objetivo geral compreender como jovens LGBTQIA+ dialogam com os discursos enunciados por *youtubers* LGBTQIA+ em seus respectivos canais. Como objetivos específicos, buscou-se conhecer quem são *youtubers* LGBTQIA+ para os jovens que participaram da pesquisa; como eles se tornaram seguidores desses *youtubers* e por quais motivos seguem determinados *youtubers* ao invés de outros. Para a construção desta pesquisa, inicialmente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica visando compreender a historicidade das TICs, bem como do coletivo LGBTQIA+, e suas relações com a tecnologia. Para a pesquisa de campo, a coleta de dados se deu por intermédio de um grupo de discussão, que possibilitou que os sujeitos fossem analisados no contexto histórico em que estavam imersos. A análise de dados se orientou pela Análise Dialógica do Discurso (ADD), que permitiu compreender os sentidos construídos no grupo sobre a temática da pesquisa a partir das interações verbais nele constituídas. Concluiu-se que as formas de diálogos entre jovens e *youtubers* LGBTQIA+ são únicas e particulares, uma vez que cada sujeito é constituído por múltiplas vozes sociais, que estão em diálogo com tantas outras, em um processo contínuo e inacabado. O percurso da aproximação, ou do distanciamento, dos jovens, até tornarem-se seguidores dos *youtubers* LGBTQIA+, dá-se pelos diálogos com os enunciados dos vídeos que envolvem temáticas da comunidade LGBTQIA+, em que o posicionamento do *youtuber* deve ser alinhado ao horizonte socioideológico da comunidade, ampliando estes debates.

Palavras-chave: Jovens LGBTQIA+. *Youtubers* LGBTQIA+. Comunidade LGBTQIA+.

ABSTRACT

OLIVEIRA, R. F. **Their speeches bring things that we suffer and achievements that happened!** Dialogues between young people and LGBTQIA+ youtubers. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2022.

In the last two decades, with the advances in Information and Communications Technologies (ICTs), new social actors – and, with them, social relationships – have emerged in interactions on social networks and video platforms. Among the existence of audience niches, we find the LGBTQIA+ youtubers, who are dedicated to the themes and agendas of the LGBTQIA+ community, dialoguing with young people through videos on their channels. In this context, this research, developed from the conception of language of the Bakhtin Circle, had the general objective of understanding how LGBTQIA+ young people dialogue with the speeches given by LGBTQIA+ youtubers on their respective channels. As specific objectives, we sought to know who are LGBTQIA+ youtubers for the young people who participated in the research; how they became followers of these youtubers and why they follow certain youtubers over others. For the construction of this research, initially, a bibliographic research was carried out in order to understand the historicity of ICTs, as well as the LGBTQIA+ movement, and its relations with technology. For the field research, data collection took place through a discussion group, which allowed the subjects to be analyzed in the historical context in which they were immersed. Data analysis was guided by the Dialogical Discourse Analysis (DDA), which allowed us to understand the meanings built in the group on the research theme from the verbal interactions built in the group. The research concluded that the forms of dialogue between young people and LGBTQIA+ youtubers are unique and particular, since each subject is constituted by multiple social voices, which are in dialogue with so many others, in a continuous and unfinished process. The path of approximation, or detachment, of young people, until they become followers of LGBTQIA+ youtubers, is given by the dialogues with the statements of the videos that involve themes of the LGBTQIA+ community, in which the positioning of the youtuber must be aligned with the socio-ideological horizon of the community, expanding these debates.

Keywords: LGBTQIA+ youth. LGBTQIA+ youtubers. LGBTQIA+ community.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABGLT	Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis
AIDS	Acquired Immunodeficiency Syndrome (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida)
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
EUA	Estados Unidos da América
FFCLRP	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
FFLCH	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexual e Transgêneros
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexual, Transgêneros, Queers, Intersexuais, Assexuados e +
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
ONGs	Organizações Não Governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
TICs	Tecnologias da Informação e Comunicação
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
TGEU	ONG Transgender Europe
USP	Universidade de São Paulo
URSS	União das Repúblicas Socialistas e Soviéticas

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 – A TECNOLOGIA E A SOCIEDADE EM REDE.....	18
1.1 Uma Sociedade conectada em rede e o capital informacional	19
1.1.1 Tecnologia e os coletivos sociais	23
1.2 <i>YouTube</i>	27
1.2.1 <i>YouTube</i> : cultura participativa e mídia de massa.....	29
1.2.2 <i>Youtubers</i>	32
CAPÍTULO 2 - COLETIVO LGBTQIA+ NO BRASIL: PERCURSO HISTÓRICO...42	42
2.1 A homossexualidade nas sociedades pré-industriais às industriais	42
2.2 Homossexualidade no mundo moderno	45
2.3 Movimento LGBTQIA+ no Brasil: percurso histórico.....	49
2.3.1 As conquistas dos últimos 20 anos.....	58
CAPÍTULO 3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....60	60
3.1 Grupo de Discussão	61
3.2 Coleta de dados.....	63
3.3 Participantes da pesquisa	65
3.4 Análise de dados	66
3.5 Aspectos éticos.....	68
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS DADOS.....69	69
4.1 As relações discursivas na construção da sexualidade	69
4.2 O encontro dos participantes com os <i>Youtubers</i>	77
4.3 A capa, a palavra e a pessoa.....	81
4.4 O que define um <i>youtuber</i> LGBTQIA+?.....	86
4.5 A relação do <i>youtuber</i> com a comunidade LGBTQIA+.....	90
4.6 Tensões discursivas entre os jovens e os discursos dos <i>youtubers</i>	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
REFERÊNCIAS	102
APÊNDICES	106
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	107

APRESENTAÇÃO

*“Don't hide yourself in regret
Just love yourself and you're set
I'm on the right track baby
I was born this way”
Born this way – Lady Gaga¹*

De forma a situar o leitor em relação aos caminhos que levaram a esta pesquisa, começo esta dissertação com uma breve apresentação pessoal seguida de minha trajetória formativa até o mestrado. Situar o leitor sobre minha história e de que lugar eu enuncio, inicialmente, oferece uma maior completude das páginas que irá ler a seguir.

Nasci na cidade de Ribeirão Preto, interior do estado de São Paulo, onde também morei durante toda a minha vida até o presente momento. Sou homem gay cisgênero. Meus pai e mãe cresceram na roça e, jovens, mudaram-se para esta cidade, conheceram-se e se casaram. Meu pai (pedreiro) não chegou a completar os estudos, e minha mãe (dona de casa e diarista) terminou com mais 40 anos de idade pelo EJA, entretanto, sempre incentivaram que nós, filhos, dedicássemos-nos aos estudos, como instrumento de transformação de nossas realidades.

Minha formação básica, da educação infantil ao Ensino Médio, deu-se em escola pública. Mesmo diante da baixa qualidade da educação pública em nosso país, desejava, ainda no Ensino Médio, fazer Faculdade e, de longe, pensava em ser professor. Nesse período, já vivia na escola os conflitos e tensões em torno da minha sexualidade e vivia constantemente a violência de outros estudantes, por não me enquadrar nos padrões heteronormativos.

Ao término do ensino regular, iniciei-me em cursos de teatro de minha cidade, no projeto Ribeirão em Cena, no qual, por anos, desenvolvi-me na carreira artística, obtendo mais tarde o registro profissional (DRT). Já se vão 20 anos de teatro em minha vida, e foi a arte que me permitiu vislumbrar largos horizontes a minha frente. Com 23 anos, realizei a avaliação do Enem, na época, e me inscrevi para o programa do governo federal, o PROUNI, no qual pleiteei vagas em cursos de pedagogia e letras, motivado em fazer uma licenciatura que pudesse ampliar meu entendimento de como o teatro poderia ser mais bem aproveitado no contexto escolar. Fui aprovado e iniciei meus estudos no curso de pedagogia do Centro Universitário Moura Lacerda em minha cidade.

¹ Tradução: “Não se esconda em arrependimento/ Apenas se ame e ficará bem/ Eu estou no caminho certo, baby/ Eu nasci assim.” Trecho da letra da música *Born this way*, da cantora Lady Gaga.

A graduação foi um mundo de descobertas e foi nela que entendi que poderia ir mais longe, tornando-me pesquisador. Particpei do Programa de Iniciação Científica (PIC) com a pesquisa: *A arte como processo educativo: um estudo sobre a prática do teatro em uma escola pública* (2013). Desde então, o mestrado tornou-se minha nova meta. Terminando o curso de Pedagogia, decidi continuar minha formação docente e cursei Licenciatura em Filosofia, adiando um pouco o projeto do mestrado. Ao longo dessa trajetória, as questões de sexualidade e gênero sempre se fizeram presentes em minha vida, logo sendo eu uma pessoa LGBTQIA+.

Desde 2010, eu já trabalhava como professor, inicialmente de teatro e, mais tarde, na formação de jovens para programas de formação para o trabalho – estes eram contextos de educação não escolar. Em 2018, ingressei como professor de história e filosofia no Ensino Médio, e meu contato com jovens e adolescentes fez com que eu me deslocasse ao universo deles, já que sentia dificuldade de dialogar com eles nas aulas e queria poder acessar esse universo e aproximar-me dos meus alunos. E, nestas tentativas, foi quando, pela primeira vez, ouvi falar dos *youtubers*. Um dia, um aluno me contou que iria à Feira do Livro, evento anual da cidade, para comprar um livro sobre *youtubers*, pois ele queria ser um *youtuber*. Achei, a princípio, algo bobo, mas decidi assistir aos *youtubers*, de forma que isso poderia me fazer compreender melhor o universo deles.

Foi quando, nas minhas pesquisas, deparei-me com *youtubers* LGBTQIA+. Eram jovens que debatiam temas sobre sexualidade e gênero, de forma livre e aberta, no *Youtube*, onde todos poderiam acessar. Enquanto homem gay, a temática era ainda cheia de tabus e, vendo aqueles jovens, passei a dialogar com minha história, meu passado e presente. Na minha infância e adolescência, falar abertamente sobre homossexualidade era tão cheio de tabus nas mídias, recordava-me de Cazusa, Lauro Corona e Renato Russo, além dos comentários que os acercavam sobre sua sexualidade e a epidemia do HIV. Minhas referências eram marcadas por histórias exploradas pela mídia de forma pejorativa, o que fazia com que a minha geração muitas vezes tivesse que se esconder.

Aqueles jovens *youtubers* me pareciam revolucionários, e passei a me questionar como os jovens percebiam esse acontecimento. Em 2017, cursando, como aluno especial, a disciplina “Educação, Linguagens e Culturas: a diversidade constitutiva das escolas regulares e de espaços educacionais bilíngues”, ministrada pela minha orientadora Ana Lodi, pude me aproximar mais dos pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin e percebi que existia ali espaço para uma pesquisa de campo que permitiria olhar para os discursos dos *youtubers*. A concepção de linguagem do Círculo permitiria uma análise dessas relações a partir dos discursos dos *youtubers* LGBTQIA+, nas tensões e diálogos com os jovens.

Convidado a participar do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Círculo de Mikhail Bakhtin, coordenado por Ana Lodi, permitiu-me amadurecer o projeto de pesquisa, até que, em 2018, ingressei no programa de Pós-Graduação em Educação da FFCLRP – USP. Aos poucos a pesquisa foi tomando formato, perseguindo um caminho que buscava compreender melhor a relação entre os jovens e os *youtubers* LGBTQIA+, os diálogos entre eles a partir dos pressupostos teóricos daquele grupo de pensadores russos. Mas, ao adotar a perspectiva do Círculo, era necessário dar voz aos jovens, ir a campo e dialogar com eles para compreender essas relações na sua complexidade. Foi assim que a presente pesquisa se concretizou.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa surge em meio ao atual contexto histórico, em que se observa que as tecnologias, além de imporem transformações sociais profundas, cada vez mais se entrelaçam à vida dos sujeitos. Reconhece-se que o desenvolvimento tecnológico marcou a história do homem e os episódios históricos corroboram com essa compreensão, especialmente ao se observar as criações/invenções que o homem desenvolveu e que impactaram e ainda têm impactado suas relações em sociedade e com o planeta.

Contudo, durante o século XX, o avanço nas pesquisas e na produção de novas tecnologias, motivadas pelo capital e poder do Estado, acelerou transformações nos meios de produção, levando a sociedade a se reorganizar diante de novos cenários. Destacam-se, nas últimas duas décadas do século XX, nas esferas da literatura e do cinema, discursos que indicavam que, por intermédio das tecnologias computacionais, estaríamos vivendo hoje um futuro com viagens espaciais, carros voadores e residências automatizadas, por exemplo. Embora nem tudo tenha (ainda) se concretizado, é certo que as novas tecnologias da comunicação modificaram as formas de interações sociais, principalmente as daqueles sujeitos que já nascem imersos nestes contextos de transformações.

O início do século XXI foi marcado pela chegada das redes sociais e das plataformas de compartilhamento de conteúdo audiovisual, que, com o refinamento das novas tecnologias computacionais das décadas anteriores, foram gradativamente tornando-se mais acessíveis à sociedade, convertendo-se em um elemento do cotidiano (LEVY, 1999; CASTELLS, 2021a). Nelas, surgem novos atores sociais, chamados de influenciadores digitais, que passam a dialogar com o público jovem, que se tornam seus seguidores nas redes sociais e plataformas de compartilhamento de vídeos. Destacam-se, nesse contexto, os *youtubers*, criadores de variados e diversos conteúdos na plataforma de vídeos *YouTube*. Entre a diversidade de temáticas e formas de abordá-las, há aqueles profissionais que se dedicam a discutir questões pautadas pelos movimentos sociais de diferentes grupos minoritários, como os coletivos negro, feminista, LGBTQIA+, entre outros.

Do lugar que ocupa como homem gay, o pesquisador se inquietou com o surgimento dos *youtubers* LGBTQIA+, particularmente com os discursos por eles enunciados e pelos diálogos estabelecidos com seus seguidores sobre gênero e sexualidade, temáticas que antes não eram discutidas nas mídias de massa e que passaram a ser abertamente debatidas nos canais do *YouTube* – por jovens e para jovens, em canais facilmente acessíveis na internet, independentemente de onde as pessoas se encontrarem.

O pesquisador percebeu tratar-se, assim, de um fenômeno novo que se opunha a tudo o que ele havia vivido em sua adolescência, na década de 1990, quando questões de gênero e de sexualidade eram tabus e, ao serem enunciadas, carregavam-se de muito preconceito e desinformação, que, pautadas em um discurso determinista religioso e machista, relacionava a homossexualidade à epidemia do HIV. No novo cenário, esses diálogos eram tratados a partir das experiências pessoais e das pautas em curso nas e pelas comunidades LGBTQIA+.

Diante desse fenômeno que se revelava ao horizonte do pesquisador, concebeu-se esta pesquisa, que tem como objetivo geral compreender como jovens LGBTQIA+ dialogam com os discursos enunciados pelos *youtubers* LGBTQIA+ em seus respectivos canais. Como objetivos específicos, visou-se, com esta pesquisa, conhecer quem são *youtubers* LGBTQIA+ para os jovens que participam da pesquisa; como eles se tornaram seguidores destes *youtuber*; e quais as razões que os levam a seguir determinados *youtubers* ao invés de outros. Para seu desenvolvimento, assumiu-se os pressupostos teóricos dos autores do Círculo de Bakhtin, dos quais se tomou emprestado, para a construção do objetivo da pesquisa, o conceito de diálogo.

Para Faraco (2009), o conceito de diálogo ganha vários sentidos a depender do contexto em que é utilizado: pode ser a forma composicional, em uma narrativa escrita, de uma conversa entre dois personagens; pode representar uma sequência de fala de personagens em um texto dramático; pode constituir-se em uma interação face a face em uma conversação cotidiana. Esses exemplos podem ser compreendidos como tipos simples e visíveis de diálogo. Mesmo reconhecendo esses discursos como diálogos, da mesma forma como compreendido no discurso do senso comum, o interesse dos autores do Círculo volta-se para o diálogo “como um espaço em que mais diretamente se pode observar a dinâmica do processo de interação das vozes sociais [...], com o complexo de forças que nele atua e condiciona a forma e as significações do que é dito ali (FARACO, 2009, p. 61).

Desse modo, embora se considere e enfatize as particularidades dos contextos de produção dos enunciados, as interações cotidianas, as obras literárias, os textos filosóficos são tratados, pelos autores do Círculo, “como eventos da grande interação sociocultural de qualquer grupo humano; como espaços de vida da consciência socioideológica; como eventos atravessados pelas mesmas grandes forças ideológicas” (FARACO, 2009, p. 62).

Do conceito de diálogo assim compreendido, decorre o conceito de dialogia, que pode, portanto, ser entendido como sendo as “relações de sentido que se estabelecem entre enunciados” (FARACO, 2009, p. 63), que podem estar próximos (como na interação face a face) ou distantes no tempo e no espaço; implica, portanto, em processos tensos e dinâmicos que podem apontar para consensos e dissensos. Compreende-se, assim, que a dialogia se revela

no processo tensional que se estabelece entre os enunciados, na relação de sentidos entre eles, considerando-se o tempo e o espaço nos quais foram produzidos.

É assim, neste contexto histórico e a partir dos princípios teóricos do Círculo de Bakhtin, que se insere a presente pesquisa. Para sua construção, no primeiro capítulo, o pesquisador se dedicou a estudar o fenômeno da rede mundial de computadores e suas implicações nas estruturas sociais a partir das discussões de Manuel Castells Olivan (2021a, 2021b) e Pierry Levi (1999). Castells (2021a, 2021b), partindo de estudos que se voltam para a sociedade conectada em rede, visou compreender como as novas tecnologias da informação (TICs) interferiram nas estruturas sociais e suas implicações para os movimentos sociais. O autor compreende que a globalização e a informação promoveram transformações nas formas de organização social e na concepção das pautas identitárias, dando origem a novas formas de se tensionar o discurso social hegemônico. Nessa mesma direção, caminham os estudos de Levy (1999) sobre a internet, a inteligência artificial e sua relação com o conhecimento diante do novo paradigma da era da informação. Para ele, a democratização da informação e do conhecimento pelo ciberespaço deu origem à cibercultura, pois, ao compreender cultura como produção humana mediada pela linguagem, entende que as novas formas e modos de interações entre os sujeitos na construção de conhecimento surgem a partir das relações no ciberespaço.

Uma vez situado o percurso histórico, buscou-se entender a gênese da plataforma *YouTube*, como surgiu e para quais objetivos e funções. Burgess e Green (2009) permitiram compreender os propósitos iniciais e as transformações que foram ocorrendo diante das demandas apresentadas pelos usuários no decorrer dos anos e como, nesse cenário, surgiram os criadores de conteúdos da plataforma, os *youtubers*.

O capítulo dois foi dedicado a investigar o percurso histórico da homossexualidade e os projetos de repressão que se constituíram ao longo da história. Com Okita (2007), foi resgatado o conceito de comunidades fundacionais e a origem da propriedade privada, e como eram percebidas as questões de gênero e as transformações ocorridas nesses percursos, até chegar na idade moderna. Aproximando as discussões da história do Brasil, a partir de Green (2000), procurou-se entender como essas discussões se entrelaçam com a cultura brasileira, estabelecendo relações desde o final do século XIX com as charges grotescas carregadas de estereótipos da homossexualidade, passando pelo carnaval e pelas contribuições na cultura popular, até chegar nas revistas e jornais da militância gay na década de 1970. A partir deste ponto, Facchini (2002, 2003) contribuirá para a compreensão da gênese do movimento LGBTQIA+ no Brasil e das tensões vivenciadas no momento de formação e discussão da militância.

Após esse levantamento bibliográfico, no capítulo três, será apresentada a maneira como a pesquisa foi delineada e desenvolvida: o grupo de discussão como instrumento para a coleta de dados, a organização do grupo e a forma como ele foi desenvolvido, quem foram os participantes e a maneira como foi realizada a análise dos dados.

Em seguida, no capítulo quatro, os dados do grupo de discussão foram apresentados e analisados à luz da Análise Dialógica do Discurso e revelaram os diversos sentidos nos enunciados dos jovens participantes da pesquisa sobre as formas como dialogam com os discursos enunciados pelos *youtubers* LGBTQIA+, quais posicionamentos esperam deles diante das pautas da comunidade LGBTQIA+ e outras minorias, bem como as transformações de sentidos ocorridas no decorrer das relações ocorridas no processo do grupo.

Para finalizar, serão apresentadas as considerações finais e as referências utilizadas para a construção da pesquisa.

CAPÍTULO 1

A TECNOLOGIA E A SOCIEDADE EM REDE

Em 1989, foi lançado o filme *De volta para o futuro II*². Nesse filme, o roteirista e o diretor nos apresentam um futuro com carros voadores, dispositivos de comunicação de alta tecnologia, casas automatizadas, entre outros elementos, resultado de uma revolução tecnológica; uma projeção de um futuro em que a tecnologia é extremamente avançada, eixo da sociedade do futuro. O ano visitado foi 2015. Desde o lançamento do filme, passaram-se 32 anos, enquanto hoje se está a sete anos à frente da data visitada. O “futuro” chegou. A estética futurista na arquitetura e na moda não se concretizou exatamente como vislumbrado no filme, mas a tecnologia tomou conta do nosso cotidiano. Ficamos boa parte dos dias conectados, parte considerável do nosso dia é resolvida pelos *smartphones*, que hoje, uns mais e outros menos avançados tecnologicamente, tornaram-se mais acessíveis para grande parte da população.

Isso tudo é parte de um processo histórico que começou a ser delineado no final do século XX e no início do século XXI, que foi e está sendo marcado por diversas transformações das relações produtivas, decorrentes dos avanços tecnológicos que promovem um movimento intenso, acelerado, dialético e dialógico entre base e superestrutura. Pode-se dizer assim, que se vivencia hoje, neste processo transitório, os produtos dessas transformações tecnológicas, sociais e culturais, que recepcionam novas gerações e que ressignificam o mundo.

Essa ressignificação das relações culturais e sociais, nesta pesquisa, será compreendida pelo olhar teórico dos autores do Círculo de Bakhtin, uma vez que se compreende cultura e relações sociais como indissociáveis de linguagem. Para o Círculo, as relações linguísticas constituem uma rede dialógica ininterrupta de trocas constantes de sentidos e significados, por meio dos discursos onde se estruturam ideologias e subjetividades (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2009). Por essa perspectiva teórica, a presente pesquisa busca compreender fenômenos da modernidade nas interações de sujeitos com o *YouTube*.

² *Back to the Future II* (título original em inglês) é um filme símbolo da cultura pop dos anos 1980, produzido em 1985 e dirigido por Robert Zemeckis. O filme conta a história de um adolescente entediado, Marty McFly (Michael J. Fox), e seu melhor amigo, um cientista maluco e muito criativo, Dr. Brown (Christopher Lloyd), que inventou uma máquina do tempo. Dr. Brown volta do futuro e leva Marty até 2015 para impedir que seu filho seja preso. Marty e o Doutor devem ter cuidado e serem rápidos para impedir que o presente e o futuro sejam alterados pelos acontecimentos.

1.1 Uma Sociedade conectada em rede e o capital informacional

A princípio de análise, faz-se necessário considerar as transformações tecnológicas dos últimos 500 anos. Pode-se dizer que a humanidade passou por muitas transformações e que, à medida que a tecnologia avançava, mais rápido elas ocorriam. Fato é que a Revolução Industrial (século XVIII-XIX) já foi superada pela revolução tecnológica (CASTELLS, 2021a; SANTOS, 2001). Para compreendê-la, no entanto, faz-se necessário retomar, mesmo que brevemente, alguns marcos dessa primeira Revolução, que teve seu início na segunda metade do século XVIII, com a substituição de ferramentas manuais por maquinário (máquina a vapor e fiadeiras, por exemplo). A segunda fase dessa revolução aconteceu quase 100 anos depois, no século XIX, e teve como marcos o uso da eletricidade, a invenção do motor de combustão, o uso de substâncias químicas com base em descobertas científicas e o início das tecnologias da comunicação, como telefone e telégrafo (CASTELLS, 2021a). Foi nesse cenário de transformações dos meios de produção que muitas outras microinvenções surgiram em diversas áreas, como por exemplo, na agropecuária, na busca de aumentar a produção e a capitalização. Pode-se dizer, portanto, que a revolução industrial, de certa forma, foi marcada pelo desenvolvimento de novas tecnologias.

Essas transformações nas bases produtivas levaram ao êxodo rural, a partir do qual houve uma migração em massa de famílias do campo para cidade, gerando várias tensões e conflitos no novo ambiente, e essas famílias, agora, tinham que se adaptar aos novos modos de vida, bem como a ocupação de espaço, higiene e convivência entre diversos sujeitos de culturas distintas. Assim, o período é marcado por transformações nos aspectos socioculturais, já que a revolução afeta a vida e suas relações, dando origem a uma cultura urbana para aqueles que agora trabalhavam nas indústrias morando nas cidades.

Assim, não é diferente quando falamos da Revolução Tecnológica, e Castells (2021a) nos permite compreender, a partir de alguns marcos históricos, a transição da sociedade industrial (marcada pela Revolução Industrial) para uma sociedade em rede (marcada pela Revolução Tecnológica). Foi durante a Segunda Guerra Mundial que surgiu o primeiro computador com fins de estratégia de guerra, fato que é impulsionado pelo Estado Americano. Na década de 1970, o mapeamento genético, o desenvolvimento biotecnológico e a difusão das tecnologias da informação impulsionaram novas pesquisas e descobertas. No final da década de 1980 e no início da de 1990, os computadores começaram a ganhar os domicílios, ainda que apresentassem limitações na sua usabilidade. Foi apenas no final da década de 1990 que a internet ganhou alcance e começou a expansão da rede.

Entende-se, assim, que as novas tecnologias estão em interface (CASTELLS, 2021a). Para o autor, as tecnologias da informação, que tiveram início com o surgimento da internet e a gradual acessibilidade a elas pela sociedade, promoveram uma dinâmica, que acabou por colocar em constante relação as diversas tecnologias, criando um cenário dinâmico de mudanças, descentralizando produção, redefinindo tempo e espaço. Para Castells (2021a), essa relação entre tecnologias é por ele conceituada como *Sociedade em Rede* que, por analogia, pode ser compreendida como se fossem vários nós interconectados por onde as informações transitam – fluxos. É justamente este fluxo de informações que caracteriza a sociedade atual na *Era da informação*, período histórico social marcado pela intensa e constante interação de sujeitos em rede em troca de informações (conhecimento tecnológico, científico, filosófico, artístico, popular etc.). Assim, entramos no terceiro e também relevante conceito para o autor, o *Capitalismo informacional*, por meio do qual se entende que, em uma sociedade em que circula muita informação, deter informações do campo tecnológico e científico é deter capital.

Em síntese, Castells (2021) defende os conceitos *Era da Informação*, *Capitalismo Informacional* e *Sociedade em Rede* em três aspectos:

[1] informação como matéria-prima: *são tecnologias para agir sobre a informação [...] [2] penetrabilidade dos efeitos das novas tecnologias*. Como a informação é parte integral de toda atividade humana, todos os processos de nossa existência individual e coletiva são diretamente moldados (embora com certeza não determinados) pelo meio tecnológico [...] [3] *lógica de redes [...] necessária para estruturar o não estruturado, porém preservando a flexibilidade, pois o não estruturado é a força motriz da inovação na atividade humana* (CASTELLS, 2021a, p. 124, grifos do autor).

Ou seja, no capitalismo informacional, a informação tem alto valor: a bolsa de valores opera não pelo lucro das empresas, como era no capitalismo industrial, mas sobre o valor que elas têm; com isso, empresas de tecnologia possuem alto valor de mercado na bolsa de valores (*Google, Uber, Facebook* etc.). Assim, a lógica da rede, das tecnologias da informação, passa a afetar nossas relações em sociedade, em uma relação dialética, promovendo transformações culturais em torno de todo o globo terrestre.

Quando Castells diz que “a informação é parte integral de toda atividade humana” (2021a, p. 124), compreende-se que ele está tratando informação como linguagem/cultura humana. Informação é a produção de conhecimento realizada pelo homem, em suas diversas áreas, resultado da cultura humana que se constitui na linguagem. Sendo assim, tratar a revolução tecnológica apenas de forma material, sem considerar o humano que afeta e é afetado nesse processo, seria um equívoco.

Nessa mesma direção, Lévy (1999), pesquisador e filósofo, dedicou seus estudos a compreender este período de transformações advindas da Revolução Tecnológica observada por Castells. Lévy (1999) introduz o conceito de *ciberespaço*, termo emprestado de Willian Gibson presente no romance *Neuromante*, para descrever o encontro entre seres humanos (usuários), materiais (computador, por exemplo) e informação, em uma rede de relações e trocas contínuas, em um espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Para que esta relação se efetive, Lévy, assim como Castells (2021a), destacou a importância da tecnologia da informação: programas ou *softwares* a fim de ser viabilizada a constituição desta rede. Os autores concebem o mesmo fenômeno a partir de seus olhares, tomando o *ciberespaço* enquanto local/espaço e *sociedade em rede* enquanto consequência da interconectividade.

O autor também introduz o conceito de *cibercultura*, produto das interações entre os sujeitos no ciberespaço. Lévy (1999) entende que a cultura é uma produção humana, isto é, produção dos sujeitos em sua relação com os instrumentos e produto da criação humana e de suas representações simbólicas, logo mediada pela linguagem. Ou seja, os instrumentos e objetos, resultado da transformação cultural humana, constituem uma materialidade cujos sentidos, construídos pela linguagem, estão em intrínseca relação com o contexto e com as relações sociais que o homem nele estabelece. Para o autor, não se pode separar o ser humano de sua realidade material e buscar compreendê-lo sem levar em conta a linguagem, à medida que apenas pela linguagem é possível ao homem atribuir sentido à vida e à existência no mundo.

Da mesma forma, não podemos separar o mundo material – e menos ainda sua parte artificial – das ideias por meio das quais os objetos técnicos são concebidos e utilizados, nem dos humanos que os inventam, produzem e utilizam. Acrescentemos, enfim, que as imagens, as palavras, as construções de linguagem entranham-se nas almas humanas, fornecem meios e razões de viver aos homens e suas instituições, são recicladas por grupos organizados e instrumentalizados, como também por circuitos de comunicação e memórias artificiais (LÉVY, 1999, p. 22).

Neste ponto, podemos estabelecer relações com escritos de Bakhtin, cujo foco recaiu sobre o ser humano, sobre a sua existência. Segundo Fiorin (2018, p. 20), “sua filosofia não constituirá leis gerais, mas uma fenomenologia dos eventos”, ou seja, ele olha para a unicidade da existência humana, para seu ato (ação), mas este ato não é solitário, é direcionado ao outro, ao que não sou eu. São duas singularidades, universos particulares com suas histórias e valores que se contrapõem um ao outro, ambos constituindo-se em interações dialógicas (LODI, 2017). Isso é possível por meio da linguagem, ou seja, aos sentidos e significados que se atribui ao mundo nessas relações.

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana (BAKHTIN, 2003, p. 261).

Para os autores do Círculo de Bakhtin, a linguagem transpassa todos os campos de atividade humana, constituindo o que chamamos de culturas humanas. Sendo o uso desta multiforme, independente da tecnologia (mídia) usada nesta interação, pode-se compreender que esta cadeia ininterrupta e dialógica de interações entre os sujeitos se ocupa assim, também, nas redes sociais, fato que permite colocar em relação a teoria do Círculo com os estudos de Castells (2021a, 2021b) e Lévy (1999). Sendo assim, como sujeitos da linguagem, atribuímos significados e sentidos a nossa existência por meio dela, mas também às tecnologias da informação em seu uso no cotidiano. Essas tecnologias nos cercam nas atividades domésticas, de trabalho, nos estudos, lazer, arte etc., ou seja, a linguagem constitui-se como reflexo e refração da realidade.

Nesse sentido, entende-se a relação intrínseca entre cultura e linguagem discutida pelo Círculo. É ainda por meio da linguagem que nos constituímos e nos relacionamos com outros, cujos olhares nos são constitutivos nos diferentes campos de atividade humana. Para o Círculo, essa relação constitutiva se compreende na relação entre o eu e o outro: “o eu-para-mim (representação que o eu faz sobre si próprio), o eu-para-outro (representação do eu devolvida pelo outro ao sujeito) e outro-para-mim (representação que o eu constrói do outro)” (LODI, 2017, p. 33). Ou seja, a vida expressiva do sujeito é vivenciada internamente, através dos sentidos e sensações, o outro me vê e experiencia de fora, devolvendo-me um acabamento da minha totalidade (BAKHTIN, 2003), a partir dos sentidos construídos nessa relação dialógica. Esse processo histórico-dialógico constitui as subjetividades.

Sobretudo, é essencial, para a compreensão dos fenômenos das redes sociais, contextualizar o homem como sujeito histórico, ser inacabado, na história humana e na relação com a materialidade e a cultura. O Círculo usa o conceito de *superestrutura*: “é constituída do processo social, político e espiritual da vida e de seus produtos: compreende toda produção e os produtos do espírito humano” (FIORIN, 2018, p. 20).

O que se pode concluir é que, assim como na Revolução Industrial, a Revolução Tecnológica a qual estamos vivenciando promoveu transformações histórico-sociais que afetaram fortemente as relações humanas e a constituição dos sujeitos em suas singularidades,

num espectro da unicidade do sujeito, bem como na camada social que a todos envolve, o que se compreende como linguagem/cultura.

1.1.1 Tecnologia e os coletivos sociais

Castells (2021a, 2021b) e Levy (1999) compreendem que a técnica não determina a cultura, mas sim existe uma relação intrínseca de condicionamento, de uma em relação a outra. Os autores afirmam que na medida em que a tecnologia se desenvolve, ela afeta as relações culturais, criando, na mesma medida, novas demandas de novos recursos tecnológicos em um processo dialógico, o que, no caso, os autores chamam de condicionamento. Aqui podemos perceber que os autores se aproximam das ideias do Círculo de Bakhtin, na mesma compreensão acerca da relação da cultura com os seus produtos.

Observa-se como as transformações tecnológicas nos instrumentos de comunicação impactam a cultura humana. As culturas orais viviam em uma interação direta, nas quais emissor e receptor estavam no mesmo tempo e espaço para que a interação acontecesse. Com a criação da escrita, possibilitando o registro, o que foi produzido a milênios atrás, atravessa a história, chegando às gerações de hoje distanciadas do contexto em que foram produzidas, como exemplo a Bíblia. Neste sentido, pode-se dizer que a invenção da escrita impactou a cultura humana, modificando suas relações sociais, estratégias de comunicação, poder (se considerar que ler não era permitido a todos) etc. (LÉVY, 1999).

Ainda segundo o autor, os meios de comunicação de massa (imprensa, rádio, cinema e televisão) seguem condicionando as transformações culturais, assim como o surgimento da escrita. Com as novas tecnologias da comunicação em um contexto de Revolução Industrial, alfabetizar a sociedade tornou-se necessário. Em uma cultura social letrada, para se ocupar postos de trabalho, reunir pessoas em torno do rádio para ouvir notícias, criar referências de beleza e comportamento das estrelas de cinema em revistas, estar com a família jantando na sala de TV para acompanhar programas diários, como a novela, entre outros novos padrões de consumo, tornou-se necessário o domínio da língua social aceita – não só falada, mas também escrita. Assim, novas tecnologias de comunicação exigiram novos conhecimentos, demandas que emergiram dessas transformações.

Este avanço das tecnologias da informação, diferente da escrita, nos leva a um universal sem totalidade, ou seja, continua sendo universal ao chegar a uma grande audiência atravessando tempo e espaço, entretanto sem totalidade, uma vez que os sentidos estão em processo a depender do contexto do sujeito e da interação. Como exemplo, vamos pensar o

meme, que é um termo grego que significa imitação. Contudo, sua definição no mundo virtual se trata de imagem ou vídeos curtos, acompanhados de uma frase com tom irônico, que se espalham pela rede – também cabe, nesse caso, o termo viralizar. Esse meme, a depender do contexto, pode ter mais de um sentido, pois depende do grupo social que faz uso para determinado objetivo, ou seja, ainda que o meme tenha um grande alcance universal, seu sentido não está fechado: “por meio dos computadores e das redes, as pessoas mais diversas podem entrar em contato, dar as mãos ao redor do mundo. Em vez de se construir com base na identidade do sentido, o novo universal se realiza por imersão” (LÉVY, 1999, p. 119-120). Para uma efetiva compreensão dos sentidos que circulam nas redes, tenho que compreender em que contexto e grupo social é concebido o sentido.

Lévy (1999) vai denominar essas novas tecnologias da comunicação de *cibertecnologias* (computação, robótica, *softwares*). Elas são as estruturas que dão origem ao ciberespaço, espaço onde as interações na rede acontecem, o que, por sua vez, resultou em uma cibercultura, como vimos anteriormente. O autor destaca três características: 1) *Interconexão*: um sujeito se conecta com outro e com toda sua rede de conexão, ou seja, a conexão deixa de ser de um para um e torna-se de um para toda a rede do outro; 2) *Comunidades Virtuais*: os sujeitos se organizam em grupos com os quais se identificam, como jogadores de jogos online, independente do espaço geográfico; 3) *Inteligência coletiva*: toda informação (conhecimento) produzida pelo homem é compartilhada entre os sujeitos no ciberespaço, havendo a contribuição de todos os membros.

Essa nova realidade de comunicação implica em novas relações sociais, como as comunidades que se organizam no ambiente virtual. No entanto, o que faz com que esses agrupamentos ocorram em comunidades, no ciberespaço/rede, é uma construção discursiva de identidades. O autor apresenta sua definição para o conceito, diante do fenômeno observado:

No que diz respeito a atores sociais, entendo, por identidade, o processo de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras formas de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas (CASTELLS, 2021b p. 54).

Sendo assim, conforme o autor, identidade seria a organização de significados que o sujeito se autoatribui, que ocorrem no processo de individuação, em que uma se sobrepõe a outras (identidades). O autor explica que o sujeito pode ter múltiplas identidades, contudo, existirá(ão) aquela(s) que para ele é(são) a(s) que ganha(m) a frente em relação a outras,

individuação e internalização. É importante salientar a diferença entre papéis sociais e identidade, que seria, por exemplo, a diferença entre ser professor (papel social) e ser gay (identidade). O autor lembra que um determinado papel social pode vir a se tornar uma identidade, na medida em que o sujeito tenha isso como um significado na sua individuação e internalizado.

Neste mesmo sentido podemos, na perspectiva do Círculo, compreender significação cultural como a relação discursiva do eu para outro e do eu para mim, e os sentidos construídos e que são reconhecidos e constitui o sujeito. Desta forma, o conceito de identidade compreendido pelo autor aproxima-se da discussão ideológica nas estruturas dos discursos dos grupos sociais, ou seja, representa os sentidos que o sujeito atribui à vida e a suas relações (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2009). Para os autores do Círculo, o discurso social que circula por meio da linguagem entre os sujeitos dos grupos sociais revela representações ideológicas do cotidiano, e, nesta relação dialógica entre individuação e o social, constitui subjetividades. Assim, a subjetividade se constitui entre a experiência individual do sujeito e o outro social, já que o discurso representa a realidade da vida do sujeito e sempre se destina ao outro.

No contexto de sociedade em rede, há identidades estruturantes que organizarão as demais, segundo Castells (2021b). As identidades estruturantes se organizam em três grupos: 1) *Identidade de Legitimação*: ocupam espaço de reconhecimento social como dominantes (ex.: movimentos de grupos religiosos e conservadores); 2) *Identidade de Resistência*: estes são os marginalizados pelo grupos dominantes (ex.: movimentos gay, negro e feminista); e 3) *Identidade de Projeto*: quando a identidade de resistência se organiza em torno de um projeto comum para vir a se tornar uma identidade legitimadora mudando a estrutura social, ou, até mesmo, a legitimadora se organiza em um projeto para manter-se como dominante.

A Identidade de Legitimação movimenta o discurso de grupos sociais hegemônicos, que possuem controle sobre as estruturas sociais de poder: política, economia e religião. Identidades de Resistência são movimentadas por grupos sociais minoritários, aqueles que não possuem o controle das estruturas de poder da sociedade. A partir das novas tecnologias da informação e em uma sociedade em rede (CASTELLS, 2021b), vimos emergir organizações, Identidades de Resistência, para contestar o Estado e os grupos sociais hegemônicos, o que leva a tensões sociais por espaço e reconhecimento. Ou seja, os conflitos e disputas de poder entre ideologias hegemônicas e minoritárias é parte constitutiva das relações humanas materializadas nos discursos, sobretudo, no cenário da Revolução Tecnológica, essas tensões ocupam também as redes sociais, ganhando maior visibilidade a partir da informação compartilhada em rede circulando entre sujeitos do mundo todo, organizando-se em grupos no ciberespaço.

Sendo assim, a grande circulação de informação pelo ciberespaço (LÉVY, 1999) conduz a um processo de democratização da informação. Assim, movimentos feminista e gay passam dialogar entre si em diversas partes do mundo, organizando-se em Identidade de Projeto, em oposição ao discurso hegemônico. Por exemplo, o coletivo LGBTQIA+ organiza seu discurso com base em suas pautas reivindicatórias, a depender do contexto sócio-histórico, como se pôde ver nos EUA. Assim como no Brasil, o coletivo tem suas particularidades, mas em essência ambos dialogam na busca de reconhecimento de direitos do grupo social, esses que não são reconhecidos pelo Estado, a ideologia hegemônica. Contudo, cada país tem seu contexto e suas próprias tensões (CASTELLS, 2021b). Pode-se também, conforme o autor, considerar movimentos conservadores como Identidades de projeto, sendo que elas emergem como resistência, na tentativa de se manter a hegemonia de grupos sociais dominantes, impedindo o rompimento do discurso dominante por parte de grupos minoritários.

Assim, os movimentos feminista e gay, crescentes nas últimas décadas (CASTELLS, 2021b), são uma forte expressão de identidade sexual que é capaz de colocar em xeque a estrutura mais antiga da nossa sociedade, o patriarcado. Ao observamos as redes sociais, percebemos uma crescente militância se organizando (LGBTQIA+, Feminismo, Negros etc.). Os debates políticos, atualmente no mundo, abordam, como fundamental, a discussão das pautas identitárias ou as negam.

Outro aspecto que deve ser observado, a partir das novas tecnologias da informação, é a nova relação com o saber (LÉVY, 1999). A informação circulante nas redes constitui-se como conhecimento científico, filosófico, político, arte, cultura popular etc., sendo discursos transpassados por ideologias. Por um lado, democratiza, entretanto, o conhecimento produzido tem vida curta, pois, em um processo acelerado, os saberes tornam-se obsoletos à medida que novos surgem, o que, por consequência, afeta, como tem sido discutido até o momento, as relações sociais. Para Lévy (1999, p. 158), “o que é preciso aprender não pode mais ser planejado nem precisamente definido com antecedência”. Isso porque as novas tecnologias da informação propõem um rompimento com o modelo hegemônico de hierarquia de saberes, passando para um modelo mais aberto, contínuo, em fluxo e não linear, que se reorganiza partir dos objetivos do contexto, considerando as singularidades, o que torna o ciberespaço um ambiente que se organiza no caos. Vive-se assim, na rede, um processo de aprendizagem coletivo, nessa teia de relações em rede entre o sujeito e os grupos sociais, segundo autor.

Até aqui, pode-se constatar, a partir de Castells (2021a, 2021b) e Levy (2009), as transformações, a partir da Revolução Tecnológica, vivenciadas nas últimas décadas vêm acentuando tensões entre identidades/ideologias dos paradigmas hegemônicos e reorganizando

a relação com a informação, e como isso se materializa nos discursos de circulação nas redes (BAKHTIN, 2003; BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2009). Nas redes sociais, essas discussões estão presentes, e entre elas há o *YouTube*, onde há também compartilhamento de informação/cultura por diversos usuários. Esta se materializa na plataforma por meio dos vídeos. Assim, surgem também novos atores sociais, os *Youtubers*.

1.2 *YouTube*

O *YouTube*, lançado oficialmente em junho de 2005, surgiu como um *site* voltado para o compartilhamento de vídeos online. Ele foi desenvolvido por Steve Chen e Chad Hurley, dois ex-funcionários do *e-Bay*, *site* norte-americano de vendas e de leilões. A princípio, o maior objetivo da dupla era viabilizar o compartilhamento de vídeos para pessoas que viajavam, sendo que já existia concorrentes no mesmo seguimento. “A inovação original era de ordem tecnológica (mas não exclusiva): o *YouTube* era um entre os vários serviços concorrentes que tentavam eliminar as barreiras técnicas para maior compartilhamento de vídeos na internet” (BURGESS; GREEN, 2009, p. 17).

Em reportagem publicada como matéria de capa da revista *Info* (FORTES, 2006), é possível observar um pouco da história da fundação do *YouTube* a partir de seu primeiro ano de existência: em julho de 2006, a plataforma apresentava a impressionante marca de 100 milhões de vídeos assistidos por dia. Destacou-se ainda a surpresa da dupla de fundadores sobre a quantidade de visualizações, fato que os levou a darem outro rumo à plataforma. Surgia um novo meio de comunicação em massa.

O *YouTube* funciona como uma plataforma geradora de conteúdo, pois, a partir de seu surgimento, os usuários puderam fazer o *upload*³ de vídeos; não havia mais a necessidade de *download*⁴ para assisti-los, assim como eles poderiam ser publicados em outros *sites* e redes sociais sendo gerados pelo próprio *YouTube*. A plataforma oferecia um serviço diferente, não estabelecendo limites para o número de vídeos, como ocorria até então em outras plataformas:

[...] cada usuário poderia colocar on-line via *upload*, [além disso] ofereceu funções básicas de comunidade, tais como a possibilidade de se conectar a outros usuários como amigos, e gerava URLS e códigos HTML que permitiam que os vídeos pudessem ser facilmente incorporados em outros sites, um diferencial que se aproveitava da recente introdução de tecnologias de *blogging* acessíveis ao grande público (BURGESS; GREEN, 2009, p. 17 e 18).

³ Ato de enviar uma informação, gerar um arquivo, para um computador remoto.

⁴ Fazer cópia de uma informação, arquivo de vídeo, música ou documentos, que se encontra em um computador longe fisicamente por meio de outro.

O limite estava na duração dos vídeos, que não deveriam ser superiores a 10 minutos; além disso, eles poderiam ser transferidos para um servidor. No geral, a nova plataforma, *YouTube*, oferecia um serviço comum aos demais *sites* quando foi lançada (2005), considerando aqueles com o mesmo serviço de vídeos, visualização online e *download* dos arquivos de vídeos. Em outubro de 2006, a história dos jovens de garagem do Vale do Silício, os fundadores que enriqueceram por terem desenvolvido uma grande ideia, foi comprada pela *Google* por 1,65 bilhões de dólares:

Em novembro de 2007, ele [o *Youtube*] já era o site de entretenimento mais popular do Reino Unido, com o site da BBC ficando em segundo. No começo de 2008, de acordo com vários serviços de medição de tráfego da web, já figurava de maneira consistente entre os dez sites mais visitados do mundo. Em abril de 2008, o *YouTube* já hospedava algo em torno de 85 milhões de vídeos, um número que representa um aumento dez vezes maior em comparação ao ano anterior e que continua a crescer exponencialmente (BURGESS; GREEN, 2009, p. 18).

No que diz respeito a essa ascensão do *YouTube*, Burgess e Green (2009) apresentam três versões. A primeira é defendida pela comunidade tecnológica (*nerds*) que, na época, consumia blogs que traziam as novidades sobre tecnologia. Para eles, a publicação no blog *TechCRunch*, em 8 de agosto de 2005, que colocava o *YouTube* em uma lista de *sites* que mereciam atenção (apesar das críticas quanto a sua arquitetura e estética), atiçou a curiosidade dos usuários, levando a uma maior procura pela plataforma. A segunda diz respeito à defesa feita por Jawed Karim, cofundador do *site*, que deixou o projeto para retornar à faculdade. Para ele, o sucesso do *YouTube* devia-se ao fato de ele ter quatro recursos: recomendações de vídeos por lista (vídeos relacionados), *link* compartilhável por e-mail, espaço para comentários e reprodutor de vídeo, o que possibilita sua incorporação a outros sites. A terceira versão relaciona-se com o que foi chamado de primeiro viral⁵, um esquete de comédia de dois minutos do vídeo intitulado *Lazy Sunday*⁶ apresentado no programa da TV estadunidense *Saturday Night Live*, em dezembro de 2005. Nos 10 primeiros dias, houve mais de 1,2 milhões de visualizações do vídeo, marca batida em fevereiro de 2006 com mais de 5 milhões de visualizações.

Desde então, o *YouTube* vem crescendo, tornando-se o maior *site* de compartilhamento de conteúdo em audiovisual. Com o passar dos anos, o número de *uploads* de vídeos cresceu consideravelmente, assim como o de visualizações. Estatísticas do próprio *YouTube* apontam

⁵ O termo é usado para algum vídeo ou meme que ganha grande repercussão na rede

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YKSIaeQHV94>.

bilhões de horas de vídeos, milhões de visualizações diárias, milhares de canais e milhões de inscritos. A facilidade de acesso e de produção de conteúdo transformou o site em um grande espaço de visibilidade mundial, ferramenta de marketing para grandes marcas, espaço para informação e entretenimento. Hoje, grandes marcas divulgam seus produtos em vídeos no *YouTube*, gerando remuneração para os canais. Sem dúvida, transformou-se em um grande negócio; no entanto, a plataforma pode ser compreendida como algo muito maior: hoje o site é parte constitutiva importante da cultura pop em grande parte do mundo. Pode-se dizer, portanto, que, onde existe acesso à internet, o *YouTube* se faz presente.

Na pesquisa intitulada *YouTube e a revolução digital*, Burgess e Green (2009) descreveram o *YouTube* como um objeto de estudo complexo e instável, ainda com uma definição incerta, na medida em que alguns defendem ser um site de distribuição e popularização de mídia comercial, enquanto outros o concebem como plataforma de criação de conteúdos - *vlog*⁷. O fato é que, a depender da forma como você, enquanto usuário, compreende a plataforma, ela terá um uso, ou de propaganda, ou de criação de conteúdo.

Nesta pesquisa, compreendemos o *YouTube* em consonância com os autores, que se inscrevem na segunda vertente apresentada acima (plataforma de criação de conteúdo), admitindo, ainda, conforme discutido por Burgess e Green (2009), ser o *YouTube* um site de cultura participativa, conceito que será abordado na próxima seção.

1.2.1 *YouTube*: cultura participativa e mídia de massa

Para esta discussão, torna-se necessário recuperar o conceito de *inteligência coletiva*, descrita por Lévy (1999) como uma das características do ciberespaço. Esse conceito sugere que cada usuário da rede contribui com uma parte da informação em fluxo, não havendo, assim, um usuário que detenha toda a informação. Ou seja, são diversos usuários que alimentam a rede com informação. A partir deste conceito, Jenkins (2006) analisou as transformações ocorridas nas mídias de massa.

Quando pensamos nas mídias que precedem a era da informação (cinema e TV), os espectadores eram de certa forma passivos. Era uma relação de cima para baixo, na qual o espectador consumia o que era imposto por corporações de mídia. Ao se pensar em um filme hollywoodiano, até duas décadas atrás, só se chegava às informações sobre o filme (atores, locações, trilha sonora etc.) depois de pronto. Hoje, quando um grande estúdio resolve fazer um

⁷ Vlog: videoblog (vídeo + blog), um tipo de blog em que os conteúdos predominantes são os vídeos.

filme de super-heróis, por exemplo, há o anúncio de quem será o ator a fazer o protagonista. A partir deste momento, existe uma imediata reação do público de validação sobre a escolha ou não, o que pode fazer o próprio estúdio mudar o ator escalado. Existe aí um novo fenômeno chamado de *convergência* (JENKINS, 2006), que é o fluxo de informação constituído e cooperado por diversas plataformas de mídia, mercados de mídia e interação dos usuários da rede, em que corporações e público negociam influenciando um ao outro.

Portanto, a cultura participativa abandona o modelo de público passivo e convoca a participação ativa do público. Burgess e Green (2009) sustentam que o *YouTube* constitui seus conteúdos a partir das interações entre seus usuários. Ou seja, encontramos na plataforma um espaço de compartilhamento de informação/cultura, característica da era da informação (CASTELLS, 2021a, 2021b; LEVY, 1999), no qual os seguidores dos canais estabelecem uma relação de colaboração, opinando na produção de conteúdo. Por isso, os autores se apropriam do conceito de cultura participativa.

Cultura participativa é um termo geralmente usado para descrever a aparente ligação entre tecnologias digitais mais acessíveis, conteúdo gerado por usuários e algum tipo de alteração nas relações de poder entre os segmentos de mercado da mídia e seus consumidores (ver principalmente Jenkins, 2006a). De fato, a definição de “cultura participativa” de Jenkins estabelece que “os fãs e outros consumidores são convidados a participar ativamente da criação e circulação do novo conteúdo” (a, p. 290) (BURGESS; GREEN, 2009, p. 28).

Assim, a cultura participativa que Burgess e Green (2009) defendem é característica vital da plataforma: quanto mais abrangente a plataforma se torna, de mais heterogenia compõe-se. “As atividades coletivas de milhares de usuários, cada qual com seus entusiasmos individuais e interesses ecléticos, resultam em um arquivo verdadeiramente vivo de cultura contemporânea formado a partir de uma grande e diversa gama de fontes” (BURGESS; GREEN, 2009, p. 120)

A voz do público passa ser ouvida neste formato (TASSI, 2011), existe uma relação direta entre os criadores de conteúdo e os usuários. A plataforma torna-se democrática, elemento constitutivo do ciberespaço (LÉVY, 2009), abrindo-se para o usuário expressar-se, produzir conteúdo originários das interações na rede, com sua rotina cotidiana e representação de elementos produzidos por pessoas comuns. Nesse sentido, os autores permitem concluir que a plataforma se desenvolve por aqueles, “em sua maioria anônimos, amadores dedicados a melhorar constantemente as ferramentas de software de comunicação e não os grandes nomes, chefes de governo, dirigentes de grandes companhias cuja mídia nos satura” (BURGESS; GREEN, 2009, p. 26).

À primeira vista, isso pode parecer um cenário agradável (e que Jenkins apresenta como potencial e não como realidade atual), mas o YouTube prova que, na prática, as novas configurações econômicas e culturais que a “cultura participativa” representa são tão contestadoras e incômodas quanto potencialmente libertárias (BURGESS; GREEN, 2009, p. 28)

Esta maravilha democrática não está livre de suas tensões; a convergência nem sempre é fácil, existindo uma disputa de poder. As tensões identitárias (CASTELLS, 2021a, 2021b) também se fazem presentes, e o consumo do público exige das corporações adaptações às novas demandas questionadoras. Por exemplo, a exploração do corpo da mulher, as piadas racistas e homofóbicas, as novas configurações de família, entre outras, são pautas que emergem dessas tensões.

Quando se pensa nas relações econômicas hegemônicas, podemos defrontar com interesses de mercado, pois, pelo fato de ser uma mídia de singularidades, na mesma plataforma em que um determinado público faz a divulgação e/ou propaganda de um produto, pode existir outro que antagonize as qualidades do produto entre os vídeos da própria plataforma.

É neste cenário que surgem os *youtubers*, criadores de conteúdo que mobilizam de milhares a milhões de seguidores de seus vídeos na plataforma. Não se sabe ao certo em que momento o nome surgiu ou quem deu esse título (KLEINA, 2017), que passou a ser usado em 2007. Inicialmente, tal conteúdo não era produzido de forma profissional, mas sim de forma amadora; aos poucos, essa prática foi se profissionalizando, mesmo que ainda mantendo uma identidade estética “amadora”, de improviso, que é um elemento que chama a atenção dos seguidores e cria uma relação mais íntima entre aquele que produz os conteúdos e aqueles que assistem aos vídeos.

Além dos aspectos identitários e democráticos presentes no *YouTube*, Kleina (2007) afirma ainda que a exploração comercial da plataforma também impulsionou o surgimento dos *youtubers*. Nesse momento, aqueles que produziam conteúdos foram estimulados a investir em seus canais, agora com monetização, ou seja, com o recebimento de valores financeiros por visualizações no canal. Assim, produzir vídeos para a plataforma tornou-se um negócio a ser explorado, motivando, inclusive, que alguns deixassem suas atividades profissionais para dedicar-se a esta prática.

Os *youtubers* são atores sociais importantes nesse novo contexto, constituem-se como agentes culturais (BURGESS; GREEN, 2009) do nosso tempo, exercendo “influência” nas relações sociais das novas gerações.

1.2.2 *Youtubers*

Dentro da proposta da plataforma de produzir conteúdo e compartilhá-lo em rede (cultura participativa), o usuário deve criar um perfil (cadastro) com senha para acesso e criar o que é chamado de canal. O perfil do usuário é, na verdade, uma espécie de canal, no qual o criador de conteúdos pode organizar seus vídeos por temas, deixando disponível a quem o visitar.

A plataforma registra as atividades com três instrumentos fundamentais para mensurar o alcance de cada canal, bem como dos próprios *youtubers*. São eles: **seguir o canal**, **curtir o vídeo** e **visualizações do vídeo**. Quando o usuário escolhe, na plataforma, quais canais passa a seguir, ele seleciona os vídeos preferidos e os comenta por intermédio do registro de um avatar⁸ – termo usado para os perfis na rede, uma espécie de persona assumida na plataforma. “Curtir” o vídeo é uma função importante, pois sinaliza o quanto o conteúdo do vídeo agrada o público; é uma espécie de termômetro que auxilia os criadores de conteúdos na definição dos novos, de acordo com a preferência de sua audiência. É, portanto, um instrumento de resposta da reação do seguidor – número de curtidas – que mostra o quanto aquele canal tem ou não abrangência de público. As visualizações mostram quantas vezes o vídeo foi visto, mesmo que pelo mesmo perfil, e o quanto o conteúdo tem sido reproduzido. O vídeo *Lazy Sunday*, primeiro viral, pode ser trazido como um exemplo, pois ele, nos 10 primeiros dias, atingiu mais de 1,2 milhões de visualizações (BURGESS; GREEN, 2009). Esses três instrumentos, portanto, apresentam os resultados relativos ao alcance de pessoas pelos canais no *YouTube*.

Com o surgimento de novos dispositivos mais acessíveis, começou-se a ampliar o perfil de usuário e criadores de conteúdo, que, gradativamente, foram ganhando visibilidade e reconhecimento. Muitos destes criadores colocavam-se na frente da câmera para debater temas polêmicos ao momento vivido, expressavam sua opinião, davam dicas de estilo de vida etc. Assim, emergem estes agentes culturais das redes, os *youtubers*, também conhecidos como influenciadores digitais. Eles que, em sua grande maioria, faziam uso de uma câmera caseira e tinham o próprio quarto como cenário, alcançam um público de diversas regiões geográficas, em alguns casos, transcendem fronteiras e línguas.

⁸ *Avatar* é um termo hinduísta com significado de recipiente. Na religião, o termo é usado para explicar o corpo físico que o espírito evoluído ocupa na sua encarnação. Acredita-se que o corpo é apenas algo provisório, ocupado pelo espírito da entidade. Já nas redes sociais, esse sentido provisório se mantém, na medida em que o perfil de usuário nas redes sociais seria apenas um avatar, para suas manifestações nas redes sociais.

Os *youtubers* são transgressores e não se intimidam com a arquitetura da plataforma; pelo contrário, subvertem-na, gerando transformações nas ferramentas da própria plataforma. É justamente essa prática que, segundo Burgess e Green (2009), colocam os *youtubers* como agentes culturais, pois usam sua mobilidade para outras redes compartilhando seus vídeos, criando uma própria solução para as limitações da plataforma.

Observa-se, assim, uma transformação cultural, ao se considerar que, em tempos passados, os agentes mobilizadores culturais pertenciam à esfera política e ao campo das artes (líderes sindicais, partidários, cantores, atores, escritores etc.); no contexto atual, eles são anônimos e produzem discursos que alcançam grupos identitários de forma abrangente e em um espaço democrático.

Assim, em meio a essas transformações, os *youtubers* alcançam cada vez mais relevância social, ocupando o papel de agentes culturais em uma sociedade em rede. São sujeitos representativos de setores da sociedade, principalmente entre os mais jovens. Esses atores sociais, fruto da cultura de participação na era da informação, tornaram-se o pilar estrutural do conceito da plataforma de vídeos. Como representantes, os *youtubers* ganharam a função de serem a voz e a cara de diferentes grupos identitários.

Com total liberdade para expressarem suas opiniões, eles sempre criaram muitas polêmicas em torno de temas sociais, políticos, identitários etc. Hoje, com o viés comercial da plataforma, que conta com investimentos em anúncios de grandes marcas, aumentou-se, significativamente, as possibilidades de ganho do *YouTube* e dos *youtubers*. Em razão disso, o programa de parceria do *YouTube* ganhou regras mais duras, como a penalização de não monetização, ou seja, não remuneração por visualização, para aqueles canais que tiverem conteúdos com discurso de ódio, pornografia, preconceito, entre outras coisas, que possam vincular as marcas a temas que não estão de acordo com a empresa (KLEINA, 2017). Há, inclusive, a possibilidade de os conteúdos serem retirados do ar por transgressão das regras predefinidas. É um ambiente cheio de tensões e disputas de poder.

Por mais que muitos pesquisadores pudessem fazer projeções de como a internet poderia modificar nossas vidas no futuro, bem como artistas em muitos trabalhos cinematográficos e literários, como, por exemplo, o filme *De volta para o futuro II*, não se imaginava com precisão como isso se daria e nem quem seria estes novos atores sociais.

Diante das rápidas transformações determinadas pela rede, ainda há muito a ser estudado sobre a importância e o papel que esses atores sociais vêm ganhando no nosso cotidiano, especialmente entre o público jovem (WESTENBERG, 2016).

Embora já exista pesquisa disponível sobre a influência da mídia tradicional sobre os jovens, é interessante saber que influência os YouTubers exercem sobre os adolescentes e se essa influência é boa ou ruim. Até esse momento, pouco se estudou sobre a influência dos YouTubers nos adolescentes. Pesquisas anteriores diziam respeito principalmente a culturas participativas no YouTube (Mueller, 2014), revisando plataformas em que o YouTube é apenas parte de várias outras plataformas (por exemplo, Dellarocas, 2003) ou a diferença entre YouTube e assistir televisão tradicional (por exemplo, Defy Media, 2015; Variedade, 2014) (WESTENBERG, 2016, p. 6)⁹.

A autora salienta algo importante: há pesquisas referentes à influência da mídia sobre os jovens, mas não sobre essa relação entre os jovens e os *youtubers*. Além disso, e por se reconhecer a importância destes atores sociais para a atualidade, precisamos compreender como os jovens os percebem. É necessário compreender, por meio de pesquisas acadêmicas, como estes atores sociais são percebidos pelos jovens, e neste sentido podemos encontrar em Pérez-Torres, Pastor-Ruiz e Ben-Boubaker (2018, p. 62), uma contribuição:

Os YouTubers são percebidos pelos jovens como seus iguais, mas também com qualidades (criatividade ou talento) que geralmente admiram. São pessoas próximas a seus seguidores, que compartilham características semelhantes (idade, idioma, cultura, contexto social etc.) aos adolescentes que os seguem, o que facilita a rápida identificação com eles (Westenberg, 2016). Outra característica importante é a possibilidade de interação, uma vez que os comentários realizados pelos adolescentes geralmente são respondidos pelos youtubers, o que os faz parecer pessoas próximas e simpáticas (Berzosa, 2017; Chau, 2010). Isso os torna uma referência social importante na construção da identidade adolescente (Westenberg, 2016) (PÉREZ-TORRES; PASTOR-RUIZ; BEN-BOUBAKER, 2018, p. 62)¹⁰.

Aqui percebemos claramente como esta interação é particular, cultura participativa (BURGESS; GREEN, 2009) e, também, como a simultaneidade (CASTELLS, 2021) implica em relações mais dinâmicas e próximas, apesar das distâncias geográficas; relações que se

⁹ No original: “Although there already is research available on the influence of traditional media on youngsters, it is interesting to know what influence YouTubers have on teenagers and whether this influence is good or bad. Until this point, only little has been studied about the influence of YouTubers on teenagers. Previous research mostly concerned participatory cultures on YouTube (Mueller, 2014), reviewing platforms of which YouTube is only a part of several more platforms (e.g. Dellarocas, 2003) or the difference between YouTube and watching traditional television (e.g. Defy Media, 2015; Variety, 2014).” (WESTENBERG, 2016, p. 6).

¹⁰ No original: “Los youtubers son percibidos por los jóvenes como sus iguales, aunque también con cualidades (creatividad o talento) que suelen admirar. Además, son personas cercanas a sus seguidores, en el sentido que comparten rasgos similares (edad, idioma, cultura, contexto social, etc.) a los adolescentes que les siguen, lo que facilita la rápida identificación con ellos (Westenberg, 2016). Otra característica importante es la posibilidad de interacción, ya que los comentarios realizados por los adolescentes suelen tener respuesta de los youtubers, lo que hace que sean percibidos como personas cercanas y simpáticas (Berzosa, 2017; Chau, 2010). Esto los convierte en un referente social importante en la construcción de la identidad adolescente (Westenberg, 2016)” (PÉREZ-TORRES; PASTOR-RUIZ; BEN-BOUBAKER, 2018, p. 62).

materializam na forma de interação dos jovens com os *youtubers* na plataforma, fato que também reflete a percepção que se tem destes agentes culturais.

Nesse sentido, os estudos de Westenberg (2016) e Pérez-Torres, Pastor-Ruiz e Ben-Boubaker (2018) permitem afirmar que os *youtubers* refletem seu público, ou melhor, seus seguidores se veem neles e, por assim dizer, percebem-se, de alguma forma, por eles representados.

No Brasil, essa realidade não é diferente. O primeiro nome de repercussão como *youtuber* foi Felipe Neto (inscrição na plataforma em 2006), que já ocupou o primeiro lugar no *ranking* como maior canal, segundo dados do *YouTube*: no dia 28 de outubro de 2019, ele possuía 34 milhões e 700 mil inscritos e ocupava terceiro lugar no *ranking* de maiores canais de *youtubers*. Outro exemplo é Whindersson Nunes, jovem nordestino do Piauí que entrou na plataforma em 2013 e que possui o segundo maior canal do *YouTube* Brasil, ocupando o primeiro lugar no *ranking* de *youtubers* (segundo dados do *YouTube*), com um número de 37 milhões de seguidores e 200 mil de inscritos.

Olhando-se os números de seguidores, cruzando com as curtidas de vídeos e visualizações, esses dois *youtubers* possuem hoje um alcance de público que interessa ao mercado, pois produzem conteúdos abrangentes. Diante desses dados e números, não se pode olhar para esse fenômeno como algo comum. Assim, está-se diante de transformações geradas pela era da informação.

Importante destacar, dada a dinâmica do ciberespaço, que esses números mudam todos os dias, pois essa relação não é linear, ou seja, como os *youtubers* expressam suas opiniões, eles podem tanto desagradar como agradar seus seguidores, perdendo e ganhando novos inscritos cotidianamente em seus canais. Esses canais são diversos, vão desde culinária, jogos, moda, comédia, estilo de vida etc. Precisamos lembrar também que existem aqueles *youtubers* que dialogam, em seus canais, com seguimentos da sociedade mais específicos¹¹, estes se enquadram no que Castells (2018) classificou como identidades de legitimação, resistência e de projeto, sua abrangência em público é relativamente menor, mas não menos representativa ao seu público.

Essas identidades encontram, na plataforma, espaço para se colocarem e interagirem com outros usuários de diversas partes. Sendo assim, chegamos em outro aspecto a ser considerado: discursos pessoais de *youtubers* nos quais são tratadas experiências que visam a

¹¹ Importante destacar que os canais são diversos, vão desde culinária, artesanato, fofoca de celebridades, até canais acadêmicos. Para ser um *youtuber*, aos olhos dos seguidores, o conteúdo produzido deve estar vinculado aos seus posicionamentos e opiniões.

aproximação com os jovens, que, em sua maioria, com eles se identificam. Estes sujeitos passam a utilizar a plataforma como parte de seu projeto de resistência, visando quebrar com os padrões hegemônicos ou mantê-los.

Na atualidade, encontramos *youtubers* que defendem o modelo de família patriarcal judaico-cristã, que chamamos de conservadores; por outro lado, há grupos que se opõe à limitação de modelo único de família. Enquadram-se nestes últimos grupos os coletivos Negro, Feminista e LGBTQIA+. Independente do posicionamento assumido, todos, com sua audiência, ocupam espaços na plataforma e vivenciam tensões na rede.

Conforme observamos na discussão de Pérez-Torres, Pastor-Ruiz e Ben-Boubaker (2018), as temáticas identitárias que tratam da sexualidade constituem-se em temas mais procurados por adolescentes em seu país (Espanha), especialmente por aqueles que ainda estão em processo de descoberta de sua identidade de gênero.

Existem dois cenários de identidade abordados normalmente pelos youtubers: identidade de gênero juntamente com identidade sexual e identidade vocacional. Eles mostram o processo que seguiram para a construção de sua identidade de gênero e sexual, a maioria a partir de seu momento de vida atual, expondo como ocorreu, porque decidiram uma ou outra orientação sexual, com que gênero se identificam, com que apoio contaram, as dúvidas que tiveram, sua vivência emocional etc. Cabe destacar que os vídeos com mais seguidores tratam da orientação sexual especialmente aqueles que abordam a descoberta da homossexualidade e bissexualidade, assim como a definição ou identidade de gênero transexual. Do ponto de vista dos seguidores, a julgar por seus comentários, estes ainda estão em processo de saber o que querem ou qual vai ser sua identidade de gênero ou orientação sexual (PÉREZ-TORRES; PASTOR-RUIZ; BEN-BOUBAKER, 2018, p. 68)¹².

No Brasil, por sua vez, segundo dados retirados do *YouTube*, os dois maiores canais com temáticas LGBTQIA+ que tratam de gêneros e sexualidade, juntos, não ultrapassam a marca de 3 milhões de seguidores. *Mandy Candy*, criado em 6 de agosto de 2014, tem 1 milhão e 860 mil inscritos, e *Põe na Roda*, de 26 de janeiro de 2014, 1 milhão e 70 mil inscritos. Ambos os *youtubers* são LGBTQIA+. Mandy é uma transexual feminina brasileira que vive na Coreia; Pedro HMC, idealizador do canal *Põe na Roda*, é homossexual e casado com um transexual masculino.

¹² No original: “Dos son los escenarios de la identidad tratados habitualmente por los youtubers: la identidad de género unida a la identidad sexual y la identidad vocacional. Exponen el proceso que han seguido en la construcción de su identidad de género y sexual, la mayoría desde su momento vital actual, exponiendo cómo ocurrió, por qué decidieron una orientación sexual u otra, con qué género se identifican, con qué apoyo contaron, las dudas que tuvieron, su vivencia emocional, etc. Cabe señalar que los vídeos con más seguidores tratan sobre la orientación sexual, especialmente el descubrimiento de la homosexualidad y bisexualidad, así como la definición o identidad de género transexual. Desde el punto de vista de los seguidores, a juzgar por sus comentarios, aún están en el proceso de saber qué quieren o cuál va a ser su identidad de género u orientación sexual” (PÉREZ-TORRES; PASTOR-RUIZ; BEN-BOUBAKER, 2018, p. 68).

Aqui podemos fazer uma pausa e refletir sobre como as questões de gênero e sexualidade eram discutidas antes desses novos atores surgirem. Como se poderia obter informações sobre os movimentos feministas e LGBTQIA+? Olhando para o Brasil, antes da Constituição de 1988, não existia nenhuma política pública de educação sexual. Portanto, era de responsabilidade da família a realização dessas discussões a partir de seus valores morais. A nova Constituição deixa explicitada a manutenção do papel da família, mas, desde então, a Educação passou a ser também de responsabilidade do Estado (VIANA, 2018).

O Estado, por meio do sistema educacional, passou a cuidar das orientações de sexualidade e saúde, de crianças e adolescentes, fruto de pressão de entidades ligadas aos coletivos feminista e LGBTQIA+ no Brasil. A partir de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996) e os Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Básica (PCNs, 1997) inseriram os conteúdos de gênero e sexualidade como Tema Transversal: Orientação Sexual. No entanto, os professores não estavam preparados para a abordagem do tema, ainda mais de forma transversal. Transversalidade pediria que o tema não fosse tratado apenas nas aulas de ciências/biologia, mas que transpassasse todas as disciplinas, como, por exemplo, os temas debatidos nas disciplinas de história, geografia, sociologia e filosofia (ATMANN, 2001 apud VIANA, 2018).

A escola, enquanto espaço dos saberes, não dá conta de tratar das questões de sexualidade, principalmente de jovens no período de constituição da identidade. Sendo assim, eles saem em busca desses diálogos, que hoje estão acessíveis no *YouTube*.

Aran-Ramspott, Fedele e Tarragó (2018), interessadas nas temáticas envolvendo as funções sociais dos *youtubers* e sua influência na pré-adolescência, desenvolveram uma pesquisa com pré-adolescentes entre 11 e 12 anos, a fim de conhecer suas preferências na escolha dos *youtubers* que eram seguidores. Inicialmente, as pesquisadoras selecionaram dez *youtubers* com maior número de seguidores e que abordavam diversas temáticas, como jogos, humor, beleza, música, entre outros, garantindo diversidade de temas e gêneros. Em seguida, definiram três escolas de Barcelona e enviaram um *formulário Google*, a ser aplicado pelos professores aos alunos dos anos finais do ensino fundamental, com o título “Preferências dos jovens”. Neste havia cinco perguntas sociodemográficas (idade, sexo, escola) e oito que envolviam o tema do estudo: os motivos que os levavam a se interessar pelos dez *youtubers* da lista. Para os alunos atribuírem valores às perguntas, utilizou-se de uma tipologia de análise que usava personagens de ficção e buscava compreender a identificação e admiração dos jovens pelo personagem. A cada *youtuber* deveria ser atribuído um personagem. Ou seja, os dez

youtubers seriam classificados pelos pré-adolescentes considerando a característica que se destacava, usando tipologia de personagem, qual se admirava mais ou mais frio etc.

Entre outras questões, os entrevistados foram questionados sobre os motivos pelos quais estavam interessados nos 10 youtubers da lista. As características que eles tiveram que avaliar foram baseadas em uma tipologia usada na análise de personagens fictícios: identificação com um personagem, admiração por um personagem, frieza, proximidade dos personagens com seus próprios interesses, funções de entretenimento e socialização, como compartilhar com um grupo de colegas (Buckingham, 1987; Fedele, 2011; García-Muñoz e Fedele, 2011; Iguartua-Perosanz e Muñiz-Muriel, 2008; Medrano e outros, 2010) (ARAN-RAMSPOTT; FEDELE; TARRAGÓ, 2018, p. 75)¹³.

Na outra fase da pesquisa, desenvolvida a partir da metodologia de grupo focal, foram organizados três grupos, cada um com seis participantes (três meninos e três meninas). Os moderadores dos grupos seguiram um roteiro que continha perguntas semiestruturadas, que foram agrupadas em 21 categorias, considerando-se as variáveis observadas na primeira fase da pesquisa. Para o artigo em questão, as autoras destacaram as seguintes:

- Funções dos Youtubers, como identificação, admiração, se são divertidos, proximidade, entretenimento, funções relacionadas com o grupo de pares.
- Alfabetização midiática, como processos midiáticos de produção e difusão (Ferrés & Piscitelli, 2012); o papel dos youtubers como atores e profissionais (ARAN-RAMSPOTT; FEDELE; TARRAGÓ, 2018, p. 75)¹⁴.

Nesse momento, as pesquisadoras puderam perceber que outros nomes, distintos daqueles citados, surgiram. O estudo revelou que a influência dos *youtubers* para os jovens participantes da pesquisa era muito relativa, dependendo tanto do profissional como do adolescente.

Com relação à possível capacidade dos youtubers de promover modelos de influência, observamos que as características valorizadas [pelos jovens] dependem, em grande medida, do youtuber, em particular. No momento em que este estudo foi concluído, os youtubers mais conhecidos pelos pré-adolescentes eram Auron Play, Elrubius

¹³ No original: “Entre otras cuestiones, se preguntó a los encuestados las razones por las cuales estaban interesados en los 10 youtubers de la lista. Las características que tenían que valorar se basaban en una tipología de análisis de personajes de ficción: identificación con un personaje, admiración hacia un personaje, «coolness» (si el personaje les parecía «guay»/«cool»), cercanía de los personajes a sus propios intereses, entretenimiento y funciones de socialización, como la compartición con su grupo de iguales (Buckingham, 1987; Fedele, 2011; García-Muñoz & Fedele, 2011; Iguartua-Perosanz & Muñiz-Muriel, 2008; Medrano & al., 2010).” (ARAN-RAMSPOTT; FEDELE; TARRAGÓ, 2018, p. 75).

¹⁴ No original: “Funciones de los youtubers, como identificación, admiración, buena onda («coolness»), cercanía, entretenimiento, funciones relacionadas con el grupo de pares. Alfabetización mediática, como procesos mediáticos de producción y difusión (Ferrés & Piscitelli, 2012); el papel de los youtubers como actores y profesionales” (ARAN-RAMSPOTT; FEDELE; TARRAGÓ, 2018, p. 75).

OMG e Wismichu, que também foram considerados os mais engraçados. Mas quando foi pedido aos participantes que mencionassem, espontaneamente, quais youtubers eles gostavam e porquê, surgiram muitos outros, incluindo-se também youtubers mulheres como Dulceida e Yuya, significando uma melhor representatividade da diversidade de origem étnica e de gênero, assim como também uma variedade mais ampla de temáticas no que se refere aos canais de YouTube (ARAN-RAMSPOTT; FEDELE; TARRAGÓ, 2018, p. 78)¹⁵.

Segundo as autoras, a segunda fase do estudo mostra que as relações que os jovens estabelecem com os *youtubers* não é linear e que o grupo pesquisado foi “mais atraído pelo entretenimento” (ARAN-RAMSPOTT; FEDELE; TARRAGÓ, 2018, p. 78) oferecido pelos canais. Os critérios de escolha dos usuários são dependentes do momento, visto as diferenças de preferências que foram apontadas da primeira fase para segunda fase da pesquisa.

mesmo reconhecendo algum tipo de atração pelo modelo de notoriedade que os youtubers encarnam, [os jovens] desconfiam desta fama a curto prazo e dos riscos relacionados a esse trabalho; eles também desconfiam de certas atitudes e códigos que os youtubers expressam, que podem ser ofensivos (ARAN-RAMSPOTT; FEDELE; TARRAGÓ, 2018p. 78)¹⁶.

Os resultados obtidos indicam que os pré-adolescentes participantes da pesquisa não consideram os *youtubers influencers*, mas os tomam como referências para o entretenimento e por conta de sua proximidade com a cultura digital juvenil. Mostraram ainda certa alfabetização digital, identificando as estratégias comerciais usadas pelos *youtubers* e seus papéis profissionais.

Além disso, observou-se que essa relação se mostra dinâmica, na medida em que os próprios usuários podem sugerir ideias, fato que os aproxima mais. O estudo mostrou ainda, em alguns aspectos, um certo viés envolvendo gênero, além de apontar, mesmo que inicialmente, para uma possível função social dos *youtubers* entre os adolescentes em relação a esta temática, o que é um ponto a se considerar: na falta de espaços para informação, os *youtubers* tornam-se

¹⁵ No original: “Respecto a la posible capacidad de los youtubers para fomentar modelos de influencia, hemos observado que las características valoradas dependen en gran medida del youtuber en particular. En el momento en que se completó este estudio, los youtubers más conocidos por los preadolescentes eran AuronPlay, Elrubius OMG y Wismichu, que también fueron percibidos como los más divertidos. Pero cuando se les pidió a los participantes que mencionasen espontáneamente qué youtubers les gustan y por qué, emergieron muchos más, incluidas youtubers mujeres como Dulceida y Yuya, lo que significa una mejor representatividad de la diversidad de origen étnico y de género, así como también aparece una más amplia variedad de temáticas por lo que se refiere a los canales de YouTube” (ARAN-RAMSPOTT; FEDELE; TARRAGÓ, 2018, p. 78).

¹⁶ No original: “incluso reconociendo algún tipo de atracción por el modelo de notoriedad que encarnan los youtubers, desconfían de esa fama a corto plazo y de los riesgos relacionados con este trabajo; también tienen reservas sobre ciertas actitudes y códigos que expresan los youtubers dado que pueden ser ofensivos” (ARAN-RAMSPOTT; FEDELE; TARRAGÓ, 2018, p. 78).

fonte de informação, uma vez que essa interação permite sugerir e fazer perguntas. Esses dados permitem ampliar a discussão, uma vez que as autoras mostram que, para além do entretenimento, estes jovens buscam os *youtubers* para se informar. Assim, nesse cenário, jovens buscam relações formativas na plataforma, uma característica do ciberespaço já discutida com Lévy (2009), ou seja, a plataforma é espaço onde pode se buscar e compartilhar saberes.

Outro aspecto observado diz respeito ao uso e às funções dos vídeos, ou seja, a depender da forma composicional da estética dos vídeos (amador ou caseiro), essa pode proporcionar ao usuário uma aproximação com o *youtuber*, que se sente motivado a usar os recursos de comentários da plataforma, opinar sobre os conteúdos, ou até compartilhar uma experiência própria. Nesse sentido, a pesquisa aponta que a particularidade de interação por meio da plataforma, associada à linguagem usada pelo *youtuber*, estabelece uma relação de maior intimidade com seus seguidores, os jovens. Esses dados são importantes, pois não é possível compreender as relações que se estabelecem entre *youtubers* e jovens sem olhar para os dispositivos tecnológicos envolvidos na interação e de que forma a materialidade dessa interação se manifesta.

O que as pesquisas apontam, portanto, é que, a depender do contexto cultural e da idade e gênero dos participantes, a relação com os *youtubers* ganha contornos diferentes. Para tanto, ao considerar os números expressivos dos canais de *youtubers* LGBTQIA+ (*Mandy Candy*: 1 milhão e 860 mil inscritos; e *Põe na Roda*: 1 milhão e 70 mil inscritos), é perceptível a procura por esse nicho temático na plataforma no Brasil. Jovens LGBTQIA+ buscam informação nesses canais, o que nos leva a questionar quais os sentidos que estes jovens constroem a partir dos discursos destes agentes culturais da plataforma.

Quando olhamos para o contexto brasileiro no que tange a realidade da comunidade LGBTQIA+, essa discussão se faz ainda mais relevante, pois, segundo reportagem de Louise Queiroga com a ONG Transgender Europe (TGEU), o Brasil ocupa o 1º lugar no mundo que mais mata LGBTQIA+: “Entre 1º de outubro de 2017 e 30 de setembro deste ano, 167 transexuais foram mortos no Brasil. A pesquisa, feita em 72 países, classificou o México em segundo lugar, com 71 vítimas, seguido pelos Estados Unidos, com 28, e Colômbia, 21” (QUEIROGA, 2018). A reportagem ainda mostra que o site apurou 369 mortes de pessoas LGBTQIA+ no mesmo período. Desse modo, considerar o contexto brasileiro em pesquisas envolvendo a percepção que se tem dos *youtubers* dentre os jovens LGBTQIA+ mostra-se relevante.

A fim de se compreender o cenário atual de discussão pelos *youtubers* LGBTQIA+, é necessário acompanhar o caminho que seguiu o movimento deste grupo social na história e como as discussões de gênero e sexualidade foram tomando forma ao longo da história humana. Acredita-se que compreender o processo histórico dos aspectos que envolvem essa temática nos permite ter um olhar mais cuidadoso para o que hoje se manifesta nas discussões entre os jovens e *youtubers* LGBTQIA+, considerando-se as transformações vivenciadas nas últimas décadas. Na transição da sociedade industrial para uma sociedade em rede, entre tecnologia, cultura e sociedade, torna-se necessário observar que o ciberespaço, como democrático e um grande arquivo da cultura produzida pelo homem, permite espaços formativos e de ativismo social e político.

CAPÍTULO 2

MOVIMENTO LGBTQIA+ NO BRASIL: PERCURSO HISTÓRICO

Como foi possível observar no capítulo anterior, as transformações tecnológicas nos meios de produção afetaram as relações sociais, mobilizando organização de grupos sociais. Houve uma crescente organização de grupos identitários, que geraram debates em torno das questões de sexualidade e de gênero envolvendo a comunidade LGBTQIA+. No Brasil, os primeiros movimentos organizados reivindicando direitos sociais surgiram em meados dos anos 1970 (FACCHINI, 2005).

Por se considerar que esta temática se constitui parte de um debate muito maior em torno da sexualidade humana e dos aspectos culturais, julgou-se necessário compreender como a homossexualidade era percebida e manifestada nas sociedades pré-industriais, para, em seguida, contextualizar como a relação entre infra e superestrutura modificou a relação do homem com sua sexualidade. Buscou-se, ainda, compreender em que momento surgiram as reivindicações de políticas públicas que garantam os direitos e o reconhecimento dessa população, fato que nos traz aos dias de hoje.

2.1 A homossexualidade nas sociedades pré-industriais às industriais

No decorrer da história humana, podemos encontrar diversas formas de organização a depender do contexto sócio-histórico, pois nem sempre coube ao homem desempenhar o papel de provedor absoluto. Por exemplo, nas sociedades pré-industriais, também chamadas de sociedade "fundacional" e/ou "comunismo fundacional"¹⁷ (MELO, 2013), homem e mulher ocupavam funções fundamentais para sua manutenção (OKITA, 2007).

Embora explicita a ausência de fontes e informações precisas para suas discussões, Okita (2007) tomou como eixo da contextualização histórica, sobre o comunismo fundacional, o continente europeu e resgatou da obra *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, de Friedrich Engels, a indicação de que as sociedades fundacionais eram matriarcais. Um matriarcado que não implicava em relações sociais assimétricas, nas quais haveria domínio

¹⁷ Segundo Okita (2007), estas sociedades podem ser compreendidas como tendo “baixo nível de desenvolvimento tecnológico” e “alto grau de desenvolvimento humano” (p. 23).

da mulher sobre o homem, mas sim no sentido de organizações sociais que tinham como objetivo a sobrevivência, na medida em que as mulheres permaneciam no território para que os homens pudessem se ausentar para a caça.

A concepção de paternidade não existia ali e a co-habitação, ou seja, homem e mulher que mantinham relações sexuais vivendo juntos, só apareceu nos últimos períodos do comunismo fundacional. Os descendentes de sangue eram identificados através da mulher. A organização tribal concentrou-se em relação às mulheres e seus filhos. O cuidado das crianças era dividido entre a mulher e seus irmãos. Os pais eram apenas visitantes do lar tribal, que era a residência da mãe e de seus parentes de sangue. Os homens viviam com a mãe e os irmãos dele, cuidando dos filhos das irmãs (OKITA, 2007, p. 25-26).

A prática homossexual não era inexistente ou proibida, fazia parte da vida enquanto prática social. Era ainda comum a performance de homens travestidos de feminino, concebidos como seres especiais (sagrados), dotados de conhecimentos e inspirações para aconselhar, existindo uma relação de sacralidade com as manifestações da sexualidade e os atos sexuais (MELO, 2013). Ou seja, para essas sociedades, o sexo era um ato sagrado e compunha os rituais religiosos.

Em *Tristes Trópicos*, Claude Lévi-Strauss, antropólogo francês, relatou sua experiência de pesquisa com grupos indígenas isolados na região central do Brasil (OKITA, 2007). Naquelas sociedades, a homossexualidade existia como manifestação entre jovens, e essas manifestações eram públicas. Em *Parterns of Sexual Behavior*, escrita por Clellan Ford e Frank Beach, que se dedicaram à análise de “relatórios de 76 sociedades fundacionais em suas atitudes sobre a homossexualidade” (OKITA, 2007, p. 26), os autores observaram que, em dois terços dos relatórios, havia citações envolvendo a homossexualidade masculina e pouco sobre a feminina, fato que os levou a concluir que os “antropólogos e observadores são em geral puritanos, machistas e homofóbicos, e em seus relatórios sempre consideram a homossexualidade como um fenômeno” (OKITA, 2007, p. 26-27).

A experiência do travestismo também era uma prática cultural em muitas dessas sociedades. Conhecido como *berdache*, transsexuais homens e mulheres tinham importância no grupo.

O antropólogo alemão Hermann Bauman documentou a existência do berdache em quase todas as tribos indígenas da América do Norte. Eram pessoas altamente respeitadas e tinham um papel sexual-ritual com as pessoas não berdache nas cerimônias religiosas. Também documentou a existência de travestis masculinos e femininos que eram feiticeiros em muitas tribos africanas (OKITA, 2007, p. 27-28).

Pode-se afirmar, portanto, que, nas sociedades fundacionais, a homossexualidade não era encarada como um erro de conduta, sendo permitida maior liberdade de manifestação da sexualidade humana se em comparação com as sociedades atuais. Com base nos estudos da sociologia e antropologia, a sexualidade apresentou, assim, contornos diferentes em determinado tempo e grupo social. Desse modo, sendo as práticas sexuais e a sexualidade construções sociais (logo culturais), deve-se olhar para elas pela ótica do discurso: “ao falarmos de sexo, quem está a falar, quais são os lugares e as opiniões de quem está falando” (FOUCAULT, 1988, p. 18 apud LIMA, 2017, p. 29).

Na medida em que o homem desenvolveu novas técnicas produtivas, conseguiu dominar animais de grande porte, passou a deter maior conhecimento sobre o cultivo e agricultura, escravizar inimigos de guerra e acumular riquezas (metais valiosos e propriedade), com isso, a organização social começou a mudar, e foi instituída a propriedade privada. Como parte fundamental da estrutura social que emergiu em face dessas transformações, surgiu o casamento acordado (arranjado), heterossexual e monogâmico, necessário para a manutenção do patrimônio “acumulado” pelos herdeiros, dando continuidade às estruturas de poder.

Nessa época [a antiguidade], ciúmes sexuais eram implícitos entre o homem, sua mulher e seus filhos. Mulher e filhos, como gado e cereais, viraram propriedade privada. Em alguns códigos legais desta época, a violação da mulher era considerada um crime contra a propriedade (OKITA, 2007, p. 33).

Observa-se, assim, que as transformações materiais produtivas se relacionam diretamente com as transformações culturais: do matriarcado caminhou-se para o patriarcado, que tem o homem como chefe e responsável pelo provimento da família; as religiões passaram a rever seus rituais com atos sexuais.

No sistema feudal na Europa (do século V ao XV), o modo de produção escravista foi substituído pela servidão, na tentativa de proteger o senhor feudal contra os povos germânicos invasores. Nesse período, a igreja assume um papel importante e, mesmo com os conflitos e a descentralização política, conseguiu manter influência nos diversos territórios fazendo com que grande parte da Europa se tornasse católica apostólica romana. Impunham-se as primeiras restrições ao homossexualismo.

As primeiras manifestações anti-homossexuais por parte da Igreja deram-se na forma de advertência, como por exemplo a que Santo Agostinho dirigiu a um grupo de freiras em 423: “[...] amor entre vocês não deve ser carnal”. Mas logo as proibições cléricas tomaram um caráter muito mais sério. Em 693, a Igreja espanhola reafirmou a punição de Justino para homossexuais masculinos: castração, depois execução. Para as freiras,

novas penas foram desenvolvidas, mas não tão severas quanto para os padres (OKITA 2007, p. 46).

A tradição judaico-cristã, com seu projeto civilizatório, regulava o comportamento sexual, defendendo que o sexo era apenas para procriação; sendo assim, toda e qualquer atividade sexual que saísse desse objetivo, como masturbação e sexo homossexual, era classificada como “pecado de sodomia” (MELO, 2013). Melo destaca também, que desperdício de sêmen era um crime grave, atentado contra a moral judaico-cristã, moral esta que sustentou o discurso machista, patriarcal, bem como o tabu à nudez, a monogamia e a sexofobia, já que, aqui, o sexo não se relacionava com o prazer.

Com fim da sociedade feudal e com o surgimento do pensamento liberal e iluminista na defesa dos direitos e liberdades individuais, o discurso anti-homossexual foi se atenuando; contudo, a homossexualidade ainda constituía uma ameaça à organização burguesa de família e herança, por se compreender, à época, que o matrimônio estava intrinsecamente ligado à reprodução. Com isso, a liberdade sexual não podia ser bem-vista.

Na verdade, o comportamento homossexual nunca constituiu uma grande ameaça à reprodução. Na sociedade livre de restrições sexuais, a homossexualidade existia inter-relacionada com o heterossexualismo. Na sociedade patriarcal, com a reprodução dentro da família tornando-se uma obrigação social, a homossexualidade, sendo um elemento imprevisível e não reprodutivo, é considerada anti-social (OKITA 2007, p. 51).

Ainda que houvesse uma mudança quanto as liberdades individuais, a homossexualidade continuava a ser compreendida como um desvio de conduta social passível de punição.

2.2 Homossexualidade no mundo moderno

Com o declínio do sistema feudal, a racionalidade científico-filosófica, a partir do século XVI, começa a ganhar espaço ao questionar o paradigma religioso e político vigente. Nos séculos XVII e XVIII, o ideário liberal (do filósofo inglês Locke) e iluminista (dos filósofos franceses Montesquieu, Voltaire e Rousseau) ganhou força e repercussão, enfraquecendo o absolutismo europeu. Seu ápice foi a Revolução Francesa (1789-1799), que acarretou mudanças políticas e sociais (DONATO; MELLO, 2011). No entanto, foi somente no século XIX que as ideias liberais e iluministas foram incorporadas às ciências humanas, trazendo novas discussões em torno dos direitos do homem (SANTOS, 2008).

Em 1860, a Federação Alemã do Norte apresentou um novo Código Penal, no qual atos homossexuais foram reconhecidos como delitos (OKITA, 2007). Em função dessa ação, começaram a surgir debates em torno da descriminalização da homossexualidade, fato que mobilizou líderes e intelectuais sociais-democratas a fomentar o debate, viabilizando o apoio a conferências em torno do tema. Ainda assim, o novo Código Penal Alemão foi aprovado e entrou em vigor apenas em 1871.

Apesar disso, nos últimos anos do século XIX, intensificaram-se os debates sobre a homossexualidade, dando origem a uma primeira organização de luta pelos direitos dos homossexuais – o Comitê ativista. Ele foi formado na Alemanha, em 1897, e lutava em favor da libertação homossexual.

Seu fundador e guia durante a maior parte dos seus 35 anos de existência foi o Dr. Magnus Hirschfeld. Os objetivos do Comitê eram:

- Ganhar os corpos legislativos para que apoiassem a petição de abolir o Parágrafo anti-homossexual 175;
- Trazer a público a verdade sobre a homossexualidade.
- Interessar os próprios homossexuais na luta em favor de seus direitos (OKITA, 2007, p. 55)

Nesse período, havia um trânsito entre intelectuais e pesquisadores dos países europeus, principalmente para troca de descobertas e debates de temas emergentes do período. Um desses temas era a questão da homossexualidade. Esse fato acabou por mobilizar o Comitê ativista, que passou a organizar grupos para debater e discutir o tema e para difundir, para outros lugares, as revisões das leis anti-homossexualismo, como por exemplo, na Rússia e na Suíça. Essa mobilização configurava-se como um primeiro movimento de organização da sociedade civil, a fim de articular medidas para modificação de tais leis. Tinha ainda como objetivo iniciar uma desconstrução da homossexualidade como desvio social e descriminalizar os atos homossexuais firmados no artigo 175 do Código Penal Alemão. Entretanto, com o conturbado início do século XX e os conflitos mundiais (Primeira e Segunda Guerra), essas discussões promovidas pelo comitê não avançaram.

Outros contornos sobre a homossexualidade havia, no entanto, na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Entre as pautas revolucionárias do início do século XX, a revolução sexual era central para os bolcheviques. Assim, a Revolução Russa (1917) apontava para os Estados Unidos da América (EUA) e para a Europa Ocidental a necessidade de rever a condição dos homossexuais na sociedade.

As transcendentais reformas concernentes a assuntos sexuais, o resultado imediato da revolução russa, abriram caminho a uma nova atmosfera de liberdade sexual. Essa atmosfera, que deu grande ímpeto ao movimento de reforma sexual na Europa ocidental e nos Estados Unidos, foi conscientemente ampliada para que incluísse a homossexualidade; "era necessário abolir as barreiras que separavam os homossexuais da sociedade", explicou Wilhelm Reich. Essa atitude era, no geral, compartilhada pela população. A atitude soviética oficial, sob os bolcheviques, era a de que a homossexualidade não fazia dano a ninguém e que, em todo caso, era um problema científico, não legal (OKITA, 2007, p. 63-64).

Entendia-se assim, que a vida privada não causava problemas sociais ao grupo; eram condutas particulares, não cabendo qualquer tipo de julgamento de terceiros. Abaixo, pode-se ler trechos de um panfleto escrito pelo bolchevique Dr. Grigory Batkis, diretor do Instituto Moscovita de Higiene Social:

A atual legislação sexual da União Soviética é obra da Revolução de Outubro. Esta revolução é importante não somente como fenômeno político que garante o governo político da classe trabalhadora, mas também porque as revoluções que emanam desta classe chegam a todos os setores da vida (BATKIS, 1925 apud OKITA, 2007, p. 64).

E continua:

A respeito da homossexualidade, sodomia e outras várias formas de gratificação sexual, que na legislação europeia são qualificadas de ofensas à moral pública, a legislação soviética as considera exatamente igual qualquer outra forma da chamada relação "natural". Qualquer forma de relacionamento sexual é um assunto privado. Somente quando se emprega a força ou coação e geralmente quando se ferem ou lesem os direitos de outra pessoa, existe motivo de perseguição criminal (BATKIS, 1925 apud OKITA, 2007, p. 64-65).

A Rússia passa, então, a enviar representantes a vários congressos que discutiam a temática; contudo, em 1928, esse cenário começou a mudar e discursos de criminalização da homossexualidade voltam a circular socialmente pelos países soviéticos. O passo decisivo para esta mudança pode ser atribuído ao aumento da repressão e da contenção da classe operária, pois Stalin defendia o fechamento comercial, por acreditar que a URSS seria capaz de se desenvolver isoladamente. Além disso, Stalin, em 1929, passou a usar um discurso moralista em relação a homossexualidade, tida, para ele, como um produto da decadência burguesa e da perversão fascista (OKITA, 2007), e que, portanto, tais ações poderiam ser entendidas como um retrocesso a todo avanço democrático da revolução. Tem-se assim, o início de uma violenta repressão aos homossexuais, e, em 1934, é promulgada a lei que pune atos homossexuais há 8 anos de prisão. O discurso oficial veiculado pela imprensa soviética carregava-se de sentidos contrários à homossexualidade, que agora era compreendida "como sintoma da 'degeneração da burguesia fascista'" (OKITA, 2007, p. 68).

No mesmo sentido, caminhava o discurso nazista sobre a homossexualidade: “Na Alemanha, existe um lema que diz: ‘erradicando os homossexuais, desaparece o fascismo’” (OKITA, 2007, p. 69). Ou seja, os discursos oficiais soviéticos e alemães culpavam o fascismo pela homossexualidade. Essa leitura, no entanto, chama a atenção, ao se considerar que tanto Stalin quanto Hitler partilhavam uma ideologia de governo próxima ao fascismo de Mussolini, ao imporem práticas autoritárias e controladoras da liberdade. O fato é que ambos os governos, o de Stalin e o de Hitler, promoveram o extermínio de homossexuais, indo em direção contrária ao fascismo que apenas condenava a prática, sem haver nenhuma política de extermínio.

Ainda segundo Okita (2007), algo similar ao que ocorreu na União Soviética aconteceu em Cuba, uma vez que, após a Revolução Cubana (1959), a URSS se aproximou daquele país a fim de lhe oferecer apoio financeiro, devido às sanções econômicas dos EUA. Isso fez com que em Cuba se adotasse a mesma política de extermínio dos homossexuais.

Mudanças virão apenas mais tarde, após forte apelo internacional. O fato é que a homossexualidade sempre foi tomada por um discurso que a caracterizava como não natural (LIMA, 2017); em razão disso, cabia aos homossexuais e transsexuais viver em guetos. Escondidos dos olhos da sociedade, tinham pontos de encontros. Esses guetos surgiram como alternativa para encontros e socialização de grupos. Pode-se dizer, assim, que esses espaços constituíam pequenos focos de resistência às designações do Estado sobre a vida sexual dos cidadãos.

Nos EUA, um episódio sobre esses espaços de resistência foi importante para a trajetória histórica da luta dos homossexuais. No dia 28 de julho de 1969, como era de costume, a polícia de Nova York fez uma rotineira invasão no bar *queer*¹⁸ chamado Stonewall Inn (frequentado por gays, lésbicas e travestis), localizado no bairro de *Greenwich Village*, forçando os fregueses a saírem do bar. Nesse dia em especial, liderados por travestis, como Marsha P. Johnson (negra) e Sylvia Rivera (latina), gays e lésbicas se perceberam como iguais e resistiram (RIBEIRO, 2011) e, usando fogo e pedras, impediram que os policiais entrassem. Foram quatro dias de conflitos. O episódio reverberou pelo país, criando frentes de grupos organizados para lutar pelos direitos dos homossexuais.

Houve quatro noites de confrontos violentos entre a polícia e homossexuais nas ruas de New York. Participantes desse movimento e outros homossexuais logo formaram uma organização política que se chamou Frente de Libertação Homossexual, que ultrapassou, em seus objetivos, os pequenos grupos de homossexuais para direitos civis, organizados nos anos 1950, que tentavam se proteger contra a histeria anti-

¹⁸ *Queer* significa estranho em tradução literal para o português; na cultura norte americana e inglesa, designava sujeitos vistos com desvios de comportamento sexual, fora do padrão heteronormativo.

homossexual de McCarthy. No aniversário da rebelião de Stonewall, dez mil homossexuais saíram às ruas protestando contra a discriminação e opressão, gritando o slogan: "ser homossexual é bom". Essa passeata militante tinha implicações mundiais e centenas de organizações de homossexuais apareceram em todas as principais cidades e universidades dos Estados Unidos e Europa (OKITA, 2007, p. 73-74).

Essa mobilização influenciou não só os EUA, mas o evento colocou a luta por direitos dos LGBTQIA+ em uma escala global, impulsionando o debate sobre a temática (RIBEIRO, 2011). O episódio americano tornou-se marca da luta pelo reconhecimento dos homossexuais, dando origem às Paradas de Orgulho Gay, que, aos poucos, passaram a ser organizadas nas principais cidades do mundo. Influenciados por esse forte movimento global, a associação de psiquiatria foi levada a rever a patologização da homossexualidade (OKITA, 2007). As Paradas do Orgulho Gay chegam ao Brasil quase uma década depois (RIBEIRO, 2011).

O surgimento de grupos organizados de militância, do movimento gay, na América Latina é mais tardia. Muito se deve à forte tradição católica, mas também às organizações políticas de esquerda tenderem a uma visão socialista, influenciada pela URSS no período, que entendia a homossexualidade como comportamento de uma sociedade burguesa que desapareceria com o socialismo (GREEN, 2003). Não se tem muitos dados sobre a gênese desses grupos na América Latina, mas se sabe, segundo Green (2003), que surgem entre as décadas de 1980 e 1990 e que não estavam ligados ao evento de Stonewall diretamente. O Brasil se destaca, reconhece o autor, como um dos países latino-americanos em que o movimento irá ganhar mais corpo com influências mais ligadas ao movimento estadunidense.

É nesse contexto e período que, com o surgimento das novas tecnologias da informação, a liberação sexual e as diferenças das pautas entre feministas e homossexuais masculinos, emerge o movimento gay (CASTELLS, 2021b).

2.3 Coletivo LGBTQIA+ no Brasil: percurso histórico

No Brasil, assim como em qualquer outro lugar do mundo, as práticas homossexuais nunca deixaram de existir. Em meio às restrições ideológicas hegemônicas, a mobilização para subverter sempre esteve presente. Espaços de encontros sexuais para homossexuais masculinos sempre existiram, eram de conhecimento geral (GREEN, 2000); desde o final do século XIX, a Praça Tiradentes, a Praça da República, o Teatro São Pedro e a Lapa, no Rio de Janeiro, eram espaços usados para encontros dos homossexuais, fato que ia de encontro ao processo de urbanização e higienização do centro do Rio: um projeto de elite, por meio do qual “o Rio era

promovido como uma versão tropical da moderna Paris”, levando à marginalização daqueles que não faziam parte desse projeto, entre eles os “pederastas” e “efeminados” (FACCHINI, 2002).

O carnaval era o período de permissão para experiências de gênero (GREEN, 2000). A cantora popular Carmen Miranda (1938), com toda sua estética tropical, seu tom carnavalesco e a dubiedade das relações de gênero, era imitada por homens e mulheres. Nesse momento, as trocas de papéis de gênero eram aparentemente aceitas: “As imagens contraditórias das festas permissivas do carnaval e a brutalidade dos assassinatos [eram] alarmantes, assim como as tensões entre tolerância e depressão, aceitação e ostracismo estão profundamente arraigadas na história da cultura brasileira” (GREEN, 2000, p. 26).

Naquele período, a sociedade percebia e atribuía aos homossexuais homens papéis de gênero (FACCHINI, 2002; GREEN, 2000): aqueles que assumiam o papel “feminino” eram chamados de “fresco”, homem jovem com traços femininos; aqueles que adotavam um papel “masculino”, eram olhados como “fancho”, homem masculino com desejo em jovens efeminados. Retratava-se, assim, nesses papéis, características de uma sociedade machista, na qual a feminilidade era sinal de fraqueza.

Green (2000) destaca ainda que, a partir dos locais de encontro e da prostituição, foi se constituindo uma subcultura¹⁹ gay, que, posteriormente, passou pela imprensa/chargista pornográfica, literatura etc. Nesse processo, destacam-se outros coletivos que se entrelaçaram e que trouxeram contribuições para a constituição dessa subcultura, como a marginalização da população negra, que ainda carregava lastros da escravidão, para fora das metrópoles, e a também boemia artística. Neste percurso, tem-se o movimento feminista que ocorre a Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo no ano de 1922, que buscou a constituição de uma identidade brasileira, confrontando-se com o eurocentrismo eugênico.

Transformações importantes ocorreram no Brasil entre 1920 a 1945. Nessas duas décadas e meia, o Rio de Janeiro e São Paulo - os centros econômicos, políticos e culturais do Brasil - tornaram-se campos de batalha para ideias conflitantes em torno da identidade nacional e visões divergentes quanto ao futuro político e econômico do país. Os acontecimentos que tiveram lugar neste período e as construções ideológicas e sociais controversas sobre nação, raça, identidade, cultura e gênero moldaram tanto uma subcultura homossexual urbana nascente quanto um discurso médico-legal sobre ela (GREEN, 2000, p. 125).

¹⁹ Entende-se como representações simbólicas e práticas sociais de determinado grupo social (BAROOS, 2007 apud MARTIN 2004), que coexiste com a cultura hegemônica.

Desse modo, olhar para a homossexualidade na modernidade, implica em colocá-la em relação a outros grupos socioculturais minoritários, na tessitura de relações de resistência às ideologias hegemônicas. No Brasil, nunca houve uma lei que criminalizasse o “homossexualismo”, apenas o atentado ao pudor era previsto no código penal. Desse modo, desde que as práticas homossexuais se restringissem ao particular, não existia um forte enfretamento em relação a ela.

Foi no início dos anos 1960, com o surgimento da contracultura²⁰, que surgiram as casas noturnas, os bares, os fã-clubes e as praias que funcionavam como local de encontro entre homens. Nesse período, também surgiu o jornal *O Snob* (1963-1969), que foi concebido por um grupo de jornalistas gays e destinado ao público homossexual. Ele tornou-se o primeiro periódico brasileiro abertamente direcionado à comunidade gay e, com uma circulação discreta, trazia entrevistas de homossexuais da época (GREEN, 2000).

Foi ainda nos anos 1960 que as noções de gênero masculino e feminino atribuídas aos gays começaram a ser revistas em alguns contextos, a depender do horizonte sociocultural do sujeito: homossexuais de classe média, por exemplo, começavam a se opor a essa imitação do “comportamento heterossexual normativo de gênero” (GREEN, 2000, p. 301); enquanto entre os homens das classes pobres e operárias ainda se mantinha predominante “a construção boneca/bofe” (GREEN, 2000, p. 301).

No carnaval, mantinham-se as manifestações performáticas de gêneros: homossexuais travestidos de mulheres participavam dos bailes, dos ensaios e dos desfiles de escola de samba, prática, na época, socialmente aceita, desde que os homens se apresentassem como figuras femininas dentro dos padrões normativos e desde que se comportassem da forma esperada para uma mulher. Surgem aí as travestis.

Os travestis, e por extensão todos os homossexuais, incluindo transexuais, podem ser tolerados se estiverem de acordo com os estereótipos masculinos da mulher com as marcas de gênero apropriadas. Na medida em que o homossexual em questão fosse uma mulher sexy, glamourosa e sofisticada que aspirasse ganhar respeitabilidade heterossexual, ele poderia ser acolhido no seio da sociedade brasileira (GREEN, 2000, p. 372).

O carnaval, como todas as grandes festas populares, é a fuga da vida ordinária, ainda que por determinado período. É o espaço onde convenções sociais hegemônicas são deixadas temporariamente de lado, em uma tentativa de regulação do corpo social; o sublime sucumbe

²⁰ Assim foram nominados os movimentos de coletivos que surgem a partir dos anos 60, que buscavam um rompimento com a cultura hegemônica (heteronormativa, machista e branca). Entre esses coletivos, destaca-se os coletivos Hippie e Punk.

ao grotesco nas suas mais diversas formas estéticas (BAKHTIN, 2010). Historicamente, as festas populares operam como uma segunda vida, onde os sujeitos vivenciam a experiência expressiva artística. Nesse contexto, pode-se compreender as experiências de gêneros vivenciadas no carnaval. Ainda se pode, em paralelo, perceber a carnavalização das paradas gays pelo mundo como ato subversivo que rompe com essa vida ordinária hegemônica heteronormativa, permitindo naquele momento desafiá-la.

De 1969 a 1980, período em que a ditadura militar no Brasil se coloca de forma dura, a partir do AI-5, espaços como bares, discotecas, cinemas e saunas para a comunidade homossexual masculina continuavam a se expandir, uma vez que eles não eram alvo do regime militar. Como os regimes comunistas ainda se posicionavam avessos às práticas homossexuais, não existia ligação direta entre homossexualidade e ideais de esquerda. Os militares toleravam os gays desde que ficassem em seus guetos fechados, permitindo apenas no carnaval certa liberdade. “Cada vez menos indivíduos tinham restrições para assumir sua orientação sexual” (GREEN, 2000, p. 424).

Podemos lembrar aqui os *Dzi Croquetes*, grupo de Teatro Musical formado por homossexuais na década de 1970, que, em pleno período militar, propunham um trabalho artístico de vanguarda, rompendo com os padrões de gênero, apresentando personagens femininos e andrógenos para satirizar e criticar a sociedade e as autoridades.

No segundo semestre de 1976, teve início uma movimentação de grupos de homossexuais, resultado de encontros de homens gays que tentavam organizar um grupo maior para debates. Alguns destes homens voltavam do exílio junto com outros integrantes da imprensa alternativa. O movimento surgiu como uma nova opção política para a afirmação da identidade homossexual, uma resposta a uma cultura de “guetos”, que buscava novos espaços para ocupar. Em 1978, diante de divergências, um grupo é organizado para a criação do Núcleo de Ação pelo Direitos Homossexuais. Sua primeira aparição ocorreu na forma de uma carta aberta ao sindicato dos jornalistas (FACCHINI, 2002, 2003).

Em dezembro do mesmo ano, o grupo é rebatizado para SOMOS – Grupo de Afirmação Homossexual – e é convidado a participar de “uma semana de debates sobre movimentos de emancipação de grupos discriminados, a ser realizada no início do ano seguinte na USP” (FACCHINI, 2002, p. 67). Foi a primeira onda do movimento gay brasileiro (FACCHINI, 2002). Inicialmente, o grupo era composto apenas por homens gays, mas, com o tempo, começou a receber novos integrantes, inclusive mulheres lésbicas. O grupo SOMOS, importante na história do movimento homossexual, surgiu como primeiro modelo de militância organizada experienciado no Brasil. No período, o grupo foi tido como modelo diante das

pautas reivindicatórias. A partir dele surgiram dois novos grupos, Eros e Libertos, frutos da mobilização iniciada pelo SOMOS, que começaram a semear a necessidade de organização coletiva.

A partir desse debate, novos integrantes, inclusive mulheres, entram no SOMOS [...] É interessante observar, em relação à forma como surgiam novos grupos, que um evento onde a questão homossexual teve destaque não só trouxe novos membros ao SOMOS como provocou o surgimento de novas iniciativas (FACCHINI, 2002, p. 67)

No entanto, não devemos compreender o grupo como se ele desse conta de toda a diversidade da comunidade. “Conflitos internos passaram a ocorrer na medida em que militantes do Somos passaram a defender uma estratégia de transformação social que passava por uma aliança com outras minorias, movimentos de trabalhadores e grupos de esquerda” (FACCHINI, 2002, p. 67), por compreender que as questões de gênero e sexualidade se entrelaçavam a outras questões estruturais da sociedade que marginalizavam minorias. Entretanto, esse movimento de aproximação não era consenso: outra parte do grupo se opunha a ele, pois não desejava vinculação da militância com outras questões que passassem por ideologias políticas. Nesse momento, surgem tensões que marcaram os debates do grupo, suas contradições e a existência de interesses conflitantes quanto às questões de raça, gênero e aspectos socioeconômicos entre os gays. Ou seja, o mesmo grupo que se unia para defender pautas de direitos dos homossexuais passou a conflitar na forma de compreender as reivindicações dessa organização: parte compreendia que a militância deveria focar na reivindicação do gay de classe média alta e parte percebia o movimento dentro de algo maior, que se entrelaçava com outras minorias, contra um discurso hegemônico “branco-machista-capitalista”.

Para contextualizar essas tensões da militância, Facchini (2002) se apoiou em Edward MacRae²¹ (1985). Segundo a autora, o pesquisador, a partir de entrevistas com integrantes e ex-

²¹ “Edward MacRae nasceu em 1946 em São Paulo e, em 1960 foi estudar na Inglaterra. Ingressou na University of Sussex onde concluiu o bacharelado em Social Psychology em 1968, e em 1971 obteve o título de mestre em Sociology of Latin America, na University of Essex (1971). De volta ao Brasil em 1976, obtém o título de doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP), com a tese O Militante Homossexual no Brasil da Abertura, uma densa etnografia a respeito dos movimentos sociais GLS na década de 70, defendida em 1986. Desde então, vem pesquisando a questão das drogas, trabalhando inicialmente no Instituto de Medicina Social e de Criminologia do Estado de São Paulo-IMESC e no Programa de Orientação e Atendimento à Droga dependência-PROAD/EPM. Foi membro do Conselho Estadual de Entorpecentes de São Paulo. É um dos membros fundadores da ABRAMD - Associação Brasileira Multidisciplinar de Estudos sobre Drogas. É membro dos Conselhos do Fundo Positivo: saúde, HIV e diversidade e da Rede Brasileira de Redução de Danos e Direitos Humanos ? REDUC. É professor Associado (aposentado) do Departamento de Antropologia e Etnologia e do Departamento de Ciências Sociais, mas continua a dar aulas e orientar nos Programas de Pós-Graduação em Antropologia e em Ciências Sociais, todos na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, onde ministra cursos de pós-graduação em torno de temas relacionados a socio antropologia das drogas.

integrantes do grupo, observou, nos respectivos perfis, algumas características em comum, fato que a levou a organizar os dados da seguinte forma:

Nesse período, MacRae identifica algumas características presentes no SOMOS:

- 1) a forte carga de agressividade voltada contra grupos semelhantes;
- 2) a oposição dos militantes aos frequentadores do gueto, que oscilava com a necessidade de não se afastar da “massa” homossexual;
- 3) a concepção de sua atuação, definida como voltada para a defesa dos ilegítimos interesses desse setor;
- 4) a adoção de tomada de decisão por consenso para não criar uma “ditadura da maioria” e uma “minoridade oprimida”;
- 5) distinção rígida entre os “do grupo” e os “de fora”;
- 6) escolha de coordenação rotativa para preservar a democracia e evitar a cristalização de lideranças;
- 7) a criação, no interior do grupo, de uma comunidade de iguais. Nesse sentido, o igualitarismo comunitarista conflitava com a heterogeneidade do público homossexual, e os recursos homogeneizadores passavam tanto pelo antiautoritarismo e mecanismos que impediam a explicitação de hierarquias internas, quanto pela busca proposital de inimigos ou ameaças externas. O próprio modelo das reuniões dos grupos de identificação, baseadas em relatos autobiográficos em que eram reveladas as ideias sobre a sexualidade em geral e a homossexualidade em particular, possuía uma tendência homogeneizadora: mais do que sendo descoberta, uma identidade homossexual estava sendo construída [...] aprendia-se a ser homossexual, ou melhor, militante homossexual (FACCHINI, 2003, p. 89-90).

A partir das observações da autora, podemos destacar as contradições do grupo, que buscava cultivar a prática democrática, como decisão pelo consenso da maioria, e a rotatividade de escolha de lideranças, que se entrelaçava com práticas homogeneizadoras numa tendência de ensinar a ser homossexual e a de diferenciar quem era do grupo e quem estava fora dele. Deste modo, MacRae analisou as ideias do grupo:

Ao analisar o ideário do SOMOS, MacRae aponta algumas características:

- 1) o grupo deveria ser exclusivamente formado por homossexuais;
- 2) as palavras “bicha” e “lésbica” deviam ser esvaziadas de seu conteúdo pejorativo;
- 3) na análise das relações de gênero, as assimetrias entre homens e mulheres deveriam ser combatidas, bem como a polarização ativo/passivo e os estereótipos efeminado/masculinizado;
- 4) a bissexualidade, enquanto identidade ou subterfúgio para não assumir a homossexualidade, era criticada, embora, em alguns momentos, a prática bissexual fosse até mesmo glorificada como subversor de todas as regras;
- 5) a monogamia e a possessividade nos relacionamentos eram questionados;

É pesquisador associado ao Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas - CETAD/FAMED, desde 1994. É autor de mais de numerosos artigos e livros sobre temas como sexualidade, movimentos sociais, o uso socialmente integrado de substâncias psicoativas, redução de danos associados ao uso de drogas, uso religioso de ayahuasca e Cannabis, entre outros assuntos. Entre esses podem ser destacados, ?Guiado pela lua? (1996); ?El Santo Daime e la espiritualidade brasileña? (2000); ?Rodas de Fumo ? o uso da maconha entre as camadas médias urbanas? (2000), em coautoria com o sociólogo Júlio Simões, professor da Universidade de São Paulo (USP), ?Eu Venho de Longe? (2011), em coautoria com Paulo Moreira; a coletânea ?Fumo de Angola: canabis, racismo, resistência cultural e espiritualidade? (2016), organizado juntamente com Wagner Coutinho Alves.” (Texto informado pelo autor em seu Currículo Lattes).

6) o prazer era visto como bem supremo e o autoritarismo devia ser combatido em todas as suas manifestações, tanto fora, quanto dentro do grupo (FACCHINI, 2003, p. 89-90).

O que se revela é a forte oposição ao discurso social heteronormativo.

Como resultado da ampla mobilização do movimento, a nível nacional, e das divergências relativas aos diferentes posicionamentos assumidos nos debates entre os membros do Somos, surgem novos grupos, e no início da década de 1980, cerca de 20 grupos de homossexuais no Brasil, cuja formação promoveu a constituição de uma grande rede de sociabilidade, favoreceu encontros de homossexuais pelo Brasil. Nestes encontros discutia-se o que é ser homossexual, afirmava-se a normalidade e a diversidade da sexualidade humana e removia-se os homossexuais de um local de sentimento de culpa que muitos vivenciavam (MACRAE, 1985 apud FACCHINI, 2002).

No entanto, em meados da década de 1980, em função da epidemia do HIV, que muda o foco da pauta do movimento e do período da redemocratização do país, houve um declínio do movimento homossexual organizado em grupo. O perfil e o objetivo dos novos grupos que surgiam, chamados de segunda onda por Facchini (2002), não eram mais tratar de conflitos interiores e da relação família e homossexualidade, já que o direito à saúde da população LGBTQIA+ tornava-se o centro, e o estigma em torno da “Peste Gay”, como foi chamado o vírus do HIV, fez com que alguns sujeitos não se vissem mais como parte do movimento.

Pode-se dizer assim, em consonância com a autora, que, se na primeira onda ensinava-se a ser militante e, desse modo, o sentido de política estava relacionado com o reconhecimento de grupo e ao pertencimento a eles, na segunda havia a necessidade de se adaptar ao momento que o Brasil vivia com o final do período autoritário. O anseio social passa a se organizar em torno de uma nova constituição que assegurasse direitos mais abrangentes, com maior participação na vida política e posicionamentos claros diante da sociedade. Nesse novo período, continua a autora, houve ainda um deslocamento dos movimentos do eixo Rio-São Paulo para Rio-Nordeste, com os grupos Triângulo Rosa e Atobá e o Grupo Gay da Bahia.

Havia ainda a necessidade de se concretizar ações de políticas afirmativas, com a participação de partidos políticos, mudança de código de ética da imprensa, reuniões da OAB e ainda participar da construção da nova Constituição de 1988 (FACCHINI, 2002), esta última por meio de um projeto coletivo de formulação do texto, na busca de inserir garantias de direitos à população LGBTQIA+ (CRUZ, 2014). Um desses direitos dizia respeito à área da saúde pública, pois era necessário conscientizar e promover a saúde entre os homossexuais diante do número de gays contaminados pelo HIV, doença que, ao mesmo tempo em que teve um papel importante ao dar visibilidade ao movimento, acabou por criar vários estigmas. Nesse contexto,

destacam-se as ações de ONGs do seguimento a atuarem para a desconstrução desses preconceitos junto à comunidade. No entanto, mesmo com essas ações, muitos grupos optaram por se afastar desta pauta: “a forte associação, de caráter negativo, entre AIDS e homossexualidade, que teve lugar no início da epidemia, levou vários grupos a optarem por não trabalhar prioritariamente com a luta contra a AIDS” (FACCHINI, 2003, p. 102).

Na década de 1990, iniciou-se uma nova fase para os movimentos – a terceira onda. O número de grupos de homossexuais, que havia diminuído, voltou a crescer, e, nos encontros nacionais, passou-se a ter uma maior diversidade de grupos representando outras regiões do país, com destaque para a região nordeste e o Rio de Janeiro. Ainda segundo Facchini (2002), o número de lésbicas também aumentou e as pautas reivindicavam direitos, como casamento, educação sexual e saúde da população gay. A terceira onda marca, assim, um reflorescer dos grupos e do movimento, que ganham outros contornos em face das mudanças que aconteciam no âmbito social, político e global (FACCHINI, 2002).

O ativista Antônio Luiz Martins dos Reis retorna ao Brasil de uma temporada de três anos na Europa – 1989-1991. Toni Reis, como era conhecido, tinha o objetivo de colocar em prática, no Brasil, sua experiência com a militância LGBT²² na Europa. Para isso, ele fundou, em Curitiba (PR), o grupo Dignidade (1992), e propôs a criação de uma confederação brasileira de entidades LGBT, que se consolidou, mais tarde, “como a principal articuladora das demandas dos movimentos em âmbito nacional” (CRUZ, 2014, p. 31). A primeira e maior rede de organizações LGBTs brasileira, a ABGLT (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis), tida ainda como a maior rede LGBT na América Latina (FACCHINI, 2017), tem como prioridade a defesa dos direitos de todo o segmento (CRUZ, 2014) e reúne cerca de 200 organizações espalhadas por todo o Brasil.

Articulação Brasileira de Lésbicas (ABL); Associação Nacional de Travestis (Antra); Coletivo Nacional de Transexuais (CNT); Coletivo Brasileiro de Bissexuais (CBB); Rede Afro LGBT; Fórum Nacional de Gestores e Gestoras Estaduais e Municipais de Políticas para População LGBT (Fonges); Grupo de Advogados pela Diversidade Sexual (GAD); Fórum Brasileiro de Paradas LGBT e Aliança Nacional LGBT (CRUZ, 2014, p. 31).

O movimento homossexual começa a ganhar espaço no debate público nas mídias de massa. Nesse período, surgem as revistas *Sui Generis* e *GMagazine*, com conteúdo voltado para homossexuais masculinos. Além disso, diante da expansão do neoliberalismo e de sua cultura

²² Nesse período, usa-se a sigla LGBT, conforme na época retratada neste percurso histórico.

de consumo, surge um nicho de mercado dedicado ao público gay, e empresários que se colocavam como homossexuais saíam em defesa do grupo (FACCHINI, 2002).

No interior do movimento, a representatividade é ampliada diante das tensões em relação à diversidade, implicando em questionamentos de representatividade acerca da sigla, pois ela não dava conta de representar os sujeitos que compunham o movimento e os reais objetivos por eles estabelecidos. Nesse contexto, em 1995, a sigla é revista e alterada de GLS para LGBT, incorporando demandas específicas de cada um desses coletivos, lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (CRUZ, 2014; FACCHINI, 2002). Facchini destacou ainda o movimento existente no interior do coletivo, ao qual ela denominou “à especificação e à criação de novas categorias classificatórias com a finalidade de nomear o nós” (p. 186). Ou seja, esse “nós” que compõe o todo do movimento carrega subgrupos com especificidades e demandas próprias em seu interior. Sendo assim, o movimento deve representar essa pluralidade, para não invisibilizar outros sujeitos, principalmente ao considerar um contexto histórico com as tecnologias da informação, que permitem difundir informação a diversos territórios.

Os sujeitos LGBTQIA+ passam a ter maior visibilidade e as pautas de reconhecimento de seus direitos ganham força. Acompanhando os eventos ao redor do mundo, no dia 28 de junho de 1997, data comemorativa da rebelião de Stonewall, aconteceu a primeira Parada do Orgulho Gay do Brasil. Esta reuniu cerca de duas mil pessoas na avenida Paulista, em São Paulo, e teve como tema “Somos muitos, estamos em várias profissões”. Eventos como esse passaram se espalhar pelo país, o que levou a uma exposição midiática do movimento (CRUZ, 2014), que reivindicava agora a legalização do casamento e a adoção de crianças por casais do mesmo sexo e a criminalização de atos de motivação homofóbica.

Até o final da década de 1990 e o início dos anos 2000, a análise que Facchini (2002) faz sobre as primeira, segunda e terceira ondas, ajuda a compreender a origem do movimento LGBTQIA+ no Brasil e seu processo de afirmação, que permitiu aos integrantes se reconhecerem em uma identidade coletiva e se afirmarem, perceberem-se como sujeitos de direitos, ensinando-lhes os caminhos de uma militância por meio de debates nos quais as diferenças e convergências se faziam presentes e impulsionavam a construção de algo novo e abrangente.

Assim como foi apresentado no capítulo 1, no início dos anos 2000, com novos dispositivos tecnológicos, mais modernos e acessíveis, o surgimento de redes sociais, fóruns de debates e *blogs* (CRUZ, 2014), usuários brasileiros, movimentos e organizações sociais começam a se apropriar desses recursos tecnológicos, levando para o espaço virtual as

discussões de temática LGBTQIA+. Este cenário, como aponta Castells (2021b), potencializa os movimentos sociais, oferecendo espaço de voz a estes atores sociais a partir dos seguintes aspectos: aglutinar interesses entre atores sociais construindo identidades coletivas; constituir uma esfera pública; promover ativismo político e embates institucionais; estabelecer e acompanhar processos de prestação de contas.

Não é diferente com o movimento gay, os coletivos e associações LGBTQIA+, que passam também a se apropriar desses recursos para trocas de informações e organização de ações em defesa de seus direitos no debate público (CRUZ, 2014), tanto nas esferas midiáticas quanto nas político-jurídicas. Nesse contexto, torna-se possível chegar aos usuários das redes, que se identificam com o movimento. A mobilização nas redes sociais sobre pautas antigas do movimento, com todo o seu contexto de luta dos últimos 20 anos, conseguiu avançar, embora ainda necessite de melhorias, mas não se pode negar que a movimentação da opinião pública foi parte importante para esses avanços.

2.3.1 As conquistas dos últimos 20 anos

Os atores sociais do movimento LGBTQIA+ passaram a se encontrar no ciberespaço por meio dos fluxos de informação, o que possibilitou forte militância e organização e articulação nas redes sociais dos mais variados tipos. Nesse contexto, surgem os *youtubers* que se assumem gays, lésbicas e transsexuais, entre tantas outras designações de gêneros e sexualidade que hoje conhecemos, e passam a dar voz às pautas do movimento. Dessa forma, o movimento ganha novos contornos diante das novas gerações e das mudanças de um mundo no ápice da globalização. Este impulso dado pelos debates nos espaços virtuais trouxe à discussão pautas importantes, que se tornaram conquistas do movimento: reconhecimento da união estável e, mais tarde, casamento homoafetivo; o nome social por pessoas transgêneros; e a criminalização da LGBTfobia.

Em maio de 2011, o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu a união homoafetiva como instituição familiar equiparada a de casais heterossexuais, garantindo os mesmos direitos civis aos LGBTQIA+, pauta reivindicatória antiga. Dois anos mais tarde, em 2013, com a Resolução nº 175, o presidente do STF e do Conselho Nacional de Justiça, Joaquim Barbosa, determinou que a união estável homoafetiva fosse convertida em casamento civil. Essa postura não agradou a setores conservadores da sociedade, em especial alguns legisladores, que sustentaram que o judiciário não deveria legislar. Por sua vez, o judiciário argumentou que é sua função defender os princípios constitucionais.

Em 28 de abril de 2016, por meio do decreto nº 8727, o governo federal reconheceu o nome social como direito de pessoas transgêneros, tornando obrigatório ao serviço público federal e autarquias essa prática. Uma vitória expressiva após anos de lutas no legislativo, o que levou o STF e o CNJ à Resolução nº 270/2018, garantindo, no âmbito judicial, o nome social como direito fundamental.

No ano de 2019, em 13 de fevereiro, foram ouvidos os autores dos dois processos – Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão (ADO) 26 e Mandado de Injunção (MI) 4733 – que visavam equiparar a homotransfobia ao crime de racismo, previsto na lei nº 7716/89. Ao entendimento do STF, a constituição assegura que nenhum cidadão deve ser discriminado (nem por raça, gênero, religião e posição socioeconômica), e por 8 votos a 3 em sessão no STF, a homotransfobia foi equiparada ao crime de racismo. Essa aprovação também gerou tensão com núcleos conservadores no legislativo.

Conclui-se, assim, que a história do movimento LGBTQIA+ é a história da apropriação e da disputa coletiva de sentido em torno de categorias que foram (e ainda são, muitas vezes) utilizadas para agregar estigma e sofrimento à vida de sujeitos, com desejos e condutas que conflitam com normatividades sociais relacionadas a gênero e sexualidade. O olhar retrospectivo mostra que essa trajetória tem trazido efeitos positivos para a vida dos sujeitos a quem se visa beneficiar e que, apesar de todos os conflitos e desgastes nos processos políticos cotidianos, debates importantes têm sido travados mesmo dentro do movimento. Nessa trajetória, passou-se de homossexuais, uma comunidade imaginada como separada e oprimida por uma sociedade descrita, muitas vezes, como heterossexual, para um conjunto complexo de sujeitos políticos que procuram lidar com essa pluralidade e se afirmar como sujeitos de direitos, integrantes dessa comunidade mais ampla, composta pelos cidadãos brasileiros (ANDERSON, 1991 apud FACCHINI, 2017, p. 151-152).

Esse breve histórico nos permite dimensionar o quanto a comunidade busca ser representativa e dar voz aos diversos sujeitos e pautas e, ao mesmo tempo, refletir sobre como o avanço das novas tecnologias da informação afetaram as relações sociais, impulsionando novas formas de organização de grupos identitários, na ampliação de espaços para debates e trocas de informação, até formar uma rede de fortalecimento da comunidade, ainda que virtuais. O que se faz notório, até aqui, é que, com o surgimento do movimento na década de 1970, formou-se uma grande rede de trocas pelo país; com as novas tecnologias, estas redes migraram para o ciberespaço, nas redes sociais, o que expandiu a rede de contato do movimento e a velocidade na troca de informação e organização de ações.

CAPÍTULO 3

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, serão apresentados os aspectos relativos aos procedimentos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa, que teve como objetivo compreender como jovens LGBTQIA+ dialogam com os discursos enunciados por *youtubers* LGBTQIA+ em seus respectivos canais. Como objetivos específicos, buscou-se conhecer quem são *youtubers* LGBTQIA+ para os jovens que participaram da pesquisa; como eles se tornaram seguidores desses *youtubers* e por quais motivos seguem determinados *youtubers* ao invés de outros.

Tratou-se, assim, de uma pesquisa qualitativa, por meio da qual se tornou possível estudar os fenômenos sociais que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações, nos mais diversos espaços e ambientes e nas diferentes camadas da sociedade, considerando-se os contextos nos quais os participantes se encontravam.

Para os autores do Círculo de Bakhtin, as particularidades relativas às pesquisas em Ciências Humanas devem ser compreendidas considerando-se seu objeto, por ele se distinguir daquele das Ciências Exatas (FREITAS, 2002). Assim, ao se olhar para o humano, as pesquisas devem considerar que ele vive em um contínuo processo expressivo e criador.

Para Bakhtin, não é possível compreender o homem, sua vida, seu trabalho, suas lutas, senão por meio de textos criados ou por criar. Nesse sentido, o homem não pode ser estudado como um fenômeno da natureza, como coisa. A ação física do homem precisa ser compreendida como um ato, porém, este ato não pode ser compreendido fora de sua expressão “sínica”, que é por nós recriada (FREITAS, 2002, p. 24).

Uma vez definido o aporte teórico da pesquisa, pôde-se então organizar os procedimentos para sua realização. Na abordagem qualitativa e em uma perspectiva que compreende o sujeito como historicamente situado, faz-se necessário iniciar o estudo por meio de uma revisão bibliográfica da produção acadêmica sobre a temática, a fim de serem construídos alicerces sólidos para o desenvolvimento da investigação. Só em seguida é que se torna possível passar para a coleta de dados, a partir da escolha do método que melhor dialogue com o objeto e com os objetivos da investigação. No caso desta pesquisa, optou-se pela realização de um grupo de discussão, como forma de propiciar o diálogo entre os participantes sobre as temáticas relacionadas às comunidades e aos *youtubers* LGBTQIA+.

3.1 Grupo de Discussão

Os grupos de discussão como práticas de investigação em grupo surgiram no período após a Segunda Guerra Mundial (década de 1950), mesmo momento em que teve origem outro instrumento de pesquisa – os grupos focais. Estes, criados, inicialmente, para colher opiniões para o marketing de empresas (GATTI, 2005), utilizavam-se de técnicas da área da psicologia (WELLER, 2006). Ao passar a ser utilizado no campo da pesquisa acadêmica, o instrumento sofreu transformações teórico-metodológicas, e, atualmente, os grupos focais “podem ser vistos também como um ‘protótipo da entrevista semi-estruturada’” (FLICK, 2002, p. 128 apud WELLER, 2006, p. 243).

Aproximando-se em termos organizacionais dos grupos focais, os grupos de discussão, embora também se voltassem, em sua origem, para o marketing, partiam de outra premissa, debruçando-se, em sua realização, nas interações discursivas coletivas (BOHNSACK, 1999 apud WELLER, 2006), ou seja, nos processos de significação presentes nas opiniões enunciadas pelos participantes. Para Meinerz (2011), o grupo de discussão visa a compreensão da dinâmica das relações sociais discursivas.

Conforme discutido na bibliografia estudada sobre o método, observou-se a existência de duas escolas teóricas. A primeira delas, de acordo com Weller (2006), é conhecida por escola de Frankfurt. Nesta, na década de 1950, o método foi utilizado por Friedrich Pollok para um estudo que envolveu aproximadamente 1.800 (um mil e oitocentas) pessoas de diferentes classes sociais (POLLOK, 1955; LOOS; SCHÄFFER, 2001). Nas décadas posteriores, no contexto das pesquisas de opinião, tal método ganhou novo tratamento teórico-metodológico, fundamentando-se no interacionismo simbólico, na fenomenologia social e na etnometodologia, tornando-se um importante instrumento de coleta de dados de pesquisas que visam estudar interações discursivas em grupo.

A segunda escola é conhecida por *Escola de Qualitativismo de Madrid*²³ e tem como principais representantes Jesús Ibáñez, Ángels de Lucas e Alfonso Ortí (MEINERZ, 2011), que exerceram forte influência aos estudantes de sociologia nos anos 1970. Segundo Meinerz (2011), no ano de 1956, Ibáñez foi convidado a dirigir uma consultoria de mercado, que usava como instrumento de coleta de dados enquetes de opinião pública. Diante das transformações sociais em curso naquele contexto, Ibáñez introduziu grupos de discussão, como uma abertura

²³ O termo refere-se a um grupo de pensadores do início do século passado, liderados por José Ortega y Gasset, em que suas obras reúnem discussões em torno da renovação da filosofia espanhola. A faculdade de Filosofia e Letras de Madrid foi o epicentro das movimentações dos intelectuais.

para a compreensão da dimensão simbólica da realidade social. Nos anos de 1960, o grupo de discussão tornou-se uma prática consolidada em pesquisa de mercado, e, na década seguinte, Ibañez abandonou as pesquisas de mercado para dedicar-se a escrever sua tese.

Para Meinerz (2011), os grupos de discussão, para além de uma técnica, configuram-se em “uma prática de investigação que possui historicidade, assim como diferentes enfoques e pressupostos teóricos” (p. 448). A realização de um grupo de discussão possibilita que os sujeitos sejam analisados no contexto histórico em que estão imersos e nas relações que estabelecem no grupo a partir do tema discutido, permitindo assim diálogo com diferentes aportes teóricos.

Por se compreender que as relações entre participantes são construídas sempre por meio da linguagem e que por seu intermédio é possível apreender os distintos posicionamentos socioideológicos relativos ao tema em discussão, a escolha por desenvolver esta pesquisa a partir da realização de grupos de discussão permitiu profícuo diálogo com os pressupostos teóricos do círculo de Bakhtin.

Weller (2006) destacou ainda, ao dialogar com Mangold (1960), que, nos grupos de discussão, emerge um posicionamento que é tomado pelo grupo a partir das interações e trocas realizadas, processo que diferencia esse método de outros que se voltam à pesquisa em grupo, que, muitas vezes, possibilitam apenas a somatória de opiniões e não a construção de posicionamentos de forma coletiva (mesmo com consensos e dissensos). Por essa razão também, compreendeu-se que tal prática investigativa era indicada para esta investigação, que envolveu um determinado grupo social, permitindo aos participantes tornarem-se representantes do meio social em que vivem.

Pelos motivos expostos acima, pode-se dizer que o grupo de discussão possibilita a compreensão do sujeito a partir do discurso social produzido coletivamente, permitindo a reconstrução de momentos de interação social (MEINERZ, 2011) a partir do contexto e do momento histórico em que se vive.

Para seu desenvolvimento, o pesquisador deve ocupar o lugar de moderador do grupo, cuja função é a de conduzir as discussões relacionadas ao tema (WELLER, 2006). Bohnsack (1999 apud WELLER, 2006) elenca ainda alguns princípios que devem ser adotados pelo pesquisador para a mediação do e no grupo. Destacam-se para esta pesquisa:

- Estabelecer um contato recíproco com os entrevistados e proporcionar uma base de confiança mútua;
- Dirigir a pergunta ao grupo como um todo e não a um integrante específico;

- Iniciar a discussão com uma pergunta vaga, que estimule a participação e interação entre os integrantes. Exemplo: Vocês poderiam falar um pouco sobre o vosso grupo? Como foi que ele surgiu?;
- Permitir que a organização ou ordenação das falas fique a encargo do grupo;
- Formular perguntas que gerem narrativas e não a mera descrição de fatos [...];
- Fazer com que a discussão seja dirigida pelo grupo [...] (BOHNSACK, 1999, p. 249 apud WELLER, 2006).

Cabe ainda ao pesquisador lançar novas questões para manter a interação do grupo e, quando esgotado o assunto, lançar novas perguntas para aprofundamento das discussões.

Considerando ainda que esta pesquisa tem como base estudos dos autores do Círculo de Bakhtin, o pesquisador foi também compreendido como participante do grupo ao mesmo tempo em que moderava as discussões, fato que fez com que seus enunciados se mesclassem na teia discursiva constitutiva do grupo. Para isso, porém, no momento da análise dos dados, coube ao pesquisador assumir uma posição exotópica em relação ao pesquisador participante.

Outro ponto recomendado por Meinerz (2011) e por Weller (2006) é a utilização de registros audiovisuais para o desenvolvimento de um grupo de discussão, pois tal prática permite ao moderador ficar mais livre para observação e condução das discussões no grupo, sem a preocupação com anotações; soma-se ainda o fato de tais registros permitirem uma análise mais apurada dos dados a serem analisados. Essa recomendação foi também seguida para o desenvolvimento da pesquisa a partir da gravação em vídeo, na íntegra, dos dois encontros realizados para a realização desta investigação.

3.2 Coleta de dados

Para a constituição do grupo de discussão, o pesquisador inicialmente elaborou um questionário via formulário *Google*, com perguntas que assegurassem a participação de jovens entre 18 e 29²⁴ anos, que se identificassem como LGBTQIA+ e acompanhassem *youtubers* LGBTQIA+; neste mesmo documento, preocupou-se ainda em assegurar o contato dos possíveis participantes da pesquisa. Foram elas:

- Qual sua idade?
- Como você se autodenomina em relação a identidade de gênero e orientação sexual?
- Você assiste canais no *Youtube* destinados ao público LGBTQIA+?

²⁴ O Estatuto da Juventude (2013) define como jovens aqueles que possuem entre 15 e 29 anos. Devido ao tema desta pesquisa, optou-se por limitar a participação para pessoas entre 18 e 29 anos de idade quando preenchessem o formulário.

- Deixe seu e-mail e telefone para contato:

O questionário foi compartilhado entre grupos de *Facebook* e *Whatsapp* ligados a grupos LGBTQIA+ e de estudantes do *campus* de Ribeirão Preto da USP, no dia 12 de novembro de 2019, e recompartilhado em 13 de setembro de 2020. O link para seu acesso foi acompanhado do seguinte texto convite:

Olá, tudo bem? Sou mestrando da FFCLRP-USP, estou pesquisando a relação entre youtubers e jovens LGBTQIA+. Para isso estou convidando jovens LGBTQIA+ que assistem a canais de youtubers LGBTQIA+, para uma conversa a fim de esclarecer como essa relação se dá e a contribuição para as discussões de gênero e sexualidade. Se você conhecer alguém neste perfil, residente em nesta cidade e região, encaminhe este link para ela e contribua com esta pesquisa. Desde já agradeço, obrigado!
<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScoqY3IjfGgDNVennD4hatMMKTyK3UJ72JpTphSGyaDRiFcuQ/viewform>

Foram 31 (trinta e um) respondentes no total, que assim se autoidentificaram: 7 (sete) mulheres cisgênero²⁵ bissexuais, 1 (um) homem bissexual, 17 (dezesete) homens cisgênero gay/homossexual²⁶, 4 (quatro) mulheres lésbicas, 1 (um) sujeito não binário e 1 (um) homem heterossexual. Destes, 6 (seis) não se enquadravam nos critérios para participação na pesquisa: 3 (três) homens gays maiores de 29 anos, 1 (um) homem heterossexual e 1 (um) homem gay e 1 (uma) mulher lésbica por serem menores de idade.

O grupo, portanto, contaria com potenciais 25 (vinte e cinco) participantes. Acertadas as agendas para o grupo se encontrar, apenas 8 (oito) pessoas confirmaram a presença: 2 (duas) mulheres cisgênero bissexuais e 6 (seis) homens cisgênero homossexuais. Acrescenta-se aos 8 participantes o pesquisador, 1 (um) homem cisgênero gay que, a partir da abordagem teórica que fundamentou a pesquisa, é também considerado integrante do grupo de discussão. Dos demais inscritos e selecionados, 6 (seis) não responderam mais as mensagens, e 10 (dez) não tinham agenda para participar. O número total de participantes do grupo de discussão, portanto, – 9 (nove) membros – estava de acordo com o previsto por Meinerz (2011), para quem “o número ideal [de participantes] varia entre sete e dez” (p. 495), a fim de se oportunizar um espaço em que todos os integrantes possam se relacionar.

Avaliava-se ainda que, para a constituição do grupo, o ideal seria a presença de, no mínimo, um representante de cada segmento que compõe a comunidade LGBTQIA+, contudo não foi possível atender a esse critério.

²⁵ Pessoas que se identificam com o sexo biológico de nascimento.

²⁶ As duas formas de identificação aparecem aqui, pois foi mantida a forma pela qual houve a autoidentificação pelos participantes

A coleta de dados, a princípio, seria realizada em reuniões presenciais, fato que foi impossibilitado pelo contexto mundial pandêmico, que teve início em março de 2020. Sendo assim, houve a necessidade de adaptação das reuniões do grupo de presencial para remotas, prática adotada durante a pandemia em todos os contextos que exigiam reunir pessoas. Adotou-se a plataforma *Teams*, da *Microsoft*, como espaço de encontro do grupo, por ser ela acessível a todos os participantes, sem limite de tempo.

No dia agendado, porém, compareceu um total de 7 (sete) pessoas: 1 (uma) mulher cis bissexual, 5 (cinco) homens cis homossexuais e o pesquisador, que, como dito anteriormente, além de moderador, tornou-se também participante.

Foram realizados dois encontros pela plataforma: o primeiro em 20 de agosto de 2020 e o segundo em 11 de setembro de 2020. Inicialmente, projetou-se um intervalo de 15 dias entre os grupos, mas, devido à dificuldade de ajustes de datas para que todos estivessem presentes nos dois dias, o intervalo acabou sendo maior – 21 dias.

Ambos os grupos foram gravados após consentimento dos participantes. O primeiro encontro teve duração de 2h 37m 08s e o segundo de 2h 54m 59s, totalizando, assim, 5h 32m 07s de vídeo para análise.

Antes do início das discussões, o pesquisador propôs uma rápida apresentação dos participantes, visando, com isso, uma (possível) aproximação entre todos os presentes. Em seguida, introduziu o tema dando início as discussões.

3.3 Participantes da pesquisa²⁷

Participaram da pesquisa, além do pesquisador, 6 jovens LGBTQIA+, de 18 a 30²⁸ anos, residentes em uma cidade do interior paulista, que se autodenominam LGBTQIA+ e que assistiam e acompanhavam canais de *youtubers* LGBTQIA+. Todos eram graduandos ou graduados.

Marcos, 30 anos, paulista, formação superior completa. Foi casado com uma mulher e teve filhos. Assumiu-se gay há pouco tempo.

Fernando, 21 anos, paulista, estudante universitário. Assumiu-se gay aos 18 anos quando teve seu primeiro relacionamento homossexual. Sua participação se deu “montado”²⁹ de

²⁷ Serão apresentadas poucas informações sobre os participantes a fim de se evitar a identificação dos mesmos.

²⁸ Um dos participantes durante o processo de responder o questionário e agendamento do primeiro encontro, completou 30 anos, o que justifica sua participação dentro do recorte de 18 a 29 anos.

²⁹ O termo *montado* é usado na cultura Drag, para dizer que ali está uma persona do sujeito que se manifesta por essa linguagem artística.

Drag Queen, porque queria, como ele mesmo disse, “representar a classe das drags” na pesquisa.

André, 29 anos, paulista, formação superior completa. Assumiu -se como homem gay com 25-26 anos quando se apaixonou por outro homem.

Bruno, 26 anos, sergipano, estudante universitário. Compreendeu-se como homem gay ao ingressar na universidade.

Camila, 18 anos, estudante. Percebia-se heterossexual até se relacionar com uma pessoa do mesmo sexo, quando, então, assumiu-se bissexual.

Arthur, 29 anos, formação superior completa, paulista e assumiu-se gay na idade adulta.

Rafael, 35 anos, formado em pedagogia e filosofia, mestrando e pesquisador, assumiu-se gay entre 15 e 16 anos.

3.4 Análise de dados

Para a análise dos dados, em consonância com os fundamentos teóricos dos autores do Círculo de Bakhtin, o pesquisador buscou compreender os sentidos construídos no grupo sobre a temática da pesquisa, partindo, para isso, da interação linguística entre os sujeitos (SOBRAL; GIOCOMELLI, 2019). A Análise Dialógica do Discurso (ADD) aqui proposta não se fundamenta em categorias de análise, mas sim nas relações entre discursos estabelecidas no diálogo entre os participantes, com as múltiplas vozes deles constitutivas, dos enunciados produzidos em sua relação histórica – com o *Grande* e com o *Pequeno Tempo* de cada participante. Desse modo, foi possível construir sentidos aos discursos em circulação no grupo, colocando-os em diálogo com as vivências de cada um e estas em sua relação histórica com a luta dos movimentos sociais do coletivo LGBTQIA+.

O pesquisador, que nos momentos de realização do grupo de discussão ocupou, ao mesmo tempo, o lugar de mediador e de participante, teve ainda, nos momentos da análise, que se distanciar das relações tecidas no campo da pesquisa, de modo a permitir que os sentidos emergissem do embate dialógico entre o momento do grupo e o olhar do pesquisador analista. Momentos que, por estarem videogravados, permitiram a construção de sentidos considerando-se a constituição verbal, não-verbal (expressões de concordância, discordância, incômodos e estranhamentos em relação aos discursos enunciados; logo, em relação a alguns posicionamentos socioideológicos) e extra-verbal (local onde se encontravam os participantes,

presença de outras pessoas no mesmo ambiente que o participante, ruídos de fundo, entre outros) dos enunciados do grupo.

Para compor a análise, considerou-se ainda a ordem metodológica para o estudo da língua proposta por Bakhtin/Volóchinov (2009, p. 129):

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual.

Os dados dos dois grupos foram divididos em cinco seções – 4.1 As relações discursivas na construção da sexualidade ; 4.2 O encontro dos participantes com os *Youtubers*.; 4.3 A capa, a palavra e a pessoa; 4.4 O que define um youtuber LGBTQIA+; 4.5 A relação do *youtuber* com a comunidade LGBTQIA+; e 4.6. Tensões discursivas entre os jovens e os discursos dos *youtubers*. Para a análise, os enunciados foram transcritos e recortados a partir dos objetivos desta pesquisa. Para a transcrição utilizou-se a seguinte notação, baseada no estudo de Preti (1999):

Ocorrência	Sinais
Hipótese do que se ouviu.	(hipótese)
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)
Qualquer pausa.	...
Comentários descritivos do transcritor.	((descrição))
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação.	“ ”
Interrogação.	?

3.5 Aspectos éticos

Buscou-se, ainda, no processo de análise, preservar o sigilo quanto à identidade dos participantes, razão pela qual eles foram identificados por nomes fictícios e as informações que poderiam levar ao reconhecimento deles retiradas do texto. Respeitou-se, desse modo, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para participação na pesquisa, assinado por todos os participantes antes da realização dos grupos de discussão, no qual foi assegurada confidencialidade dos dados pessoais e expostos os objetivos da pesquisa, a forma de participação e de registro do grupo por videograções.

A pesquisa foi analisada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) e considerada aprovada, de acordo com o Processo CEP-FFCLRP nº 3.663.342.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo tem como objetivo apresentar e analisar os dados obtidos nos grupos de discussão realizados nos dias 20 de setembro e 11 de outubro de 2020, com o grupo de jovens LGBTQIA+ que aceitou participar desta pesquisa. Os encontros foram realizados de forma virtual, por meio da plataforma *Teams*, dado o contexto pandêmico vivido mundialmente. Esse fato acabou por determinar dinâmicas de interação que, por serem mediadas pela tecnologia, implicaram em alguns comportamentos distintos daqueles possíveis de modo presencial. Como exemplo, pode-se citar o cuidado para que os turnos de fala fossem respeitados, a fim de assegurar a compreensão do que estava sendo dito; a atenção ao uso do microfone, ligando-o sempre que algum participante iniciava seus enunciados e o desligando logo em seguida, a fim de se evitar ruídos que atrapalhassem os diálogos; a participação, em alguns momentos, pelo *chat*, visando lembrar o outro participante de algo, complementar sua fala ou avisar que iria ao banheiro; a presença ou proximidade física de outros que não compunham o grupo, a depender de onde o participante se encontrava; garantir a participação de todos nos diálogos, entre outros. Contudo, pode-se dizer que nenhum desses processos impediram a coleta de dados considerando-se os objetivos da pesquisa e o bem-estar dos participantes, como previsto pelo comitê de ética.

4.1 As relações discursivas na construção da sexualidade

No primeiro dia do grupo, visando a aproximação entre os participantes, na medida em que ninguém se conhecia previamente, e considerando que o tema da pesquisa envolvia questões pessoais, o pesquisador pediu para que todos se apresentassem e compartilhassem suas histórias em relação à percepção e reconhecimento de sua orientação sexual. Histórias de vida que poderiam ter pontos de intersecção, de semelhanças ou de distanciamentos, mas que poderiam possibilitar empatia, o reconhecer-se no outro e, assim, o sentimento de pertencimento a um grupo sociocultural que, por muitos anos, teve sua voz silenciada pela sociedade. Histórias que dialogavam, mesmo que de forma indireta, com os discursos que estiveram na base das pautas dos diferentes grupos LGBTQIA+ no decorrer da história e que

viabilizaram um processo de transformação social que nunca cessa. Histórias, portanto, que ao serem enunciadas contribuiriam para novas reflexões e transformações na constituição de cada um dos participantes.

O pesquisador, do lugar de participante do grupo, foi o primeiro a contar sua história.

***Pesquisador:** Me assumi... me entendi como homem cis gay aos 16, quando comecei a namorar um cara de 30 anos (...) Sempre tive essa coisa desde a infância que eu era diferente, mas foi ali com 16 anos que eu falei: puts! É isso mesmo, eu sou gay mesmo!*

Logo no início, o pesquisador, ao recordar sua história, levantou um ponto também presente nos discursos de outros participantes do grupo: o de ver-se diferente desde a infância, uma percepção da diferença que, naquela fase da vida e à época, não tinha como ser compartilhada com outros, como ser nomeada, como se materializar em uma palavra, de modo a permitir um processo de interação entre consciências individuais³⁰. Um sentido sobre si mesmo que dependia do outro, à medida que não se é possível constituir-se sozinho: percebo meu eu pelos olhos do outro, na refração do mundo por intermédio dos valores do(s) outro(s), e, por sua avaliação, busco compreender os momentos que transgridam à minha autoconsciência (BAKHTIN, 2018a). Esse sentido só foi dado ao pesquisador aos 16 anos, quando, então, um outro mais velho lhe deu a completude (mesmo que provisória) que lhe faltava: “puts! É isso mesmo, eu sou gay mesmo!”.

Processo parecido foi enunciado por Pedro, que indicou em seu discurso um gradual reconhecimento de sua diferença na relação com outros, ou seja, na comparação com outros meninos.

***Pedro:** Eu acho que ... desde os meus 7 anos, se eu não me engano, ou até um pouco antes eu já tinha uma...breve noção que talvez eu pudesse vir a ser diferente dos outros meninos. Isso foi ficando muito claro para mim, né? Durante... o meu ...o meu desenvolvimento, fase criança, pré-adolescente, adolescente, jovem adulto, adulto e tudo mais.*

Entende-se, neste sentido, que a construção da consciência sobre sua sexualidade se deu na relação discursiva entre o que o eu pode reconhecer de si do que o outro reconhece no eu (LOPES, 2002 apud JHONSTON, 1973). Ou seja, nas distintas relações que Pedro estabeleceu no decorrer de sua vida, discursos de outros que foram dando sentido a ele e à sua existência,

³⁰ Entende-se que “a consciência individual é um fato social e ideológico” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 97), que depende, portanto, dos signos criados nas interações verbais de uma coletividade organizada para se realizar.

que ao serem enunciados e se carregarem de apreciações valorativas, apresentavam os reflexos de sua vida na consciência dos diferentes outros com quem interagiam. Isso porque, em nossa incompleta e inacabada constituição, não enxergamos o todo, aquilo que nos rodeia e o que está atrás de nós; tempos-espacos, portanto, que são restritos ao outro, que pode ver aquilo que não me é acessível sobre mim mesmo, que pode me perceber de um modo distinto, único e singular.

No entanto, essa percepção que dá acabamento à minha existência na consciência do outro, ao retornar a mim, perde esta força concludente e acaba por ampliar minha consciência sobre mim, pois “ao olharmos para nós mesmos com os olhos do outro, na vida sempre tornamos a voltar para nós mesmos, e o último acontecimento, espécie de resumo, realiza-se em nós nas categorias da própria vida” (BAKHTIN, 2018a, p. 14). Compreende-se, assim, que, embora nossa constituição dependa dessa relação eu-outros, meu eu nunca será por eles assimilado; a última palavra sempre pertencerá à minha consciência que, por sua vez, não poderá dar a si mesma seu próprio acabamento.

É nesse sentido que se entende o processo enunciado por Pedro, um reconhecimento gradual de sua diferença nos processos de interação social, a partir de um movimento contínuo, tenso, inconcluso com os outros, que lhe possibilitaram a clareza sobre o fato de pertencer à coletividade LGBTQIA+.

Nessa mesma direção, caminhou a vivência enunciada por Bruno, que, além de se sentir diferente desde a infância, relatou sua dificuldade em lidar com as expectativas postas pela família sobre ele em relação a sua sexualidade.

Bruno: *A minha família ... ((engasga)) como via de regra, muito fechada, não existia abertura para esses contatos (diálogo sobre as temáticas LGBTQIA+), aí desde os 12 anos eu tinha um plano mental de eh ... de como seria meu processo de aceitação. Eu tinha noção da homossexualidade, mas eu não... eu tinha processo de autonegação gigante. Desde então eu tinha um plano, que ia sair de (cidade em que vivia), ir morar em (capital do estado), iria me formar na medicina e... daí eu conseguiria eu ((engasga))... sei lá, conseguir me ter independência financeira, aí eu poderia ((engasga)), ser viado pelo menos médico.(...)*

Bruno, assim como Pedro e o pesquisador, percebia-se como diferente desde a infância; no entanto, de forma diferente aos outros dois participantes, já se reconhecia, no período inicial da adolescência, como homossexual, embora tentasse negar para si mesmo sua homossexualidade. Nesse movimento de sentimentos contraditórios, Bruno relembra seu projeto de vida à época, incluindo sua autoaceitação: viver e ser socialmente aceito a partir do momento em que morasse em uma cidade grande – a capital de seu estado, e se formasse em medicina – profissão reconhecida, respeitada socialmente e cujo discurso exerce poder social.

Entende-se assim, por meio de seu movimento discursivo, que morar em uma cidade pequena era para ele um impeditivo para ser respeitado em sua singularidade, possivelmente pelos discursos de outros em relação a ele e/ou por aqueles em circulação social na esfera do cotidiano, incluindo aqui o familiar, e, infere-se, também das esferas religiosa e escolar; discursos que, ao se considerar a realidade brasileira, eram aqueles com os quais ele convivia e que se carregavam de acentos valorativos negativos em relação aos integrantes da comunidade LGBTQIA+. Esses discursos, ainda hegemônicos em nosso país, validados pelos grupos sociais de poder (econômico, político, religioso, entre outros), assentam-se na cultura de uma sexualidade heterocisgênero, por meio da qual a constituição humana se dá de forma binária – ser menino ou menina.

Acrescenta-se ainda que esses discursos, com o objetivo de manter uma ordem de controle social, estabelecem parâmetros comportamentais como aceitáveis na sociedade, desconsiderando as singularidades dos sujeitos; assim, ao que é diferente, cabe permanecer à margem da sociedade. Como exemplo, pode-se citar aqueles discursos que definem papéis de gênero pelas cores das roupas – rosa para meninas e azul para meninos; pelos brinquedos e brincadeiras das crianças – carrinho para meninos e boneca para meninas; pelo comportamento social, em que meninos devem ser expansivos e meninas mais contidas; além de impor maneiras de se sentar em público para crianças do sexo feminino e masculino.

Tais discursos materializam-se ainda na mídia, reiterando a ideologia dominante heterocisnormativa por meio da comercialização de produtos para a infância e em seu consumo pelas famílias brasileiras. Assim, como primeiro espaço de interação social e no qual tomo consciência de mim mesmo, a família, nesse processo de constituição do meu eu, ganha ênfase como espaço de tensão nos discursos enunciados pelo pesquisador, por Bruno e por André.

***Pesquisador:** Lá por volta dos 19 anos, a minha mãe me colocou contra parede, porque (...) chegaram nela que ouviram dizer que eu estava em tal local, enfim: você estava lá mesmo? Era parada gay em Ribeirão Preto naquela época (...) Só falei assim pra ela: - olha eu não tava na parada gay, porque eu estava trabalhando, não sei se você lembra (...) mas se você quer saber se sou gay, sou gay. E aí ela reagiu muito mal, a princípio, mas hoje está tudo bem, ela me aceita numa boa (...) numa boa daquele jeito dela.*

***Bruno:** Por volta dos 18 anos eu me assumi ((engasga)) pra boa parte dos meus núcleos de amizade na capital do estado... mas meu contexto ... em ... em... da minha família e da minha cidade que vivia praticamente era sempre... um... um... nervoso só de pensar que essa informação fosse chegar lá. (...) a minha família descobriu, porque eu tinha me montado meio de Drag, tipo uma primeira experiência, exato, e eu tirei uma foto (...) eis que esqueci essa foto no bolso e aí ela viu essa foto... e foi assim que ela descobriu.*

André: Dos núcleos meus de convivência que eu tô, todos já sabem da minha orientação, apenas um que não teve coragem foi a minha família. Então a minha família da minha boca não sabe.

É no contato com a família que o bebê começa ter consciência de si. Dela, ele recebe um nome, interage com as primeiras palavras sempre carregadas de tons valorativo-emocionais responsáveis pelas primeiras ideias sobre si mesmo, percepções que, por vezes, “permanecem até o fim da vida (a concepção e a noção de mim mesmo, do meu corpo, do meu rosto e do passado em tons carinhosos)” (BAKHTIN, 2018b, p. 374). É, portanto, uma relação que transcende o aqui e o agora vividos, na medida em que nossas respectivas vidas estão envoltas de palavras de outros/familiares que deram e dão sentido às nossas existências. Pode-se dizer, assim, que nascemos em um mundo imerso na linguagem, em suas distintas apreciações socioideológicas, que nos acompanham pelo tempo e pela história.

Deve-se levar em consideração ainda que os membros que compõe o núcleo familiar também foram constituídos por outros e dialogam com os diferentes discursos em circulação social, que se fundam no posicionamento heterocisnormativo hegemônico da sociedade brasileira. Assim, considerando que “no discurso do dia a dia de qualquer pessoa que tem vida social, ao menos metade de todas as palavras que ela pronunciou são palavras alheias (apreendidas como alheias)” (BAKHTIN, 2015, p. 132), que se inserem em seu discurso no plano semântico e expressivo, logo determinando formas de conceber o mundo e o outro, muitos pais acabam por projetar nos filhos um futuro que envolve a manutenção da constituição familiar tradicional, o assumir papéis de gêneros predeterminados pelo sexo biológico e o de ter relações heteronormativas.

Nesse sentido, as palavras com que convivemos, responsáveis pela construção de nossa consciência individual, carregam-se também dessa mesma ideologia constitutiva da família, na medida em que ela desperta rodeada de palavras dos outros e, destas, as próprias palavras não se destacam; “a distinção de sua palavra e da palavra do outro, de seu pensamento e do pensamento do outro acontece bem mais tarde” (BAKHTIN, 2015, p. 139).

Compreende-se ainda, em consonância com Bakhtin, que o processo de assimilação do discurso do outro no processo de formação ideológica acaba por determinar os fundamentos da relação ideológica que se estabelece com o mundo. O autor entende que esse processo ocorre de duas maneiras distintas: pelo discurso autoritário e pelo discurso interiormente persuasivo.

[...] o discurso autoritário (religioso, político, moral, o discurso do pai³¹, dos adultos dos mestres, etc.) carece de persuabilidade interna para a consciência, ao passo que o discurso internamente persuasivo é desprovido de autoritarismo [...] amiúde carece de qualquer reconhecimento social (pela opinião pública, pela ciência oficial, pela crítica) e até de legalidade. A luta e as relações dialógicas entre essas categorias do discurso ideológico costumam determinar a história da consciência ideológica individual (BAKHTIN, 2015, p. 136).

Desse modo, além dos processos de constituição inicial da consciência individual pelos discursos da família, constituímos-nos também por intermédio do heterodiscurso social, nas relações intersubjetivas que estabelecemos nos diferentes contextos em que convivemos, e que determinam, em um movimento tenso e ininterrupto, a transformação de nossa consciência; discursos interiormente persuasivos que abrem novas possibilidades de sentidos sociais e que propiciam diálogos internos, conduzindo-nos a transformações socioideológicas. Assim, ainda que o pesquisador, Bruno e Pedro tenham nascido em uma família orientada por uma ideologia dominante, eles, ao transitarem por outras esferas sociais (escola, faculdade, amigos), puderam ressignificar suas vivências, olhar-se a partir de diferentes outros, opor-se ao posicionamento heterocisnormativo, aceitando-se em sua homossexualidade.

Esse processo de constituição do eu em relação à sexualidade e ao gênero pode ocorrer a partir de diversas vivências, como a descoberta e experiências afetivas na adolescência, como enunciado pelo pesquisador e por outros participantes.

André: *Com relação a minha orientação sexual, eu demorei para me assumir. Pra mim mesmo, mais ou menos com 25 anos, mas assim comecei a sair do armário para o mundo com 26, até então namorava meninas... ((risos irônicos)) ... Namorei 2 meninas. E foi isso. O que contribuiu para que me assumisse pro mundo, foi uma paixão, que desenvolvi por um cara, foi uma ponta pra, entre aspas, “ligar o foda-se”.*

Camila: *Desde sempre na minha cabeça hetero... aí, no último ano do ensino médio aconteceu que minha relação com uma menina ficou estranha. E aí eu percebi que tinha alguma coisa ali, tinha carço no angu. Para de rir! (tem pessoas rindo com ela em sua casa) ... aí eu vi que tinha carço no angu. Até que um certo momento, fomos para um fatídico... Né? (constrangida, indicando que houve contato íntimo) teve uma coisa física e uns beijinhos. Aí eu percebi...*

Fernando: *Me assumi com 18 anos, então quando comecei a namorar um cara de 49 anos ((risos)) ... ao assumir isso para meus pais, não foi reagente tão bem. Mas... hoje se encontra tudo normalizado.*

André, Camila e Fernando, assim como o pesquisador, a partir de uma experiência afetiva, perceberam-se enquanto gays e bissexual. Entende-se assim, em consonância com

³¹ Em nota do próprio manuscrito, Bakhtin explica que por palavra autoritária/palavra dos pais entende-se a palavra encontrada e reconhecida no passado, a palavra pré-encontrável. “Ela é dada (soa) numa esfera elevada e não na esfera do contato familiar” (BAKHTIN, 2015, p.136) e, portanto, transcende as esferas do cotidiano.

Albertini, Costa e Miranda (2019), que a experiência afetiva, nesses casos, funciona como uma autorrevelação, uma confirmação do inevitável sobre os próprios desejos e afetos, fato que possibilita a ressignificação dos sentidos sobre si e sobre o outro, dos papéis de gênero e sexualidade, que antes faziam com que procurassem relações com o gênero oposto.

Percebeu-se, porém, que embora Camila e Fernando tenham relatado um processo parecido aos dos outros participantes do grupo no que diz respeito à constituição a partir de um mesmo discurso socioideológico, estabeleceram uma relação familiar distinta dos demais quando da confirmação de sua diferença, como pode ser observado no discurso de Fernando destacado acima e no de Camila, a seguir.

Camila - Comecei a me identificar como bissexual e a primeira pessoa que contei foi minha mãe. E o processo de aceitação da minha mãe foi muito doido, muito doido, porque... No começo assim..., isso foi um mês o processo ((ênfatisa)), o processo. Ela começou a me falar coisas que ela nunca tinha dito ((engole)) antes de ter... é... assumido minha bissexualidade. Ela nunca se mostrou uma pessoa homofóbica, e a partir do momento que me assumi ela começou a adotar uns discursos bem homofóbicos, mas foi muito rápido. Agora com meu pai demorou um pouquinho, e foi um susto para todos os meus amigos LGBTs ((termina acelerando a fala)) ((pausa)). Inclusive para minha namorada

Nota-se, assim, que ambos os participantes não esconderam da família o fato de serem gay e bissexual, lidaram abertamente com a questão e decidiram revelar-se independente da reação de seus familiares. Foram assim agentes de uma transformação daquele contexto, que teve que se rever diante do posicionamento assumido pelos filhos.

Atribui-se tal posicionamento de Camila e Fernando ao fato de eles serem os mais jovens do grupo, terem nascido em um contexto histórico em que o debate sobre gênero e sexualidade avançou, ocupando diversos espaços, inclusive na mídia, com discursos que se pautam na aceitação da diversidade, fruto dos diferentes movimentos sociais da década de 1970, que ganharam forças nas últimas décadas, principalmente com a expansão das redes sociais (CASTELLS, 2021b).

Compreende-se assim que as pessoas nascidas após os anos 2000 se depararam com outro mundo, também nos aspectos tecnológicos. O advento da internet, que determinou maior circulação e democratização da informação (LÉVY, 1999), sua popularização, assim como da TV a Cabo (com maior diversidade de conteúdos), e a retomada do movimento LGBTQIA+ criaram um cenário em que a participação em uma prática coletiva (MANNHEIM apud WELLER, 2010), sobre debate, tornou-se mais acessível.

Tais discursos podem também ser compreendido ao se considerar as relações dialéticas existentes entre base e superestrutura (VOLÓCHINOV, 2017). Ou seja, os movimentos sociais

transformam as bases da sociedade, tensionando os discursos institucionalizados, e, nesta arena discursiva, promovem mudanças na superestrutura: a medicina deixou de considerar a homossexualidade como patologia, em 17 de maio de 1990; o poder econômico percebeu o nicho LGBTQIA+ e suas potencialidades para consumo de mercado, com isso, grandes marcas procuram contemplar a diversidade em suas propagandas; a política tem se aberto para representatividade nos espaços de poder, mesmo que ainda de forma muito incipiente.

No entanto, não se pode desconsiderar que, ao mesmo tempo, e em direção inversa, os discursos hegemônicos tensionam e resistem às alterações promovidas e possibilitadas pela base e que, em função disso, tais movimentos estão e estarão sempre em tensão (CASTELLS, 2021b). Essa resistência hoje, ao se considerar a atual situação da sociedade brasileira, pode ser encontrada, por exemplo, nas religiões de origem judaico-cristã, que, por meio de seus textos sagrados produzidos há milhares e centenas de anos, se condena a homossexualidade como pecado mortal. Marcos, 30 anos, oriundo de uma família tradicionalmente religiosa e nascido nos anos 1990, conta sua experiência com sua família ao se assumir como homem gay.

Marcos: *A minha família é duma são, são... tradicionais, né, são evangélicos. E... quando me separei, teve as divergências, né? Natural e tudo mais. Só que no geral eles me aceitam, mas são ainda preconceituosos, são homofóbicos, são... né... e... acredito que eles são ainda por conta de um posicionamento da minha parte. Também não sabia como fazer isso, né, mas ao longo desses últimos anos isso tem mudado... e é isso.*

Marcos, até se perceber como homem gay, viveu sob o discurso social de seu círculo familiar, que possui forte influência religiosa. Viveu um relacionamento heterocisgênero, casou-se e se tornou pai. Assim como o pesquisador e André, Marcos vivenciou sua adolescência em um período histórico em que o diálogo sobre as temáticas ainda eram extremamente estigmatizadas. Durante os anos 1990, o estigma do HIV era fortemente relacionado aos homens gays (FACCHINI, 2002). Muito se falava da doença mortal que levou a óbito Cazuza e Freddie Mercury, entre outros artistas que eram, assumidamente ou não, gays ou bissexuais.

Marcos também não foi acolhido pela família quando resolveu terminar um casamento heterocisgênero para se assumir como homem gay, conduta fortemente criticada pelas religiões judaico-cristãs. Sua família o aceita, embora se posicione a partir de um discurso homofóbico, levando Marcos a acreditar que sua falta de posicionamento no passado contribui para a não aceitação familiar do fato de ele ser gay.

O discurso religioso no qual sua família se baseia pode, portanto, ser compreendido como monológico e autoritário (BAKHTIN, 2015), que se estrutura nas crenças do texto sagrado e em uma pseudociência que se fundamenta a partir do sexo biológico, que se impõe às relações sociais, não permitindo espaços para transformações. Para eles, o sexo tem como principal objetivo a procriação, assim os nascidos com genitália masculina devem apenas se relacionar com nascidas com genitália feminina e vice-versa. Os afetos, desejos e prazeres não são considerados. Hoje, a ciência já compreende a sexualidade humana para além de aspectos biológicos, bem como também um fenômeno histórico-cultural (SPOSITO, 2012, 2015).

Porém, Marcos diz que essa relação tem mudado. A família passou a conviver com ele de maneira mais harmônica, respeitando-o. Entende-se ainda pelo exposto antes, que o contexto histórico atual tem também contribuído para essas transformações, ao ressignificar o conceito de família. Nesse contexto, inserem-se a difusão e a ampliação do debate sobre a temática pela rede mundial de computadores (CASTELLS, 2021a) no ciberespaço (LÉVY, 1999). É nesse contexto que surgem os *youtubers*.

4.2 O encontro dos participantes com os *Youtubers*

Como já era de conhecimento de todos, uma vez que responderam ao questionário no *Google Forms*, um dos critérios para a participação no grupo seria acompanhar *youtubers* LGBTQIA+. Após a apresentação inicial, o pesquisador introduziu então a temática da pesquisa.

Pesquisador: *Como vocês chegaram a esses youtubers LGBTQIA+? Como vocês os conheceram? Como vocês encontraram esses youtubers que tratam dessa temática LGBTQIA+?*

Camila: *Eu sempre consumi o YouTube desde pequena ... Mas depois que houve essa descoberta pessoal, eu comecei a pesquisar o que... comecei a procurar pessoas que vivem ou já viveram o que eu preciso, por exemplo, é... meio esdrúxulo o que vou falar, proteção sexual para um casal de mulheres, não é todo youtuber que fala disso, é uma coisa que muitas vezes a gente não sabe, então passei a procurar coisas... comecei a procurar mulheres que se relacionam com outras mulheres... Depois da minha descoberta comecei a afunilar.*

Marcos: *Bom, eu comecei a consumir conteúdo LGBT por pesquisa. Como eu me assumi, em muito pouco tempo, e... eu me vi numa situação que não sabia nada, né? Porque eu vivia... como eu venho de um contexto religioso, onde existia... onde existe o próprio mundinho, né, da religião, eu não conhecia muitos assuntos, muitos aspectos. Então, eh... por me ver nesta situação, comecei a pesquisar, e ah... antes eu não consumia muito YouTube, então comecei a fazer alguns cursos falando sobre as questões da comunidade LGBT, e depois fui para o YouTube ver alguns canais.*

Os enunciados de Camila e Marcos retomam a discussão da seção anterior a respeito das diferenças de ambos os participantes, determinadas pelo momento em que se reconheceram bissexual e gay, pelos contextos socioculturais em que se constituíram e pela aceitação dessa diferença nos discursos em circulação social.

Camila, com então 18 anos, revelou que consome a “*plataforma*” desde criança, prática social presente no cotidiano de pessoas nascidas no início dos anos 2000, quando a acessibilidade a recursos computacionais e à internet se tornou cada vez mais crescente, no mundo e em nosso país, inclusive como ferramenta para pesquisas e trabalhos escolares. Nesse contexto, o *YouTube* não era algo estranho à Camila, bem como os *youtubers*. Assim, diante de sua nova realidade, buscou, na rede, por pessoas que estavam vivendo ou já haviam vivido o mesmo reconhecimento – ser bissexual, mas, em especial, pessoas que discutiam questões que envolviam a relação entre mulheres, fato até então desconhecido por ela. Procurou, assim, no *YouTube*, outros que lhe fossem referência, por compartilharem de um mesmo horizonte socioideológico, e, gradativamente, passou a “*afunilar*” suas pesquisas por intermédio de *youtubers* LGBTQIA+.

Marcos, por sua vez, viveu outra época, tendo contato com a internet e com o *YouTube* com idade mais avançada se em comparação à Camila. Suas pesquisas escolares, por exemplo, dependiam de livros e de enciclopédias e não da rede de computadores. Soma-se a isso o contexto religioso em que se constituiu, no qual algumas temáticas que transitavam na sociedade eram silenciadas ou não aceitas, assim como seu posicionamento social como heterossexual. Foi, portanto, apenas após seu divórcio, que sentiu necessidade de saber mais sobre a comunidade LGBTQIA+, cujas pautas eram até então por ele desconhecidas: “*como eu venho de um contexto religioso, onde existia... onde existe o próprio mundinho, né, da religião, eu não conhecia muitos assuntos, muitos aspectos*”. Foi então que passou a fazer pesquisas e cursos online, informando-se e se constituindo como integrante da comunidade LGBTQIA+, percurso este que o levou ao *YouTube* e aos canais LGBTQIA+. Pode-se dizer, portanto, em diálogo com o enunciado do próprio Marcos, que a internet e os *youtubers* tiveram, para ele, um papel formativo em relação ao ser homem gay que integra a comunidade LGBTQIA+ e às pautas que constituem as lutas socioideológicas.

Bruno também atribui aos canais de *youtubers* um caráter formativo, não tanto em relação às temáticas que envolvem o cotidiano e as relações LGBTQIA+, como Marcos, mas no que diz respeito à problematização de questões relacionadas às pautas políticas desse grupo social.

Bruno: *Não consigo lembrar exatamente como foi o trajeto, mas eu consigo lembrar que o primeiro foi o Canal das Bi, é ... que tinha essa pegada mais politizada, que eu sempre busquei nas coisas. E... eu acho que cheguei acompanhar bastante... na formação inicial, daí... eu lembro também bastante do Põe na Roda, foi os primeiros vídeos, “Faça chuca³² consciente”, que eram coisas.... que eu comecei a ter contato. Hoje tenho acompanhado.... venho fechando mais para o lado da Rita, porque tem esse lado mais marxista e problematizadora, política... incrível. Murilo... O Murilo eu gosto muito porque ele me rompe a bolha³³, é... dada a discussão, me faz abrir a discussão para o racismo... iiii e as questões raciais dentro do contexto LGBT...*

Observa-se, pelo discurso de Bruno, que existe, para ele, um critério para a escolha dos *youtubers* com quem irá dialogar: aqueles que mobilizam reflexões sobre o cenário em que ele se encontra e que problematizam questões que sejam novas para ele. Em suas próprias palavras, que lhe “romp[am] a bolha”. Como exemplo, ele destaca alguns canais que atendem aos critérios por ele estabelecidos e que variam a depender do momento em que ele se encontra. Assim, suas escolhas não se restringem a temáticas da comunidade LGBTQIA+, mas abrangem todo um complexo discursivo envolvendo questões raciais, sociais, étnicas etc.

Entende-se assim, que a escolha de Bruno por *youtubers* LGBTQIA+ não envolve o fato de o profissional abordar temáticas específicas desse grupo social, mas o quanto esses temas dialogam com questões sociais, que, compreendidas de forma ampla, incluem também o coletivo LGBTQIA+. Bruno ainda complementa que, além de uma relação que envolve formação, ou seja, um diálogo com palavras que tensionam suas próprias palavras, em um processo de transformação socioideológica, a relação com os *youtubers*, algumas vezes, é também uma forma de diversão; no período da pandemia, um momento que também serviu para reunir amigos.

Bruno: *Ah! E a Mansão das POCs³⁴.... virou o entretenimento da casa (ele mora em uma república), porque juntaram todos os meninos aqui em casa na hora do almoço, como se fosse nosso período de interação durante a pandemia.*

Nessa mesma direção, caminha o discurso de Fernando, para quem a relação com os *youtubers* assume também caráter de formação política e de entretenimento.

³² Chuca ou xuca é nome vulgar dado à prática de lavagem do reto para a prática de sexo anal na posição de passivo, para se evitar que, durante a relação sexual, haja contato com as fezes.

³³ Gíria atualmente usada para expressar que algo ou alguém promove que o sujeito saia de sua zona de conforto; neste caso, trata-se de sair de uma visão social preconcebida e perceber e enxergar outros horizontes sociais, que antes não faziam parte de seu cotidiano.

³⁴ Nome do canal do *YouTube* formado por um grupo de amigos LGBTQIA+.

Fernando: *Eu comecei a visualizar mais as questões da Drag, comecei ver muito canal onde aparecia a RuPaul³⁵, né... Aí foram me mostrando a Rita von Hunty, e... Lorelay Fox, Maíra Medeiros, Diva Depressão³⁶... Que são os canais que assisto hoje, desde quando me assumi com 18 anos... A incursão foi mais ou menos dessa forma, então comecei a pesquisar sobre a relação Drag e aí já foi inserindo... outros caminhos. Hoje, digo assim, que eu estaria mais politizado, por tá assistindo esses canais que falam mais dessa questão filosófica e política.*

Conforme enunciado por Fernando, seu interesse inicial era por conteúdos de *Drag Queens*, pesquisas que acabaram o levando a canais de *youtubers* que usam da arte *Drag* para introduzir debates políticos. Um dos canais por ele citados é o de Rita von Hunty, uma *youtuber Drag* criada por Guilherme Terreri Lima Pereira, ator e professor, que produz conteúdos com teores acadêmicos, filosóficos e políticos, para debater temas que envolvem minorias (feminismo, racismo, LGBTfobia, classe trabalhadora). Vale destacar que se montar³⁷ como *Drag Queen* é, por si só, um discurso de enfretamento àquele hegemônico de gênero, ou seja, um ato político. Um homem se vestir de mulher e dublar cantoras pop (*Divas Pops*) subverte totalmente a ideia “biológica” de gênero, além de colocar o feminino em um lugar de protagonismo.

Fernando destaca ainda a formação política possibilitada por este diálogo com os *youtubers* que ele foi estabelecendo com o passar dos anos: “*Hoje, digo assim, que eu estaria mais politizado, por tá assistindo esses canais que falam mais dessa questão filosófica e política*”. Observa-se, desse modo, que, assim como Bruno, para Fernando as pautas da comunidade LGBTQIA+, atualmente, são compreendidas de forma transversal em relação a outros temas, estes sim de seu interesse. São teias discursivas que se sobrepõem e se cruzam nos discursos em circulação social (VOLÓCHINOV, 2017), coexistindo; discursos que se carregam de sentidos socioideológicos a depender daqueles que com eles se relacionam.

De forma diferente, ocorreu o contato inicial e posterior de André com os *youtubers*, na medida em que não houve, de sua parte, uma busca objetiva em relação a eles. No entanto, ele se aproxima dos demais participantes do grupo ao enunciar que sua chegada aos *youtubers* ocorreu no processo de se reconhecer integrante da comunidade LGBTQIA+.

André: *Minha chegada a esses youtubers foi algo... eu diria orgânico. Porque eu não fui atrás... Eu sinto que conforme eu fui me aceitando, e foram aparecendo na minha timeline do YouTube algumas recomendações, me chamou atenção. E aí acabei*

³⁵ *RuPaul's Drag Race* é um *reality show* estadunidense apresentado por RuPaul Charles, uma competição para escolher a melhor *Drag Queen* do país.

³⁶ São canais do *YouTube*. Rita von Hunty e Lorelay são *drag queens*, enquanto Maíra e Diva Depressão são canais voltados para a cultura pop e fofocas das celebridades, tratadas com humor e deboche.

³⁷ Vale ressaltar que “se montar” é uma expressão utilizada no universo *Drag*. “Estar *montada*” é uma expressão usado na cultura *Drag*, para dizer que ali está uma persona do sujeito que se manifesta por essa linguagem artística.

clicando e assisti. O primeiro canal LGBTQ que eu comecei a consumir com frequência foi o Põe na Roda. E aí a partir desse canal... eu não sei, talvez o algoritmo do YouTube ele vai entendendo o seu gosto e vai te recomendando, e aí depois fui conhecendo os outros... Sempre me chama atenção um título um conteúdo que chama atenção.

André nomeia como “*orgânica*” sua relação inicial com os *youtubers*, ou seja, canais eram sugeridos para ele pelo *YouTube*, no decorrer do processo de sua aceitação como homem gay, até que alguns lhe chamaram a atenção. Embora a entonação dada por André permita a compreensão de que essa aproximação tenha sido obra do acaso, compreende-se tal processo de forma distinta, ao se considerar o contexto histórico atual, marcado pela multimídia.

Melhor dizendo, o desenvolvimento tecnológico permite o entrelaçamento e o uso simultâneo de diversas técnicas e multilinguagens, recursos que têm sido usados por muitos *youtubers* e artistas, que unem diferentes linguagens artísticas (música, dança, arte cênica, artes visuais, entre outras) como forma de criar conteúdos acessíveis e de rápido consumo, a fim de disseminá-los na rede. Desse modo, os discursos se aproximam dos mais diversos públicos, independentemente do espaço geográfico em que se encontram. Nesse sentido, uma pesquisa, independentemente do formato, gera dados de consumo criando um algoritmo de busca para a sugestão de mais conteúdo. Ou seja, não existe uma casualidade nas recomendações recebidas por André, mas sim o oferecimento, pelo algoritmo gerado, de conteúdos que se aproximavam daquilo que ele já estava consumindo: discussões relacionadas à comunidade LGBTQIA+, que passam a ter sentido para ele.

Chama a atenção ainda, no enunciado de André, um aspecto também abordado pelos demais participantes e que, acredita-se, ser significativo: “*Sempre me chama atenção um título um conteúdo que chama atenção*”. Considerando a diversidade e a quantidade *youtubers* que hoje existem na internet, André indica que o título do vídeo e/ou o conteúdo é um fator a ser considerado para se decidir o que/quem assistir, razão pela qual o pesquisador buscou compreender quais os elementos constitutivos dos vídeos despertavam o interesse dos participantes e os levavam a fazer suas escolhas.

4.3 A capa, a palavra e a pessoa

Além de André os demais participantes do grupo trouxeram, de forma recorrente em seus enunciados, os aspectos composicionais dos vídeos dos *youtubers*. Visando aprofundar esta discussão, o pesquisador, então, lançou o seguinte questionamento:

Pesquisador: *O que leva vocês assistirem determinado canal ou determinado vídeo? Está relacionado com o tema? Quais temas chamam atenção de vocês?*

Fernando: *Por eu tá ligado diretamente com YouTube, né? Por eu ter começado a gravar, o que gera visualização, isso tanto trabalhando ou utilizando, tá? O que gera visualização é a capa ((neste momento há uma reação de concordância dos participantes)) e o nome do vídeo. Isso que gera o engajamento em qualquer lugar, tá? Porque ... você gerando palavras-chaves, você ganha uma quantidade maior de pessoas, como se fosse hashtags (...) são palavras-chaves que você utiliza para que as pessoas consigam visualizar seu vídeo primeiro, então tá relacionado ao tema do vídeo.*

Bruno: *(...) vai bem como o Fernando tá falando, como a capa e o título me direcionam para aquilo que vou assistir (...) Do nada tô fazendo uma sequência de vídeos sobre aquilo.*

Marcos: *O que me atrai... é ... muito a capa, a imagem que tá lá ... é ... divulgando o vídeo, isso me atrai bastante por ser uma pessoa mais visual. E em complemento ... u ... título também, né? Quando ele é bem provocativo, ele realmente me pega assim ... ((buscando a palavra)) ... de ... como gosto, vamos dizer assim. (...)*

André: *Como diária Rita von Hunty, “de sobressalto”!*

((Risos de todos))

Marcos: *Exato! ((risos)) Muito bom! A Rita consegue trabalhar muito bem sobre isso, nos temas que ela traz, ela é bem provocativa. (...) O Põe na Roda, eles também sabem trabalhar muito os títulos. Então eles colocam lá ... títulos assim ... que são super bem atrativos e eles conseguem trazer um conteúdo bem atual. Tem essa questão também, de serem atuais o que vai ser discutido. De coisas que aconteceram durante a semana (...) O conteúdo dele é muito bom, porque ele traz coisas que a gente sofre, coisas que a gente ainda passa até hoje e conquistas que aconteceram naquela semana. (...) Uma notícia que me impactou bastante foi quando ... é ... eu assisti um vídeo de homens que foram casados, isso pra mim ... falou diretamente comigo. (...)*

No recorte acima, acompanha-se um diálogo em que o grupo, em concordância, relata que a capa é o grande impacto que os leva a assistir ao conteúdo. Fernando se posiciona, também, como um *youtuber* iniciante e, logo de início, aponta a importância de capa e do título para atrair seguidores, estratégia pensada pelos próprios produtores de conteúdo. Marcos, além de concordar com o grupo, faz ainda referência à sua experiência em relação à visualidade, ao se colocar como uma pessoa que tem uma maior percepção para conteúdos virtuais, reconhecendo também que o espaço das redes é muito visual e a demanda de seguidores se caracteriza pelo rápido consumo. A comunicação nesse espaço deve ser objetiva e rápida, uma vez que, nas redes sociais, existem vários estímulos simultâneos acontecendo.

A capa é, portanto, o visual que estampa o vídeo. Essa capa conjuga uma série de elementos e signos do universo discursivo do *youtuber* e dos jovens que o assistem. Abaixo foram selecionadas duas imagens com duas capas de dois canais citados pelos participantes. O primeiro é o *Tempero Drag*, da Rita von Hunty, e o segundo, o *Põe na Roda*.

Imagem 1 – Capa *Tempero Drag*



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=WqBbuLQI9ek>. Acesso em 28 out. 2021.

Imagem 2 – Capa *Põe na Roda*



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=W18JMaaCczQ>. Acesso em 28 out. 2021.

A capa constitui-se em um enunciado verbo-visual, construído ou por uma imagem do *youtuber* ou de pessoas convidadas, e por um enunciado verbal que trata da temática que será discutida no vídeo, por meio do qual os seguidores podem estabelecer um primeiro diálogo com o que será abordado e com o posicionamento socioideológico dos responsáveis pelos conteúdos. O canal *Tempero Drag*, de acordo como os participantes do grupo, volta-se para

debates de temas acadêmicos, filosóficos, políticos, com pitadas de humor. Como pode ser observado na imagem 1, a capa escolhida como exemplo é constituída por uma foto da Rita com cara de deboche, com a imagem de um escritório ao fundo, complementada pelo enunciado “O problema Deus”, emoldurado por uma tarja preenchida por uma paleta de cores puxando para o cinza, indicativo de se tratar de um tema que merece seriedade. A provocação pode ser compreendida a partir, portanto, da ironia presente no contraste entre a foto e o enunciado verbal.

No caso do *Põe na Roda*, canal cujo perfil relaciona-se a temas jornalísticos tratados de forma cômica, o que justifica as fotos de dois homens heterossexuais, convidados para participar do vídeo, segurando, cada um, um objeto que faz parte da cultura gay. As expressões de ambos, acrescidas do enunciado “Héteros reagindo a objetos gays”, escrito em tons de roxo e rosa em um fundo verde limão, sugerem tratar-se de uma abordagem do tema de maneira divertida. Acrescenta-se, ainda, que a criação da composição visual da capa visa assegurar uma identidade ao canal, de modo que os seus seguidores o reconheçam facilmente.

No caso, o enunciado “O problema Deus” e a foto irônica de Rita foram algo que chamou a atenção de Marcos, que vem de uma tradição evangélica, fato que o fez parar e ver do que se tratava o conteúdo; o mesmo pode ser dito em relação ao enunciado do canal *Põe na Roda*, que chamou a atenção de seus seguidores. Segundo Fernando, o trabalho com as capas tem por objetivo fazer o vídeo ter engajamento, compreendido como sendo o processo que possibilita que o vídeo apareça como sugestão na *timeline* de pessoas interessadas em determinadas temáticas. Assim, quanto mais pessoas assistem ao vídeo, mais a plataforma sugere para outros usuários. Segundo Bruno, a sugestão do algoritmo leva o usuário a assistir seguidamente a outros vídeos relacionados com o tema.

Acrescenta-se ainda, o cuidado necessário na escolha das palavras que compõem o enunciado verbal, uma vez que elas, além de sintetizar a temática do vídeo, devem viabilizar que ele seja indicado para um número cada vez maior de pessoas, considerando que as pesquisas na plataforma se dão por palavras-chaves. Soma-se a isso o fato de a palavra, ao ser enunciada, carregar-se de sentidos ideológicos (VOLÓCHINOV, 2017), e os projetos discursivos dos *youtubers* serem orientados por seus horizontes socioideológicos na construção dos respectivos vídeos.

Marcos ainda pontua que os temas dos vídeos dialogam diretamente com acontecimentos atuais da sociedade ou com questões particulares. Exemplifica contando sobre um episódio que trata de homens gay que já foram casados com mulheres.

Marcos: *Uma notícia que me impactou bastante, foi quando ... é ... eu assisti um vídeo de homens que foram casados, isso pra mim ... **falou diretamente comigo.** (...)*

Camila, por sua vez, levanta outro aspecto relacionado ao tempo em que as pessoas seguem determinados *youtubers*, pois a relação de proximidade que com eles é estabelecida e os respectivos posicionamentos socioideológicos sobre temáticas LGBTQIA+ acabam deslocando a capa dos vídeos para segundo plano. Os *youtubers* tornam-se, assim, interlocutores privilegiados, outros a quem os seguidores dão completude, dialogam e, pelos comentários/discussões realizadas, são por eles também transformados.

Camila: *Eu vou em outra direção. Eu ando numa fase, que assim ... eu tô rolando minha timeline, se eu vejo o rosto da Rita, eu paro. Se a Rita tá falando eu paro para ouvir. Eu ando muito assim, eu não olho o título, não ando vendo imagem, eu vou muito pela pessoa. (...) Na minha cabeça a imagem da Rita tá junto com um conteúdo que eu vou gostar ((participantes expressam concordância com a fala dela)). Então eu não vou ver o sobre o que ela tá falando. Às vezes eu nem tenho ideia do conteúdo, nem acho aquilo provocante, mas eu sei que vou gostar e tô lá assistindo.*

Marcos: *Ah Camila, preciso complementar essa fala. Concordo plenamente com você ((. E depois que eu fiz uma aquisição de vários canais de YouTube, eu faço como você. Eu vejo que eles estão ali, eu já paro para assistir. Hoje em dia é mais assim, né? Mas antigamente eu ainda tinha que pesquisar. (...) É Rita, é Põe na Roda, Vitor de Castro, Chico...(...))*

André: *Esse lance da imagem e do título é mais ou menos no primeiro contato, né? Que você vai ter com o canal da pessoa. A partir do momento que você descobre esse conteúdo, eu também me sinto como a Camila e o Marcos. ((a reação de todos é de identificação com a fala do André))*

Todos do grupo concordam com Camila que o *youtuber*, com o passar do tempo, acaba sendo o critério de suas escolhas. Marcos e André ressaltam, ainda, no diálogo com Camila, que, no início, as escolhas se orientavam pela capa e pelos títulos em suas pesquisas, depois disso se transformou e a escolha passou a ser pelo *youtuber*. Pode-se considerar, desse modo, que existe um período de amadurecimento em que os jovens (os que não se enquadram na orientação sexual e identidade de gênero heteronormativas), se reconhecem e se posicionam na comunidade LGBTQIA+, e o *youtuber* torna-se uma espécie de mediador desse processo.

Há, assim, um período de amadurecimento dos jovens em suas relações com os *youtubers*, período em que analisam os vídeos sugeridos nas respectivas *timelines*, prestam atenção no tema em discussão, procurando, desse modo, diferentes profissionais, que abordam temáticas que dialogam com os objetivos para tal prática. Nesse sentido, conclui-se que o cuidado com a capa, discutido anteriormente, justifica-se, na medida que, por seu intermédio, o *youtuber* atrai novos seguidores; no entanto, esses mesmos seguidores, com o passar do tempo, dedicam pouca atenção a ela a partir do momento em que, o que importa, é o *youtuber*,

seu alinhamento socioideológico, a credibilidade que alcançou com seus diferentes projetos discursivos e a relevância destes para as comunidades LGBTQIA+.

Dada a importância que o *youtuber* passa a ter na e para a comunidade LGBTQIA+, surgiu a dúvida sobre o que definiria se o *youtuber* era ou não um *youtuber* LGBTQIA+. Essa questão será desenvolvida na seção a seguir.

4.4 O que define um *youtuber* LGBTQIA+?

Por se tratar de uma discussão aberta sobre o tema, espera-se que questionamentos e/ou posicionamentos divergentes surjam, como forma de se construir novos ou de transformar sentidos já existentes sobre as temáticas em tela. Nesse contexto, insere-se a dúvida de André, compartilhada com o grupo, sobre o que definiria ser um *youtuber* LGBTQIA+.

André: Só uma pergunta, Rafa! (...) O Fernando citou dois canais que eu acompanho, que é a Diva Depressão, eu assisto sempre, e a Maíra Medeiros, e quando você abordou sobre o assunto, eu pensei, né, quais os canais LGBT? E aí eu fiquei na dúvida se a Maíra Medeiros entraria ou não, nesse... rol, porque ela fala com a gente, mas ela é hetero, né?

Fernando: Não, ela é Bi?

André: Ah, eu não sabia!

O questionamento de André, objeto também de interesse desta dissertação, levou o pesquisador a remeter a pergunta ao grupo, como forma de viabilizar discussão coletiva sobre os sentidos que cada participante dava à figura dos *youtubers* como forma de defini-los.

*Pesquisador: Eu pergunto isso a vocês. ((risos)) O que define se o *youtuber* é um *youtuber* LGBTQIA+? E quais critérios vocês usam para definir se o *youtuber* e/ou o canal podem ser considerados LGBTQIA+.*

Fernando: A diferença é o que? A gente tratar... e pessoas LGBTs e canais que abordam temas LGBTs, mesmo não sendo pessoas LGBTs que fazem o Canal, certo? Então... é identificável quem aborda temas, né? Quem é pró a causa e quem são os LGBTs, então tem essa diferença. Mas, você é... tá dentro ali quem aborda, e quem é pró a causa e os LGBTs também inclusos.

André: Acho que você definiu bem, Fernando. Porque eu pensei o lance da Maíra... será que eu cito ela? Porque eu sinto que é um canal LGBT. Mas eu achava que ela era hetero, porque ela é casada com o Berto, né? E aí... é... agora pensando realmente... ela, não, assim, ela bissexual agora você me falou, mas antes quando acreditava que ela era hetero, por mais que ela fosse, ela conversa com o público, ela respeita a gente, é identificável como um canal LGBT, né? E outro lado também, se a pessoa é LGBT, o canal acaba sendo tagueado como LGBT, porque ele fala das vivências dele, e isso bate na gente.

***Camila:** Um youtuber LGBT pra mim, a partir do momento que ele se identifica como... LGBT, pra mim ele é um youtuber LGBT, independente do conteúdo. Porque, por exemplo, tem muito LGBT que faz conteúdo exclusivamente de humor, não tem essa pegada informativa, essa pegada com esse conteúdo. Mas acaba que no humor mesmo, trata de muito assunto LGBT, então eu parto desse princípio.*

André e Fernando problematizam um aspecto que merece ser considerado: o tratamento dado ao canal do *YouTube* (plataforma) e ao *youtuber* (pessoa) como sendo a mesma coisa, atribuindo-se, assim, ao canal, um caráter de personalidade – “*Porque eu pensei o lance da Maíra... será que eu a cito? Porque eu sinto que é um canal LGBT*”. Destaca-se ainda, que tal entrelaçamento entre o canal e o *youtuber* não é fortuito, à medida que o canal é construído a partir das escolhas do *youtuber*, refletindo seus posicionamentos socioideológicos. Pode-se dizer, assim, que a aproximação entre a pessoa Maíra e objeto canal, na verdade, constitui um único projeto discursivo, justificando-se assim o estabelecimento de tal relação. Além disso, conforme expôs Camila, o reconhecimento de um *youtuber* LGBTQIA+ como tal passa necessariamente pela identificação do influenciador como pertencente à comunidade, mais do que pelos conteúdos por eles abordados.

Outro aspecto que merece ser destacado, já compartilhado anteriormente por Camila, é a troca e a contribuição entre o *youtuber* e seus seguidores na partilha de vivências, pois ao mesmo tempo em que o *youtuber* seleciona e discute determinadas temáticas, os seguidores comentam seus vídeos e sugerem outros conteúdos. Essa relação define, segundo Burgess e Green (2009), a cultura participativa, que estrutura a plataforma de modo a permitir que o formato (linguagem contemporânea e jovem) e as funcionalidades da página assegurem uma relação pessoal, uma aproximação entre o *youtuber* (produtor de conteúdo) e os jovens (seguidores), um diálogo entre os seguidores e os *youtubers* mediado pela tecnologia, por meio das curtidas, compartilhamentos e comentários dos vídeos. Essa relação pode ser exemplificada pelo enunciado de André, quando ele diz ter ficado “*na dúvida se a Maíra Medeiros entraria ou não, nesse... rol, porque ela fala com a gente, mas ela é hetero, né?*”.

No entanto, na continuidade do diálogo entre o pesquisador e os participantes do grupo, tornou-se ainda possível perceber que, além das trocas de vivência e experiências, a credibilidade e o reconhecimento do *youtuber* LGBTQIA+ se sustentam também no seu posicionamento diante dos temas atuais relativos à comunidade, de modo que seus conteúdos reflitam suas atitudes e compreensão de mundo em relação a ela.

***Marcos:** Eu identifico que é LGBT, quando eles ... no conteúdo mesmo, eles mostram seus posicionamentos referentes as questões que eles passaram. Por exemplo, o Vitor*

de Castro, ele sempre deixa claro que passou situação de homofobia, em algum momento. O Junior Chico faz piada de coisas que os heteros faz contra os gays...

Marcos, assim como Fernando, reitera que ser *youtuber* LGBTQIA+ implica no posicionamento do profissional “pró causa LGBT”. Ou seja, como o discurso social hegemônico marginaliza aqueles que não se enquadram em determinadas normas, estar com iguais, com pares da comunidade, mesmo que em espaços virtuais, acaba por propiciar um sentimento de sentir-se acolhido e, portanto, de pertencimento a um coletivo que compartilha vivências, experiências similares, elementos culturais, entre outros. Nesse sentido, não importa o tom dado ao tratamento do tema (se de forma engraçada ou de modo jornalístico, por exemplo), o importante é o posicionamento assumido pelo *youtuber* em seu projeto discursivo, referente às pautas da comunidade LGBTQIA+, como pode ser observado nos enunciados de Camila – “*Mas acaba que no humor mesmo, trata de muito assunto LGBT*” – e de Marcos – “*No conteúdo mesmo, eles mostram seus posicionamentos referentes as questões que eles passaram*”.

Bruno, por sua vez, ao concordar com os posicionamentos dos colegas, contribui com as discussões mencionando a *youtuber* Jout Jout, mulher cisgênero, que se tornou referência para o público feminista. Cabe destacar que esse mesmo movimento de tentar colocar as pautas do grupo LGBTQIA+ em diálogo com aquelas de outros grupos minorizados, já havia sido feito anteriormente por Bruno, ao enunciar gostar de um *youtuber* chamado Murilo, “*porque ele me rompe a bolha, é... dada a discussão, me faz abrir as discussões pra o racismo*”.

***Bruno:** Quando eu vou tentar entender youtuber LGBTQIA+ de forma geral, eu tento ver exatamente tudo que vocês comentaram, de... a pessoa é... se se posiciona, porque é o que eu vejo pra mim. Então tipo... Eu sou cientista, eu não preciso tá discutindo sobre questões LGBT na minha pesquisa, mas eu preciso me posicionar enquanto cientista gay, é um espaço... pra gente é poder ocupar e abrir espaços. Eu gosto disso também quando vejo nos youtubers, quando eles trazem isso... de entrar nessa discussão de existir em outros temas, sendo, só sendo. Eu posso discutir qualquer outra coisa, é legal também porque nossa vivência é política. Acho importante também quando vem a vivência e o posicionamento junto*

Há, assim, em consonância com Bruno, um entrelaçamento de temas que envolvem as minorias sociais, que vivem em tensão com o discurso social de poder. Isso se dá pelo fato de o *youtuber* LGBTQIA+, ao se posicionar em relação à comunidade, não poder estar insensível a outras temáticas que envolvam outros grupos minorizados, reconhecendo ainda a própria diversidade que constitui a comunidade LGBTQIA+, à medida que estes sujeitos se constituem por diversos discursos que os significam e constroem sentidos sobre eles, uma constituição carregada de histórias particulares e únicas. Além de ser integrante da comunidade LGBTQIA+,

estes também podem ocupar outros lugares nas teias sociais, como por exemplo: em relação a sua raça, origem étnica e ou cultural, religião, gênero, entre outras particularidades que definem nossa individualidade. Entende-se, desse modo, que o *youtuber* LGBTQIA+ deve assumir um discurso combativo àquele social hegemônico: eurocêntrico, xenofóbico, racista, misógino, machista e homofóbico.

Bruno trará, ainda, para a discussão um exemplo do que ele repudia em um *youtuber* e menciona, para isso, Carlinhos Maia, um *influencer* digital do *Instagram*, que teve o segundo perfil daquela plataforma mais visto do mundo, além de ter estreado em filmes em plataformas digitais importantes. Carlinhos, natural de Alagoas, é homossexual assumido e casou há alguns anos. Ele demorou para assumir sua homossexualidade publicamente. Em seu casamento, não houve beijos dos noivos, o que gerou uma grande polêmica, pois a ausência do beijo foi compreendida como uma negação de sua identidade de gênero, embora tenha sido justificada, pelo próprio influenciador, de que se tratava de algo privado. Essa é apenas uma das polêmicas entre outras tantas, como apoiar a eleição do atual presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, que ataca constantemente a comunidade LGBTQIA+, as mulheres, os negros e os nordestinos.

***Bruno:** Sei lá me vem o Carlinhos Maia ((reação geral dos participantes é de reprovação ao nome)), ou, eu não acompanho, pó Minha irmã e sei lá, grande parte da minha família consome, eu não curto eu não consumo, acho o conteúdo problemático... Mas enfim, eu entendo que abre, mas ele não se posiciona, ele fica ... em cima do muro...mais despolitiza... mais desfaz o serviço, do que apoia.*

***André:** Eu não entendo esse Carlinhos Maia, de verdade! Ele tem uma proporção enorme (...) é tanto close errado³⁸, seguido, para uma pessoa que tá no grupo... (se referindo ao fato de Carlinhos ser gay)*

***Camila:** Parece que ele quer se enquadrar num grupo que não pertence, a qualquer custo, me incomodo muito.*

***André:** Ele faz um desserviço. Ele não ajuda em nada. Os heteros que seguem ele tratam a gente como piada, né?*

***Marcos:** Tipo assim, oh ... você poderia ser vaiado que nem ele.... gostar das piadas que a gente faz com vocês...*

Ainda que esta pesquisa objetive olhar para os *youtubers* e o *YouTube* e não para influenciadores de outras plataformas, como o *Instagram* por exemplo, compreendeu-se que a discussão iniciada por Bruno não poderia ser deixada de fora da análise, porque, ao citar Carlinhos Maia, os aspectos que emergiram dialogaram diretamente com os temas em pauta sobre os *youtubers*. Isso porque, ao alinhar seu posicionamento socioideológico com o discurso

³⁸ Gíria ou expressão usada para dizer que o sujeito usou de alguma estratégia para chamar atenção e no final foi algo que não foi bem-visto socialmente.

hegemônico, Carlinhos, mesmo sendo gay, distancia-se da representatividade das minorias, no caso, dos gays.

Com isso, os discursos enunciados pelo grupo, considerando também o alcance importante de sua rede social, que poderia ser usada para ampliar o debate sobre as questões da comunidade LGBTQIA+, carregaram-se de apreciações valorativas negativas sobre ele – “*faz um desserviço*” e “*não ajuda em nada*”. Para Camila, “*ele quer se enquadrar num grupo que não pertence*”, ou seja, ele reforça o discurso social dominante, heterocisgênero, na tentativa de ser aceito. Isso gera um enorme desconforto entre os participantes.

Dessa maneira, o reconhecimento de um *youtuber* transcende o fato de ele ser ou não participante do coletivo LGBTQIA+, isto é, a orientação sexual ou a identidade de gênero dos *youtubers* não se faz relevante se o posicionamento dele não se opuser ao discurso hegemônico. Os enunciados revelam, assim, que o reconhecimento de um *youtuber* LGBTQIA+ se dá quando ele se posiciona alinhado com o horizonte social dos jovens e, portanto, da comunidade LGBTQIA+. É na esfera socioideológica que o diálogo entre os jovens e os *youtubers* se constitui, quando o jovem se vê representado com o discurso do *youtuber*, seja nas experiências pessoais ou conteúdos que este criador divide com seus seguidores.

Por perceber que a questão do conteúdo perpassava muitos enunciados dos participantes, o pesquisador os questionou sobre a forma como faziam as escolhas de conteúdo. A próxima seção será dedicada a análise desse tema.

4.5 A relação do *youtuber* com a comunidade LGBTQIA+

No decorrer das discussões, uma temática recorrente foi a relação do *youtuber* com a comunidade LGBTQIA+. Em função disso, e considerando os objetivos desta pesquisa, o pesquisador fez o seguinte questionamento para o grupo dialogar:

Pesquisador: Peraí, deixa eu perguntar. Como os youtubers se relacionavam com o movimento LGBTQIA+? Como vocês percebem eles neste contexto?

Camila: São pessoas dentro do movimento com a capacidade de ampliar a voz (...). Os youtubers ampliam isso e levam a pluralidade.

Para Camila, os *youtubers* são percebidos como porta-vozes do coletivo LGBTQIA+, pois, dada sua audiência e popularidade, eles se constituem em uma espécie de catalizadores das pautas, podendo ampliar a voz da comunidade de modo a dar visibilidade a causa. Todos concordaram com ela e aprofundaram a discussão.

Marcos: (...) Quando eu tive a noção do movimento, foi mesmo no YouTube ... com o posicionamento entendendo, né? Porque quando eu tive acesso no YouTube, no sentido de ver a comunidade LGBTQIA+, eu percebi que ... existia uma luta o qual ... eu não sabia que existia e estava me inserindo naquele momento, porque eu assumi e comecei a pesquisar (...) então foi aí que tive consciência. Eu me vejo parte deste movimento, quando eu pego a fala do youtuber e disparo nas minhas redes sociais. Como se fosse a representação da minha opinião também. (...) É dessa forma que me posiciono no movimento referente ah ... comunidade LGBTQIA+.

André: O movimento é meio que uma base nossa, é o lugar que dissemina o conhecimento, pra gente saber o que tá fazendo. Porque até então não era divulgado, né, essas coisas. (...) eu sinto que a galera mais nova, tipo o Fernando, você tem 20? ((direciona o questionamento para o Fernando e o mesmo sinaliza 21)) Ah! 21. Eu tenho 29, eu não tenho essa postura que ele tem, de enfretamento. Porque na minha época defender uma pessoa gay ou lésbica, você ia ser perseguido (...) Eu já era perseguido porque eu era afeminado, quer dizer, eu sou afeminado. E aí eu me omitia, eu falava o menos possível, pra não dá mais motivo pra ser mais perseguido. (...) Eu tenho amigos da idade dele, eu queria ter sido assim. Eu perdi tanto tempo da minha vida, com medo de ser quem eu era. (...) Os canais, do YouTube, foram importantíssimos pra eu conseguir me sentir acolhido, em paz, entendeu? Porque eu comecei a ver que existe muita pessoa que passa a mesma coisa, que eu não estava sozinho. Porque em minha cidade, naquela cidade, daquele tamanho, eu me sentia sozinho.

Camila: (...) É muito diferente quanto a minha geração e a geração de agora dá a cara pra bater (...) Eu vejo que é por conta dessa ampliação desse acesso, de todo mundo sentir que não tá sozinho

A concordância com o discurso do *youtuber* e o lugar por ele assumido como pertencente e/ou sensível às pautas da comunidade LGBTQIA+ aproximam o profissional do movimento, habilitando-o, do lugar que ocupa nas redes sociais, a verbalizar o que muitos jovens desejariam expressar. Desse modo, atribui-se aos *youtubers* diferentes papéis, com destaque à sua atuação como representante de um projeto discursivo coletivo de grupos invisibilizados no decorrer da história e como formadores.

Nesse último caso e considerando os diferentes momentos históricos, André reforçou a importância dos *youtubers* para levar informação e acolhimento para jovens que vivem em cidades pequenas distantes de grandes centros urbanos, onde o movimento tende a ser mais visível. Com isso, esses jovens não se veem mais sozinhos. Trata-se, assim, de sua própria história: de origem de uma cidade pequena, do interior do estado de São Paulo (população estimada para 2021 em 55.298 habitantes, conforme fonte IBGE)³⁹, André se mudou para uma metrópole (população estimada para 2021 em 720.116 habitantes, conforme fonte IBGE)⁴⁰, ou seja, a população de sua cidade de origem corresponde a 7,68% da cidade onde reside atualmente. Esse dado se aproxima ainda da história de Bruno em seu “projeto” de se assumir

³⁹ Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-jose-do-rio-pardo/panorama>.

⁴⁰ Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/ribeirao-preto/panorama>.

gay: era preciso mudar para a capital de seu estado para poder ser quem ele é, como já foi analisado anteriormente.

Reconhece-se, desse modo, que se vive hoje uma nova realidade, na qual a tecnologia e, principalmente, as redes sociais ganham papel importante na formação e na transformação da comunidade, de modo a ultrapassar os limites da localização geográfica, já que, por intermédio delas, é possível diminuir fronteiras e aproximar espaços. Assim, para os jovens que integram a comunidade LGBTQIA+ e que residem em grandes centros urbanos, onde há maior acesso à informação, foi possível conectar-se a outros grandes centros; para aqueles que residem em cidades de interior, formar-se, constituir-se pertencente ao coletivo LGBTQIA+, decorreu da relação mediada pelas redes sociais com os *youtubers*, prática que tem sido cada vez mais viável dada a popularização e o acesso a bens tecnológicos, como computadores e *smartphones*, na medida em que essas tecnologias oportunizam conhecimento e informação sobre a comunidade e sua história, entretenimento do nicho cultural ao qual pertencem, acolhimento e reconhecimento, em uma rede de relações e trocas entre seus membros.

No entanto, não se pode furtar de dizer que, apesar da avaliação positiva sobre os *youtubers* presentes nos discursos dos participantes, pouco tensionamento foi feito, pelo menos no grupo de discussão até aquele momento, sobre a maneira como os discursos destes influenciadores têm sido assimilado por eles: se a partir de um processo de compreensão responsiva ativa, por meio da qual é possível gerar uma resposta aos sentidos por eles construídos (como forma de concordância e/ou de discordância), ou se há apenas o reconhecimento, uma assimilação passiva do que é dito, processo que permite apenas a reprodução do discurso do outro.

Essa questão gerou incômodo ao pesquisador após o primeiro dia do grupo, razão pela qual ele decidiu resgatar alguns discursos enunciados naquele encontro no segundo momento de discussão entre os participantes, como forma de levar o grupo a refletir sobre este processo.

4.6 Tensões discursivas entre os jovens e os discursos dos *youtubers*

A fim, então, de compreender como é construída a relação com os discursos enunciados pelos *youtubers* LGBTQIA+ que os participantes seguiam, o pesquisador retomou enunciados produzidos pelo grupo no encontro anterior para iniciar o debate.

Pesquisador: Me lembro que a Camila, você tá aí?

Camila: *Sim... (risos)*

Pesquisador: *Me lembro que você falou sobre a escolha dos vídeos, as temáticas, você viu que é um vídeo da Rita, você nem sabe qual o tema, mas você assiste, porque você vai gostar da Rita, lembra?*

Camila: *Lembro.*

Pesquisador: *Eu fiquei pensando nisso, na credibilidade que se dá a fala desse youtuber, uma credibilidade total, como se ele não pudesse errar. Isso me lembrou do caso do Põe na Roda, em que o Pedro (HMC) nos vídeos tinha um discurso de crítica aos corpos padrão, mas um santo seguidor fez um comentário: “perai Pedro, você faz um discurso de aceitação dos corpos, não à gordofobia, mas na hora do quadro ‘Momento tô úmida’⁴¹ os memes que você usa é tudo padrão”. Olha a importância de ter uma relação mais crítica. E o Pedro repensou, naquele momento, e concordou que estava reproduzindo, “falo uma coisa e faço outra”. E no momento que a Camila disse sobre a Rita, todos concordaram com ela. Me lembro também que o Marcos trouxe o menino dos signos, não lembro o nome...*

Marcos: *Vitor (Canal Deboche Astral).*

Pesquisador: *O Vitor. Que você também ... o posicionamento do Vitor é seu posicionamento. Você disse inclusive que se identifica mais com o Pedro...*

Marcos: *Mais com o Vitor!*

Pesquisador: *Isso, mais com o Vitor do que com o Pedro, até comentei que tinha a ver com lugar de fala, que o Pedro ele é mais padrão, o lugar de fala do Vitor não é padrão, né. Eu fiquei até pensando, que o Vitor traz muito essa desconstrução de gênero, de se colocar como afeminada, aí fiquei pensando gente, o Vitor é ator... ((pausa)) ... A Rita von Runty é uma drag, uma personagem. Aquilo que a gente vê do youtuber é um personagem ou ele mesmo? Considerando essa forte influência deles.*

Assim, construindo e articulando uma linha de raciocínio a partir das discussões compartilhadas no grupo anterior, o pesquisador dividiu com os participantes algumas impressões e dúvidas que lhe causavam incômodo. Cabe aqui ressaltar que o pesquisador tratou, em seu discurso, *Drag Queen* como uma personagem, o que na verdade não seria bem a definição adequada para as artistas. *Drag Queen* seria um alterego feminino, um desdobramento da personalidade do artista que se revela nessa linguagem artística. Contudo, a discussão proposta não se tratou disto, e sim, sendo *Drag* ou não, se esse *youtuber* que se revela no vídeo seria um personagem para o público, objetivando agradar a demanda de seguidores, ou se seus posicionamentos refletiam suas opiniões pessoais de fato.

Pedro: *Acho que não tem como a gente saber.*

⁴¹ O quadro “Momento tô úmida” é um quadro em que Pedro HMC, em seu canal no *YouTube* (*Põe na Roda*), faz menções a momentos atuais em que homens foram destaques por alguma alusão sexual em algum acontecimento. Como, por exemplo, ser flagrado na praia de sunga ou ter aparecido seminu em uma cena de filme. À época, Pedro e seus seguidores debateram que, apesar de ter um discurso de valorização de diversidade de corpos, esse quadro sempre valorizava corpos padrões de personalidades midiáticas. Seguidores reivindicaram que corpos diferentes fossem reverenciados no quadro do canal.

André: *Acho que eles transitam entre esses ambientes, de personagem e ele mesmo. Acho que existe uma transição aí.*

Pedro: *Concordo com o que o Pedro falou, e acho que o que Rafael falou faz sentido. Como a gente não está o tempo com todos eles e não sabe o comportamento deles fora das telas (redes sociais), eu acho que fica difícil fazer um julgamento, mas ainda assim gosto mais do Vitor do que do Pedro, porque o Vitor usa o lugar de fala dele, para trazer assuntos, que a meu ver, são mais importantes do que do Pedro. Não que o do Pedro não seja importante, o canal Põe na Roda (...) não me agradou enquanto eu busco com entretenimento...*

André: *Eu queria levantar uma situação. Eles foram meio que pioneiros no assunto gay na internet, depois do boom deles outros vieram, e eu concordo que o Pedro não tem muita representatividade no rolê. Tanto que uma vez estava falando com uma amiga que é lésbica, e ele a falou pra mim tipo: “Põe na Roda é legal, mas não me representa”. (...) Ai eu comecei a prestar atenção, mais né, nesse role deles. E realmente, eles têm um posicionamento da gay padrão, né? (...) Mas querendo ou não foram precursores da comunicação gay na internet.*

A questão mobilizou muito os participantes, levando-os a refletirem sobre algo que não haviam pensado, uma grande interrogação sobre tudo o que eles haviam discutido sobre os *youtubers*. Surgiram silêncios, incômodos e a busca por explicar. André e Pedro acreditavam em uma transição entre esse personagem e *youtuber*. Não descartavam a ideia de uma persona na frente da câmera estampando a cara no vídeo, o que seria bem natural para comunicadores em geral, como nos casos da Rita e Lorelay, que se apresentam como drags, contudo aqueles que não se caracterizam também podem se apoiar em uma persona para estar na frente das câmeras. Persona que se mescla ao próprio sujeito, transitando. Eles reconhecem que não é possível reconhecer essas diferenças, não se pode acompanhar o tempo todo o *youtuber*. A única forma de conhecê-lo é pelos conteúdos e pelos posicionamentos que assumem.

Pedro retomou o aspecto da proximidade socioideológica com os *youtubers* e da representatividade que o influenciador tem na e para a comunidade, ou seja, o quanto aqueles que compõem o coletivo LGBTQIA+ se veem representados pelo discurso dos *youtubers*. André construiu suas observações sobre o *Põe na Roda* em torno da representatividade do canal, e trouxe algo interessante para o grupo: a partir de uma conversa, da relação com uma amiga, ele passou a ter um olhar mais crítico sobre o canal de Pedro HMC, sobre seus discursos serem abrangentes a todos membros da comunidade ou não.

Observa-se, assim, que os discursos dos *youtubers* transcendem a plataforma, tornando-se temas de debates em círculo sociais fora das redes, inserindo-se na cadeia ininterrupta de comunicação social. Os debates impulsionados pelo *youtuber* mobilizam os membros da comunidade, oportunizando trocas, atribuindo novos sentidos às discussões. Nessas teias discursivas, os jovens revisam seus posicionamentos, transformam-se, ressignificam seus

sentidos. Esse movimento também chega aos *youtubers*, como foi o caso discutido sobre o canal *Põe na Roda* e os corpos gordos e padrões.

Os questionamentos do pesquisador continuaram a reverberar, causando desconforto e incômodos. Marcos se expressou diante disso.

Marcos: Eu tô aqui pensando, quando você fala dessa forma, parece algo definido, mas eu entendo que é um processo...

Pesquisador: O que é definido?

Marcos: Por exemplo, você trouxe agora que os youtubers... e... nos ajudaram a nos definir. Só que eu acho, por exemplo, que eu tô no processo, falando de mim. Eu uso os youtubers pra me ajudar a saber mais sobre a comunidade, e é lógico que eles têm suas falhas e erros, e eu entendo. E eu vivenciei isso a semana passada eu acho... A Rita von Hunty (...) fez um vídeo e ela foi indagada sobre um surdo ... que pediu para ela colocar ... colocar legenda, e ela respondeu que não tinha tempo e que a equipe dela não tinha como e aí virou uma polêmica (...) E aí ela falou sobre o capacitismo⁴² em um vídeo, e nesse vídeo ela colocou intérprete de Libras. E ela falou que a partir de então ela ia tentar fazer, colocar intérprete e deixar mais acessível, fechou uma parceria e tudo mais e se justificou (...) Aí eu fui conversar com uma moça do trabalho, aí eu falei assim: -“e aí você viu vídeo que a Rita fez?” – “Eu vi, mas acho ela capacitista sim (...) dela se justificar do jeito que ela se justificou, ela acabou assumindo que é capacitista”. (...) E a fala dela foi muito capacitista em vários aspectos e eu não tinha percebido. E assim, eu falo que é um processo por causa disso. Eu posso estar utilizando dos youtubers para aprender, mas não colocando como sujeitos que não erram, pelo contrário, eles vão errar e eu vivencio junto, os erros dele e aperfeiçoando essas questões, né? A questão do Põe na Roda também, eu acompanhei esse processo (...) Eu vivencio isso e aí vou filtrando (...) Nessa questão de processo.

Marcos demonstrou incômodo com a forma pela qual o pesquisador abordou o grupo com seus questionamentos. Para ele, o pesquisador estava limitando a discussão com aquela pergunta. O pesquisador, percebendo que havia causado desconforto, pediu então para que ele se explicasse melhor, levando Marcos a reafirmar o papel do *youtuber* em informar e formar sobre as pautas da comunidade, reconhecendo também seus erros.

Marcos ainda avaliou ser uma oportunidade para contar um episódio que aconteceu com ele, em relação ao um vídeo de Rita von Hunty, uma das *youtubers* até então mais reconhecidas, pelos participantes, como relevante para a comunidade. Rita não possuía legendas nos seus vídeos e, questionada por seus seguidores, respondeu não ter tempo para isso. Tal posicionamento causou uma polêmica que estimulou debates fora e dentro da rede. Rita foi então apontada como capacitista, fato que a levou a gravar um vídeo sobre o tema, ainda sem

⁴² Pode-se compreender que: “[...] capacitismo é uma forma de preconceito, de discriminação contra a pessoa com deficiência, faz parte da sociedade e envolve as capacidades que uma pessoa possui ou não. No caso da pessoa com deficiência, o imaginário traz à tona que essas pessoas não são capazes simplesmente por terem uma deficiência” (CARPENEDO; MARCHESAN, 2021, p. 50). Neste contexto, entende-se que os sujeitos surdos são tratados à margem dessas relações sociais quando não lhes são oferecidos conteúdos com intérprete de Libras.

legenda, mas com intérprete de Libras, considerando que a solicitação tinha sido feita por uma pessoa surda. Ao levar essas discussões para dialogar com outros pares fora das redes, deparou-se com leituras e sentidos diferentes sobre o ocorrido, o que o fez rever sua compreensão e posição inicial, ressignificando a situação: Rita reafirmava seu posicionamento capacitista.

Foi um processo em que as relações sociais dele permitiram reavaliações e diálogos com o discurso da Rita. Ele descreve que isso o foi transformando. Ele compreende os erros dos *youtubers* como parte do processo, em que ambos vivenciam esses erros e reavaliam. Seguidores e *youtubers* vivenciam relações transformadoras pelo discurso, esse discurso que penetra na consciência individual permitindo avaliações e apreciações valorativas sobre os atos de fala do sujeito, o discurso interiormente persuasivo (BAKHTIN, 2015), processo que é inacabado e ininterrupto.

Reconhece-se que essa experiência que Marcos vivenciou como oposta ao que viveu no passado, quando seguia a religião da família. Como discutido anteriormente, ele aponta que não existia espaço para questionamentos dentro da religião, e seu posicionamento agora denota maturidade em relação ao estabelecer esses diálogos e revisões sobre seus posicionamentos, na relação que estabelece com o *youtuber*.

Pedro aprecia o posicionamento de Marcos concordando com ele.

Pedro: Eu posso ir de encontro com o que ele (youtuber) fala, mas não preciso concordar com tudo, eu posso fazer uma reflexão.

Bruno: Hoje o Rafael tá fogo no parquinho! Fiz várias reflexões aqui. (...) Mas o Põe na Roda pode ser um primeiro contado, mas ao mesmo tempo tem as suas problemáticas.

A provocação feita pelo pesquisador levou o grupo a se deslocar para reflexões que até o momento não haviam sido feitas por eles, tornando-se um espaço de diálogo sobre compreensões envolvendo a forma como cada participante se relacionava com os discursos dos *youtubers*. Esse fato acabou gerando certos tensionamentos, que produziram novos sentidos aos participantes, incluindo o pesquisador, que pôde perceber como suas prévias compreensões sobre o papel que os *youtubers* exerciam sobre os jovens LGBTQIA+ se faziam presentes em suas colocações. Discursos em circulação, portanto, que em relação com as próprias palavras internas dos participantes exerciam, potencialmente, um papel transformador de posicionamentos anteriores.

Percebendo Camila mais introspectiva, o pesquisador procurou trazê-la para a discussão.

Pesquisador: *Camila, você está muito quietinha, o que você pensa sobre tudo isso?*

Camila: *Ah ... olha muita coisa na minha cabeça, muita coisa pra pensar, eu não tenho nada a dizer. Se eu for dizer muita coisa, vai sair bem embaralhada, e ninguém vai entender nada...Porque nem eu tô entendendo muito...*

Pesquisador: *O que você não tá entendendo?*

Camila: *É muita coisa... Primeiro você chegou dando tapada, até aí tudo bem, eu tô analisando na minha cabeça.*

Pesquisador: *Como você se sentiu eu trazendo essas questões?*

Camila: *A normal assim (...) eu tô acostumada a esse processo, de ... tá ... isso que falei essa minha atitude, sabe? É um processo que acontece com muita frequência. Não me sinto mal.*

Pesquisador: *E como isso vai reverberar em você?*

Camila: *Por exemplo, esse negócio da Rita, provavelmente vou sair daqui e pesquisar sobre isso. E daí a próxima vez que eu ver um vídeo, seja da Rita seja de outro, já vou pensar nisso entendeu? É um processo, na próxima reunião já não vai ter mudado tudo, tanãã ... são coisas que se transformam.*

Camila, ao entrar em contato com o relato de Marcos, passou a refletir sobre seu posicionamento anterior em relação à Rita Von Hunty, que possuía grande prestígio em suas escolhas valorativas como *youtuber*. E assim, a partir do relato de Marcos, do posicionamento do pesquisador e das discussões do grupo, passou a rever sua relação com o *youtuber*, mesmo que, naquele momento, não lhe fosse possível assumir um posicionamento. Reconhecia, apenas, a necessidade de mais reflexões e pesquisa. Um processo de vivência do grupo, de diálogos com outros, da incompletude de sentidos que o eu pode alcançar nestas relações de trocas discursivas.

Camila: *A Camila está num caos mental ainda (...) Eu tô refletindo é um momento introspectivo, as palavras não saem na boca elas dançam na cabeça (...) essa conversa de hoje teve muito mais a acrescentar...*

Usando um recurso de linguagem, Camila criou uma imagem para explicar como se sentia naquele momento de reflexão em que se via imersa. Diálogos internos com discursos de outros. Desse modo, o contato com os sentidos construídos no grupo levou a uma introspecção, em que as palavras de outrem procuravam novos sentido diante do novo contexto vivenciado – a palavra interiormente persuasiva.

Não se pode negar, desse modo, as contribuições dos *youtubers* LGBTQIA+ no atual contexto e sua relevância para comunidade LGBTQIA+, que, por séculos, tem sido reprimida e perseguida a partir do discurso patriarcal judaico-cristão heterocisgênero, hegemônico na

sociedade brasileira. A negação da existência e a violência cotidianamente vivenciada pela comunidade LGBTQIA+ encontra resistência nesses atores sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como objetivo compreender como jovens LGBTQIA+ dialogam com os discursos enunciados por *youtubers* LGBTQIA+ em seus respectivos canais. Como objetivos específicos, buscou-se conhecer quem são *youtubers* LGBTQIA+ para os jovens que participaram da pesquisa; como eles se tornaram seguidores desses *youtubers* e por quais motivos seguem determinados *youtubers* ao invés de outros.

Compreendendo diálogo como o espaço no qual se materializa o processo de interação verbal e se articulam diversas vozes sociais em diferentes tempos e espaços, e a fim de alcançar os objetivos propostos, optou-se por desenvolver esta pesquisa a partir da realização de grupos de discussão, por compreender que, por seu intermédio, seria possível desvendar as relações que os jovens estabelecem com os *youtubers* LGBTQIA+, a partir de uma Análise Dialógica do Discurso.

Por intermédio dos discursos enunciados pelos participantes do grupo de discussão, observou-se que o processo de se reconhecer pessoa LGBTQIA+ foi experienciado por cada um de forma única e singular e esteve em relação com os distintos grupos sociais com que cada um se relacionou ao longo da vida e do contexto e momento histórico que se constituíram como sujeitos. Este último fator determinou ainda diferentes relações com a família no assumir-se LGBTQIA+.

Compreende-se, ainda, que essa constituição, por estar relacionada à completude dada pelo outro, é um processo inacabado e contínuo, e nesse sentido, os *youtubers* LGBTQIA+, para alguns participantes, exerceram e ainda exercem influência para o reconhecer-se e o posicionar-se como sujeito que integra a comunidade LGBTQIA+. Esta relação também não é a mesma entre os jovens e se vincula, diretamente, com o contexto e história de vida de cada participante e com a forma pela qual cada um se relaciona com as redes sociais. Estas, por sua vez, irão determinar aproximações e distanciamentos dos *youtubers* e, logo, com as escolhas de com quem dialogar.

O percurso percorrido para o conhecimento, a aproximação e, posteriormente, o acompanhamento dos *youtubers* também se mostrou diverso. Ele ocorreu devido a pesquisas diretas na plataforma do *YouTube* ou nos sites de busca, direcionado às pautas da comunidade; indicações ou compartilhamento nas redes sociais; na busca de canais de entretenimento; ou levado pelo algoritmo, que de certa forma está relacionado com as escolhas de consumo de conteúdos na internet. Ao se chegar ao canal, entrou então em jogo o projeto discursivo *youtuber* LGBTQIA+ e o quanto ele buscava se aproximar dos jovens, permitindo que eles

estabelecessem diálogos com seus posicionamentos, percebendo-se assim representados. Esse projeto discursivo se materializava nas escolhas enunciativas dos *youtubers* LGBTQIA+ e, portanto, nos valores socioideológicos que assumiam.

A capa dos vídeos também foi um fator citado como primeiro contato e aproximação dos jovens com o projeto discursivo do *youtuber* LGBTQIA+. Sua constituição como enunciado verbo-visual, por meio do qual títulos, imagens e fundo compõe a orientação discursiva que será dada ao vídeo (se de ironia ou de deboche, por exemplo), chamou a atenção dos jovens em um primeiro momento. No entanto, ao se identificarem com os discursos enunciados pelos *youtubers* LGBTQIA+ e se tornarem seus seguidores, a capa, que antes era importante no processo de decisão sobre quais vídeos assistir, é posta em segundo plano, pois ser seguidor de um *youtuber* implica em estabelecer uma relação de confiança e de credibilidade profissional.

Entretanto, como toda relação dialógica implica em tensões e a constituição humana em constantes e ininterruptas transformações determinadas pelos distintos discursos sociais em circulação, os diálogos entre os jovens e os *youtubers* LGBTQIA+ passaram também por questionamentos, concordâncias, discordâncias e ressignificações de sentidos, que levaram, inclusive, a reposicionamentos em relação aos *youtubers*. Este movimento dialógico se mostrou claro para alguns participantes, ao relatarem situações que os levaram a rever seus posicionamentos sobre alguns *youtubers* LGBTQIA+, a partir de diálogos com outros fora da rede: novos sentidos, novos enunciados, atuando como discursos interiormente persuasivos na constituição de cada um.

A forma pela qual o influenciador se posiciona diante dos debates sociais em circulação, relacionados ou não às pautas específicas da comunidade LGBTQIA+, foi um dos principais indicadores para os jovens manterem-se seguidores ou não dos *youtubers*. Para os participantes é importante que o *youtuber* LGBTQIA+ assuma um posicionamento contrário ao discurso social hegemônico heterocisgênero e, portanto, que seus discursos se carreguem de avaliações negativas sobre fatos e/ou enunciados que sustentem o machismo, o racismo, a xenofobia, a intolerância religiosa, entre outros que têm, historicamente, oprimido diferentes grupos sociais.

Os jovens esperam ainda que os *youtubers* LGBTQIA+ ampliem os debates relativos a essas temáticas, colocando-as também em relação com as pautas LGBTQIA+, pois pertencer a esse coletivo social é apenas mais um dos vários aspectos que constituem o sujeito, que pode ainda reconhecer-se como pertencente a outro grupo social minoritário. Acredita-se, também, que os *youtubers*, dado o alcance que possuem nas redes sociais, têm papel importante na visibilidade destas questões, interferindo para que haja uma gradual transformação social. É

essa aproximação de horizontes socioideológicos que constitui sentido para os participantes, para que assim reconheçam se o influenciador é ou não um *youtuber* LGBTQIA+, tornando-se assim, seguidores de seus canais na plataforma *YouTube*.

A pesquisa ainda lança luz as formas de aprendizagem que envolvem as novas tecnologias da informação e redes sociais, uma vez que, os jovens participantes, procuram construir conhecimento nas interações com os vídeos dos *youtubers* LGBTQIA+. Neste sentido, os jovens procuram aprender com os vídeos em circulação na internet, que por parte dos *youtubers* LGBTQIA+, mostram-se cada vez mais elaborados, verbo-visualmente, revelando seu potencial educacional como espaços de aprendizagem não escolares, uma estratégia que aproxima os jovens do conhecimento, mas que é pouco considerada pela escola.

Esta pesquisa permitiu ouvir os jovens LGBTQIA+ e compreender como eles dialogam com os projetos discursivos dos *youtubers* LGBTQIA+. Pode-se dizer que os diálogos estabelecidos são diversos e particulares por dependerem da constituição histórica e discursiva de cada um. Como ponto de convergência, destaca-se o posicionamento socioideológico assumido pelos profissionais em relação às pautas LGBTQIA+ e de outros grupos socioculturais minoritários.

No entanto, um diálogo sempre implica em multiplicidade e nunca em um único ponto de vista. Assim, acredita-se ser também importante ouvir os *youtubers* LGBTQIA+, como eles percebem essas relações, os diálogos com seus seguidores, e as transformações decorrentes dessas trocas linguísticas. Acredita-se que outras pesquisas podem ser realizadas nesse sentido a fim de se ter uma maior completude das questões implicadas nessa relação que, atualmente, se mostra significativa no debate público.

REFERÊNCIAS

- ALBERTINI, R. Z.; COSTA, M. L.; MORANDA, R. L. Narrativas foras do armário: a identidade sexual de homens gays na cidade. **Revista Subjetividades**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 1-14, 2019.
- AMORIM, M. Um estrangeiro do interior – Reflexões sobre a pesquisa com meninos de rua. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 48, n. 2, p. 105-123, 1996.
- AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa Editora, 2001.
- AMORIM, M. Vozes e silêncio no texto de pesquisa em ciências humanas. Abordagem sócio-histórica na pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p. 7-19, jul. 2002.
- ARAN-RAMSPOTT, S.; FEDELE, M.; ARRAGÓ, A. Funciones sociales de los youtubers y su influencia en la pre adolescencia. **Comunicar - Media Education Research Journal**, v. XXVI, n. 57, p. 71-79, 2018.
- BAKHTIN, M. Gêneros do Discurso. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 277-236.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. **A cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BAKHTIN, M. **Teoria do Romance I**. A estilística. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BAKHTIN, M. Gêneros do Discurso. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.
- BAKHTIN, M. O autor e a personagem na atividade estética. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018^a. p. 3-192.
- BAKHTIN, M. Apontamentos de 1970-1971. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018b. p. 367-392.
- BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BARROS, L. G. **Subculturas, um conceito em construção**. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos, ago./set. 2007.
- BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. *In*: BRAIT, B (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-31.
- BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. **Estatuto da Juventude**. Brasília: Diário Oficial da União, 2013.

BURGESS, J.; GREEN, J. **YouTube e a Revolução Digital**: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.

CARPENEDO, R. F.; MARCHESAN, A. Capacitismo: entre a designação e a significação da pessoa com deficiência. **Revista Trama**, Marechal Cândido Rondon, v. 17, n. 40, p. 45-55, 2021.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021a.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021b.

COSTA, O. S. **Implementação da disciplina de Libras nas licenciaturas em um município do interior de São Paulo**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

CRUZ, C. F. et al. **ATIVISMO ANTI-HOMOFOBIA**: Embates político-midiáticos da rede LGBT na Internet. 2014. Dissertação (Mestrado em comunicação) Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

DONATO, M.; MELLO, V. O pensamento iluminista e o desencantamento do mundo. Modernidade e Revolução Francesa como marco paradigmático. **Revista Crítica Histórica**, Maceió, ano 2, n. 4, dez. 2011.

FACCHINI, R. **Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. 2002. Dissertação. Mestrado (Antropologia Social) UNICAMP- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

FACCHINI, R. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. **Cad. AEL**, Campinas, v. 10, n. 18/19, p. 81-125, 2003. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/download/2510/1920>. Acesso em 25 mar. 2018.

FACCHINI, R. **Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FACCHINI, R. Histórico da luta de LGBT no Brasil. **Revista Pré-Univesp**, n. 61, São Paulo, dez. 2016/jun. 2017. Disponível em: http://pre.univesp.br/historico-daluta-lgbt-no-brasil#.Wrd_YjwbIU. Acesso em: 25 mar. 2018.

FARACO, C. A. **Linguagem & Diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

FORTES, D. YouTube. **Info**, São Paulo, ano 21, n. 245, p. 33-35, ago. 2006.

FREITAS, M. T. A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p. 21-39, jul. 2002.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr.1995.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de administração de empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio/jun. 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2019.

GREEN, J. **Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GREEN, J. **A luta pela igualdade: desejos, homossexualidade e a esquerda na América Latina**. Cad. AEL, Campinas, v. 10, n. 18/19, 2003.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

KLEINA, N. A história do YouTube, a maior plataforma de vídeos do mundo [vídeo]. **TecMundo**. 11 de julho de 2017. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/youtube/118500-historia-youtube-maior-plataforma-videosdo-mundo-video.htm>. Acesso em: 28 out 2019.

LIMA, M. S. **Políticas de educação que tratam de gênero e sexualidades na América Latina: um estudo sobre Brasil e Uruguai**. 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em educação Contemporânea, Recife, 2017.

LÉVY, P. **Cibercultura**. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2009.

LODI, A. C. B. **Educação bilíngue para surdos: reflexões a partir da perspectiva de Mikhail Bakhtin**. 2017. Tese Livre Docência (Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas – USP, São Paulo, 2017.

MEINERZ, C. B. Grupos de Discussão: uma opção metodológica na pesquisa em educação **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 485-504, maio/ago. 2011.

MELO, I. F. **Ativismo LGBT na imprensa brasileira: A análise crítica da representação de atores sociais na Folha de São Paulo**. 2013. Tese (Doutorado em Letras), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

OKITA, H. **Homossexualidade: da opressão à libertação**. São Paulo: Editora Sundermann, 2007.

PÉREZ-TORRES, V.; PASTOR-RUIZ, Y.; BEN-BOUBAKER, S. A. Los youtubers y la construcción de la identidad adolescente. **Comunicar – Revista Científica de Educomunicación**, Huelva, v. XXVI, n. 55, p. 61-70, 2018.

QUEIROGA, I. Brasil segue no primeiro lugar do ranking de assassinatos de transexuais. **O Globo**. Rio de Janeiro, 14 nov. de 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/brasil-segue-no-primeiro-lugar-do-ranking-deassassinatos-de-transexuais-23234780>. Acesso em: 08 out. 2019.

RIBEIRO, D. Stonewall: 40 anos de luta pelo reconhecimento LGBT. *In*: COLLING, L. (Org.). **Stonewall 40 + o que no Brasil?**. Salvador: EDUFBA, 2011.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização do pensamento único a consciência universal**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

SANTOS, B. S. **Um Discurso sobre as Ciências**. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. O sentido como um continuo vir a ser: apontamentos bakhtinianos sobre a linguagem e realidade. **Revista da Abralin**, Campinas, v. XVIII, n. 1, 2019.

SPOSITO, S. E. Psicologia, Sexualidade e Religião: Ligações Perigosas. **Revista de Psicologia da UNESP**, Assis, v. 11, n. 1, 2012.

SPOSITO, S. E. **Homossexualidades nas pesquisas em pós-graduação em psicologia: da despatologização à luta por direitos**. 2015. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2015.

TASSI, S. P. M. **Conversação mediada por vídeos no YouTube: o caso Blade376**. 2011. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade dos Meios de Comunicação Social – Famecos, Porto Alegre, 2011.

VIANA, C. **Políticas de educação, gênero e diversidade sexual: breve história de lutas, danos e resistências**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017.

WELLER, W. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 241-260, maio/ago. 2006.

WELLER. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 25, n. 2, p. 205-224, ago. 2010.

WESTENBERG, W. **The influence of YouTubers on teenagers: an overview of the influence Dutch YouTubers have on their teenage viewers and to what extent this influence is good or bad**. Amsterdam, 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos da Comunicação) – Universidade de Twente, Enschede, 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado/a a participar da pesquisa **“YOUTUBERS E JOVENS LGBTQI+ E A DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE”**, de responsabilidade do pesquisador Rafael Felix de Oliveira, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Claudia Balieiro Lodi. A pesquisa visa estudar a possível influência formativa de Youtubers LGBTQI+ nos jovens LGBTQI+, considerando necessário mais estudos em torno do fenômeno das redes sociais, plataformas digitais e os impactos formativos que possam existir. Na comunidade de jovens LGBTQI+, percebe-se aspectos que tornam este acontecimento ainda mais particular diante da comunidade. Nesse sentido, este estudo permitirá compreender como que os discursos dos Youtubers, chegam em seu público alvo. O presente projeto de pesquisa tem como objetivo investigar a relação estabelecida entre jovens e youtubers LGBTQI+ e observar se eles têm cumprido o papel que se propõem no que diz respeito à informar e esclarecer jovens acerca da aceitação da sexualidade e do gênero e contribuir para a construção de subjetividades e desconstrução de paradigmas socioculturais hegemônicos.

Para a realização desta pesquisa, serão observadas e registradas a discussão/debate com Grupo Focal, coordenado pelo pesquisador, de forma que seja possível a partir de questões disparadoras, permitir que emergjam dados para serem analisados posteriormente. Serão 2 encontros de 2 horas de duração, por meio de vídeo conferência o qual o link será enviado aos participantes conforme data programada. As atividades do grupo serão gravadas como forma de registro dos dados. É importante dizer que a gravação e as análises visam, unicamente, o conhecimento em torno das possíveis influências formativas dos Youtubers em relação com os jovens LGBTQI+. Num primeiro contato pode existir um desconforto inicial, em relação ao grupo e a gravação, ou até com a temática, caso aconteça traremos a discussão para o grupo de forma que tranquilizem e esse desconforto seja esclarecido e superado.

A gravação será realizada durante a vídeo conferência. Desse modo, não há quaisquer gastos na participação, portanto, nenhuma forma de reembolso. As gravações serão vistas e transcritas pelo pesquisador, para análise posterior e apenas as transcrições serão usadas para a escrita da pesquisa. Com isso, é preciso que as gravações sejam guardadas até o término do estudo, previsto para março de 2021, para depois todas serem apagadas. A pesquisa contribui, com o benefício social na construção de conhecimento acerca das interações constitutivas, entre youtubers e jovens LGBTQI+.

Estarei à disposição para esclarecer dúvidas sobre este estudo, antes, durante ou após a coleta de dados (filmagens). Caso durante o período de realização da pesquisa você não queira continuar participando deste projeto, poderá tirar este consentimento a qualquer momento, sem qualquer penalização e sem nenhum prejuízo.

Reafirmamos que será garantida a não identificação de você participante, portanto, o sigilo dos dados confidenciais envolvidos na pesquisa.

O contato com as pesquisadoras poderá ser feito no endereço da Universidade de São Paulo – *campus* Ribeirão Preto: Avenida Bandeirantes, 3900, Monte Alegre, Ribeirão Preto - SP, CEP 14040-90 - Bloco 13, sala 03. Poderá ser feito também pelos telefones (16) 9.9227-2646 ou (16) 3315-0375 ou por e-mail - rafaelfelix@usp.br ou analodi@ffclrp.usp.br

Para realização de denúncias e/ou reclamações referentes aos aspectos éticos da pesquisa, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP/USP: Avenida Bandeirantes, 3900 - Bloco 01 –Prédio da Administração – sala 07 Avenida Bandeirantes, 3900 14040-901 - Ribeirão Preto - SP - Brasil. Telefone (16)3315-4811 – Atendimento de 2ª a 6ª das 13h30 às 17h30, e-mail coetp@ffclrp.usp.br.

Caso aceite esteja de acordo com os termos desta pesquisa são necessárias sua identificação, assim como a sua assinatura. Você receberá uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para o seu acompanhamento e sua segurança.

Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP

E-mail:

Nome: _____

Data: _____

Assinatura: _____

Rafael Felix de Oliveira

Mestrando P.P.G. em Educação
Fac. de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto

Universidade de São Paulo

Profa. Dra. Ana Claudia
Balieiro Lodi

Docente do P.P.G. em Educação
Fac. de Filosofia, Ciência e Letras de
Ribeirão Preto

Universidade de São Paulo